

SERÕES



Summario

<u>MAGAZINE</u>	Pag.
MAHOMED TORRES (<i>illustração de frontispicio</i>).....	86
JULIO DINIZ EM OVAR (<i>17 illustrações</i>) por ANTHERO DE FIGUEIREDO.....	87
A ASSISTENCIA PUBLICA EM PORTUGAL—HOSPITAL DO REGO (<i>9 illustrações</i>) pelo PROFESSOR DR. CURRY CABRAL.....	100
OS PRISIONEIROS RUSSOS (<i>2 illustrações e 2 vinhetas</i>) por WENCESIAU DE MORAES.....	112
NALY (<i>1 illustração de Antonio Carneiro</i>) poesia por CHRYSTOVAM AYRES.....	115
A NOVA PARIS DA AMERICA DO SUL (<i>9 illustrações</i>) por JOÃO LUSO.....	117
BENITA, ROMANCE AFRICANO (<i>5 illustrações e 1 vinheta</i>) por H. RIDER HAGGARD.....	124
ADEUS (<i>1 vinheta</i>) soneto por AMADEU AMARAL.....	136
A CONFERENCIA D'ALGECIRAS (<i>19 illustrações, clichés de J. BENOLIEL</i>).....	137
O CANAL DO PANAMÁ (<i>9 illustrações e 2 vinhetas</i>).....	145
SE A MOCIDADE SOUBESSE... (<i>2 illustrações</i>) por AGNES E EGERTON CASTLE.....	154
OS SERÕES DOS BÉBÉS — NICOLAU E VENCESLAU (<i>8 illustrações e 1 vinheta</i>).....	161
CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES (<i>2 photographias</i>).....	163 e 164
ACTUALIDADES: Grandes Topicos, Vida na Sciencia e na Industria, Vida nas Letras, Vida nos Campos, Vida no Sport (<i>14 illustrações</i>).....	165

OS SERÕES DAS SENHORAS (28 Illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS pag. 137	PELOS ALTOS :
Os NOSSOS FIGURINOS » 140	IDYLLIOS REGIOS—Os REIS DE INGLATERRA
DOIS ELEGANTES CHAPEUS..... » 141	E OS IMPERADORES D'ALLEMANHA... pag. 147
A NOSSA FOLHA DE MOLDES..... » 142	CONSULTORIO DE LUIZA..... » 149
LAVORES FEMININOS » 144	NOTAS DA DONA DE CASA..... » 151

Uma folha solta de moldes

Grande numero de pequenos artigos de hygiene domestica, receitas caseiras, advertencias uteis, etc.

A MUSICA DOS SERÕES

AVE-MARIA

Letra de ACCACIO DE PAIVA, Musica de ILYDIO AMADO..... 4 paginas

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias	Brazil	Estrangeiro
Anno..... 2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)
Semestre..... 1\$200	Moeda fraca..... 12\$000	Frs..... 15,00
Trimestre..... 600		

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

A capa dos SERÕES



Estão promptas as capas do 1.º volume d'esta nossa serie dos *Serões*, capas de um bello effeito, em fundo de percalina vermelha com ornatos a ouro e negro, effeito que mal se pode calcular pela reproducção sem cores que acima apresentamos.

Para sermos agradaveis aos nossos prezados assignantes e leitores, *reduzimos a 300 réis o preço, que antecipadamente annunciaramos de 400 réis*. Por modico preço irão pois os nossos leitores formando uma magnifica collecção, digna de figurar nas estantes dos mais exigentes bibliophilos.

Correspondencia dos Serões

QUEBRA CABEÇAS

Com grande surpresa nossa, não recebemos correspondencia alguma relativa aos problemas publicados n'esta secção, no nosso numero 6. Eram tres os que demandavam resposta, a qual em seguida vamos apresentar, duvidosos sobre se o silencio dos nossos amaveis correspondentes provem da difficuldade das adivinhas, se da pouca attenção que lhes mereceram.

Na piúgada dos fugitivos.

É a seguinte a solução d'este divertido problema: O fugitivo partiu da estação n.º 1 a pé, levando a creança; na estação n.º 2, montou n'uma byciclette e, levando sempre a creança chegou á estação n.º 3; ahi col-

locou a creança n'um carrinho de pedreiro, como indicam os vestigios dos pés do carrinho, parou antes de chegar ao n.º 4, poz no chão o pequeno, o qual foi andando ao lado d'elle até áquella estação; d'ahi continuou o caminho n'um tricyclo, onde ia tambem a creança; no n.º 5 mudou para um monocyclo, mas a creança, que elle levava na machina, fel-o perder o equilibrio e cahir; pegou então na creança ao collo e levou-a até ao n.º 6; d'ahi partiu, levando a creança pela mão, mas mais adeante tornou a pegar-lhe ao collo e assim completou a jornada até ao n.º 7.

Banquete de familia.

O sujeito era viuvo, com uma filha e uma irmã. Elle e o pae (tambem viuvô) casaram

com duas irmãs (tendo a mulher do sujeito já uma filha do primeiro matrimonio); assim ficou elle cunhado do pae.

O irmão do sujeito casou com uma enteada d'este; assim ficou elle sogro do irmão. O sogro do sujeito casou com a irmã d'este; ficaram pois sendo cunhados. O cunhado do sujeito casou com a filha d'este, d'onde resultou ficar o sujeito sogro do cunhado.

Portanto era elle que desempenhava todos os quatro papeis mencionados.

Calculo exquisito.—Este enigma, cujo titulo vem por signal errado no texto, tem por solução a palavra CLIO, a qual, como sabem, é o nome da musa da historia, na mythologia classica. Effectivamente, cento e um, em numeração romana, escreve-se CI. Se a estas letras entremiarem L (cincoenta) e se lhe acrescentarem uma cifra O, fica esse nome, um de entre os das nove musas.

Labyrinthos.—Continuem os nossos leitores, que estiverem para isso, a penitenciar-se n'esta quadra de quaresma, na procura do caminho para chegarem ao centro das figuras.

A PRIMA DE JULIO DINIZ

No artigo consagrado n'este numero ao eminente e chorado romancista, escapou um equivoco com respeito á gravura a pagina 93. A senhora D. Maria Zagallo Gomes Coelho não é a figura á direita, mas sim a que se vê a meio da gravura. Pedimos desculpa

d'este equivoco, devido a uma confusão justificavel do paginador, desconhecedor dos locaes e das pessoas.

CORRESPONDENCIA VARIA

Continuamos a receber incentivos e elogios de todos os pontos do paiz, que muito agradecemos, e conjuntamente alguns conselhos e algumas reclamações a que daremos a devida attenção.

Destacamos, para particularmente lhes respondermos, as observações que delicadamente nos dirige *Um quidam, assignante dos Serões.*

A secção intitulada *Serões dos Bébés* poderá talvez ser transferida para os *Serões das Senhoras*, mas essa transferencia, a ser possivel, só se deverá fazer quando esta ultima secção, separada do corpo do magazine, concluir o seu 1.º volume, isto é, no fim do anno que termina em junho proximo. Deve o nosso amavel correspondente concordar que isto é mais harmonico e razoavel. Não promettemos comtudo formalmente fazel-o, porque poderá ser que a isso se opponham outras conveniencias dignas de attenção.

Quanto ás *Actualidades*, nem sempre o espaço de que dispomos nos permite dar-lhes todo o desenvolvimento que desejaríamos.

Mas deve attender-se a que essa secção é, por assim dizer, eventual n'um magazine da indole dos *Serões*, e que muitos dos assumptos palpitantes de politica, arte, sciencia, etc. são objectos de artigos especiaes no corpo da nossa revista.



M.^{me} Leite da Silva

Robes et Manteaux

87-D, Avenida da Liberdade, 2.^o andar

LISBOA

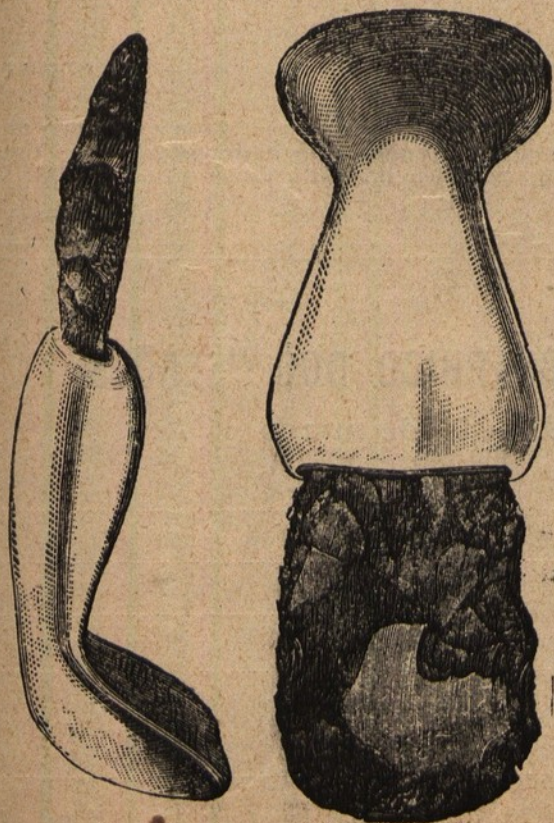


O Homem Primitivo

POR

Edward Clodd

N'este livro, que é o segundo da nossa *Bibliotheca de Conhecimentos Úteis*, Edward Clodd traça-nos n'um vasto panorama cheio de pittoresco e de interesse, toda a lenta ascensão através extensas e mysteriosas edades, investigando as origens scientificas da vida, procurando fixar o logar do homem na historia da vida do globo, esclarecendo o tão discutido problema do ponto da terra em que elle primeiro appareceu, estudando o lento desabrochar da sua intelligencia ainda balbuciante e tímida, durante as edades de pedra, de ferro, dos metaes, através de tantos milhares e milhares d'annos nos quaes o ser, que estava apenas ou quasi nada acima do anthropoide, se transforma no orgulhoso dominador das forças da Natureza. E assim, o leitor maravilhado facilmente comprehende o que ha de formidavel e enorme no pridigioso desenvolvimento humano, que vae desde as desencabadas e rudes armas e ferramentas de ferro até ao terrivel torpedo e ao gigantesco obuz que, á distancia de vinte kilometros, tudo varre e esmaga, desde o vestuario de herva entrançada até ao agasalhador *complet* de bom cheviote da Covilhã, desde a desabrigada choça varrida por todos os ventos até á moderna casa de habitação cheia de conforto, recheiada de mil luxuosas coisas.



RÁSPADOR DE ESQUIMÓS

1 vol. illustrado e ricamente encadernado

300 Réis

O segundo concurso de

PHOTOGRAPHIA

Aberto pelos "SERÕES"

O magnifico exito que obteve o nosso primeiro concurso de photographia, limitado apenas aos photographos amadores, leva-nos a abrir já n'este numero dos **SERÕES** um outro, a que poderão concorrer não só os profissionais e os amadores de photographia mas os proprios paes de familia, ou outras quaesquer pessoas que tenham creanças a seu cargo, visto que o thema que agora offerecemos se, profissionalmente interessa os primeiros, não menos apaixonará e captivará os segundos.

Visto que as **Creanças**, pela graça de flor das suas phisionomias, pelo tocante encanto das suas attitudes, pela radiosa vivacidade dos seus gestos, pela cariciosa e angelica expressão dos seus rostinhos meigos, são um elemento superior de Esthetica e um manancial fecundo de Poesia e de Belleza, será á glorificação e á apotheose da infancia que este concurso se destina.

Todos poderão, portanto, concorrer com quaesquer photographias, contanto que não tenham sido publicadas de

CREANÇAS OU GRUPOS DE CREANÇAS DIVERSAS

Devem além d'isso os concorrentes submitter-se ás seguintes

CONDIÇÕES

1.º — As photographias devem ser de qualquer formato conforme a vontade do concorrente, contanto que o minimo seja o de 9 × 12 centimetros.

2.º — As photographias premiadas serão publicadas nos **SERÕES** com o nome e a residencia do concorrente. Além d'isso a direcção dos **SERÕES** reserva-se o direito de publicar, com menção honrosa, todas aquellas que d'isso forem julgadas dignas.

3.º — A propriedade de todas as photographias premiadas, para os effeitos da publicação, ficará pertencendo aos **SERÕES**.

4.º — A direcção dos **SERÕES** não se compromette a devolver as provas que lhe forem remetidas, a não ser que para isso lhe enviem um envelope devidamente estampilhado.

5.º — A decisão dos **SERÕES** será definitiva.

6.º — As provas devem ser enviadas á direcção dos **SERÕES** com o boletim que abaixo publicamos, o qual se cortará da pagina e se preencherá devidamente.

7.º — Haverá TRES PREMIOS, sendo o primeiro de **10\$000 réis**; o segundo **Uma colleção dos 4 volumes dos SERÕES** já publicados ou, se o preferirem, **Uma caixa com bonecos**; o terceiro **Uma assignatura de um anno nos SERÕES** a qual póde reverter em favor de qualquer pessoa indicada pelo premiado, caso este já seja assignante.

Boletim para cortar e remetter com a photographia

SEGUNDO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"

Ultimo dia de recepção — 31 de março

Titulo da photographia.....

Local em que foi tirada.....

Nome e endereço do photographo ou da pessoa que nol-a enviar.....

Declaração. — Declaro que a photographia, que junto remetto, nunca foi publicada.

Assignatura.....

Endereço: A' Direcção dos **SERÕES**, Livraria Ferreira & Oliveira L.^{da}, Rua Aurea, 132 a 138, devendo no verso do envelope indicar — Concurso de photographia.



MOHOMED TORRES
Delegado marroquino á conferencia de Algeciras



OVAR — LARGO DOS CAMPOS, ONDE ESTÁ SITUADA A CASA EM QUE RESIDIU JULIO DINIZ

JULIO DINIZ

em Ovar (*)

PORQUE motivo deixei eu, num Agosto torrido, as campinas de arrosaes do termo de Estarreja pela densa poeira das estradas que levam á villa de Ovar — essa asustadiça terreola que fugida ao oceano, estacou alli, dispersadamente, entre canaviaes sombrios e ralos pinhaes de chão areento? Porque motivo, num inverno de Janeiro, desci do vagão e patinhei minhas sapatolas na enlameada gare de Ovar?; e, atravessando por entre saias ensacadas e viscosas de varinas maltrapilhas, cabeceando em lividas caras, com dedadas de sombra, de homens encapuzados em burel, me

atolei na lama antipathica dessa villa abafada em nevoeiros? Porque? Porque me disseram que vivera ahi, havia annos, — quarenta — um homem de espirito triste que amava a solidão e era meigo no convivio de almas simples e bondosas. Um idealista que soffria do mal de viver — elle que não encontrara na terra almas como a sua havia creado para amar. Esse homem era um escritor portuense, de corpo franzino, mãos estreitas, face pallida e olhar sem riso, que morrera, precocemente, aos 32 annos, deixando romances escritos numa

(*) Do livro em preparação *Terras Portuguezas*.



O DR. JOSÉ JOAQUIM GOMES COELHO,
PAE DE JULIO DINIZ,

que, segundo a opinião do sr. Alberto Pimentel, poderia ter concorrido para o typo de cirurgião antigo que Julio Diniz creou no dr João Semana. ()*

lingua pobre e numa prosa commum, mas compostos com tão affavel simplicidade e tal harmonia, nas paisagens doces e nos caracteres suaves, que delles irradiava para o leitor a poesia das coisas vagas e delicadas, e tambem a do amôr romantizado que é a que melhor entende e de que mais se agrada o coração português. Esse homem era Julio Diniz.

(*) Dr. José Joaquim Gomes Coelho, pae de Julio Diniz, era cirurgião pela Escola Medica do Porto, facultativo effectivo do hospital da ordem de S. Francisco n'aquella cidade e tinha a sua principal clinica em Villa Nova de Gaia. Nasceu em Ovar em 22 de agosto de 1802, casou em 20 de agosto de 1827 no Porto com D. Anna Constança Potter tendo d'este matrimonio 9 filhos, um dos quaes (o oitavo) foi Joaquim Guilherme Gomes Coelho (Julio Diniz).

Depois da morte de Julio Diniz, seu ultimo companheiro, veio viver para Lisboa para casa de sua neta D. Anna Gomes Coelho da Silva, onde morreu quasi repentinamente, aos 83 annos, em 21 de julho de 1885. Está sepultado no cemiterio de Agramonte, no Porto, no jazigo onde já estavam seus filhos José e Joaquim (Julio Diniz).

*
* *

Mas eu não fui pedir a esse clima nem a essa paisagem que me explicassem a alma de semelhante autôr; e muito menos a estrutura ideal das personagens de seus romances. Paisagens e personagens levava-as elle consigo para aonde ia. Essas mulheres de candidos corações, esses padres cheios de bondade, esses fidalgos recortados pelas linhas da nobreza antiga — essas equilibradas figuras bemquistas concertaram-as mais sua indole que as viram seus olhos. Uma vez creadas em sua poetica imaginação e afagadas as asperezas da realidade que feria sua alma terna, buscava uma atmospheria de branda sympathia que não interrompesse seus sonhos imprecisos e primorosos de idealista. O mais eram creaturas pittorescas que punha a girar em volta da acção principal — creaturas episodicas, decorativas, como decorativos eram esses quadriños de paisagens risonhas, de colorido esmaltado, que logo agradavam aos olhos e deixavam na alma a fragancia das pastoraes e dos idyllios. Seus romances não tem datas, nem se passam em lugares determinados, porque, na verdade, as suas «Pupillas» tanto podem ser de hontem como de hoje, tanto podem ter vivido em Ovar como em Santo Thyrsó, no termo do Porto ou nos arredores de Vianna. Do norte é que precisam de ser porque é de ahi o coração do autôr.

A paisagem, garrida e facil, essa é evidentemente localizada ora no Minho, ora no baixo Doiro; e a penetrante e doce melancolia de seus livros vem justamente do contraste entre a meiguice triste das almas generosas em que a sua se demora e



O DR. JOÃO JOSÉ
DA SILVEIRA,

fallecido em Ovar em 1896, que serviu de modelo do dr. João Semana.

essa viva luz de côres á desgarrada. O desgosto das coisas não o penetra: penetra-o a tristeza do seu scismar; e essa, como a sombra da trova, vai para aonde elle fôr.

Tambem me não fui encontrar com certa mulher que uma lenda local diz ter sido o modêlo da mais nobre alma

ças, elegancias vindas de longe, demorado enlevo, caricias penetrantes, silvas de amôr que tudo promettem!

.....
Disso que iria eu encontrar? Silencio! Sombra! Sombra — eis o que fica de tudo que foi alvorôço!

Não, não procurei essa mulher.



OVAR — CAPELLA DAS ALMAS NO LARGO DO CAMPOS

que vive nas paginas das «Pupillas do Sr. Reitor»; e, mais que modêlo, fito de uma affeição pura e secreta. Bastou-me ver-lhe o retrato. Ah! o prestigio dos retratos antigos de mulher môça e linda! Ilusão e audacia! A mocidade florindo no agrado inconsciente que o instinto põe no olhar, no sorriso, na linha do busto, na physionomia das mãos — no todo da figura para que na vida da especie não acabem nunca as primaveras! Retratos antigos de mulher môça e linda! Gra

Demais, eu creio que Julio Diniz amando sempre — a todas as horas, a todos os momentos da sua vida inquieta — nunca amou mulher nenhuma! Dobrado sobre si, o solitario do Bairro de Villar passou a vida acariciando, com seus dedos de poeta e de litterato, as linhas vagas das suas creaturas ideadas. Descer dahi á vida seria desfazer, por suas mãos, prestigiosa urdidura! Seus instintos serenos, seu morbido temperamento não o impulsavam para a mulher pela mulher e da mulher para o so-



OVAR — CASA, NO LARGO DOS CAMPOS,
onde Julio Diniz começou a escrever as «Pupillas do sr. Reitor» em junho de 1863

nho; mas, pelo contrario, esqueciam-se de a desejar, quando o poeta fechava os olhos para ver... as amaveis mentiras dos seus sonhos! Para taes feitos, nenhuma mulher vale a mulher imaginada; e neste mysterio está todo o encanto, neste desejo toda a magia! Ah! se elle um dia, por acaso, tivesse encontrado a mulher tal qual a scismara, que decepção! De repente, todo esse mundo desconhecido desapareceria; toda essa nebulosa de figuras meigas e discretas se desfaria ante a belleza da Realidade — coisa, neste ponto, sem belleza para elle! Não, Julio Diniz, o apologista do «amor sem objecto como o mais puro e expontaneo culto do coração humano,» (*) nunca amou mulher nenhuma!

Nada fui, pois, perguntar a essa terra de vareiros; mas sómente procurar o rasto da alma de Julio Diniz por

esses lugares onde ella, incerta, poisara nesse verão de 63, fugida aos nevoeiros do Porto; fugida ao trato duro dos negociantes da Banharia e da rua das Flôres, para quem os poetas de então eram a ralé das almas; fugida, principalmente de si proprio!

O espirito de Julio Diniz! Parece-me que o sinto commigo, porque já minha penna se demora com agrado em devaneios suaves!

.....
Entremos na villa.

*
* *

Vindo dos lados de Estarreja, é preciso andar um bom quarto de hora, por longa rua de casas baixas, brancas, e invariaveis de typo — porta e janela, porta e janela, portas de almofadas e janelas de bisonhas rotulas — para chegar ao centro da villa. Antes, atraves-

(*) «Pupillas do Sr. Reitor».



OVAR — CASA DO JOÃO DA ESQUINA
E' a primeira á direita.

sa-se um pequeno largo de australianas modestas e casaes miudos; passa-se por uma igreja, de adro triste e dois campanarios tão agoirentos que parece que as corujas uivam ahi ao sol alto do meio dia; e pouco depois chega-se á praça, centro commercial, burocratico e politico da terra, onde ha os Paços do Concelho — construcção moderna, de farto telhado marselhês, a que tenho de voltar as costas para poder ver uma casa de um só andar, pequena, singela mas que é alguem na terra: a casa do Sr. *João da Esquina*.

Para além da praça, segue uma rua, e logo adiante, já no extremo da villa, ha um largo com arvores, casas baixas e uma capella ao fundo. A estrada, atravessado o largo, foge, livre, numa linha recta, por entre altos eucalyptos e lá vai até o mar, até o Fura-doiro — uma praia dalli a poucas leguas.

O lado esquerdo desta pequena



PATEO E PORTA DA COSINHA DA CASA DO LARGO DOS CAMPOS

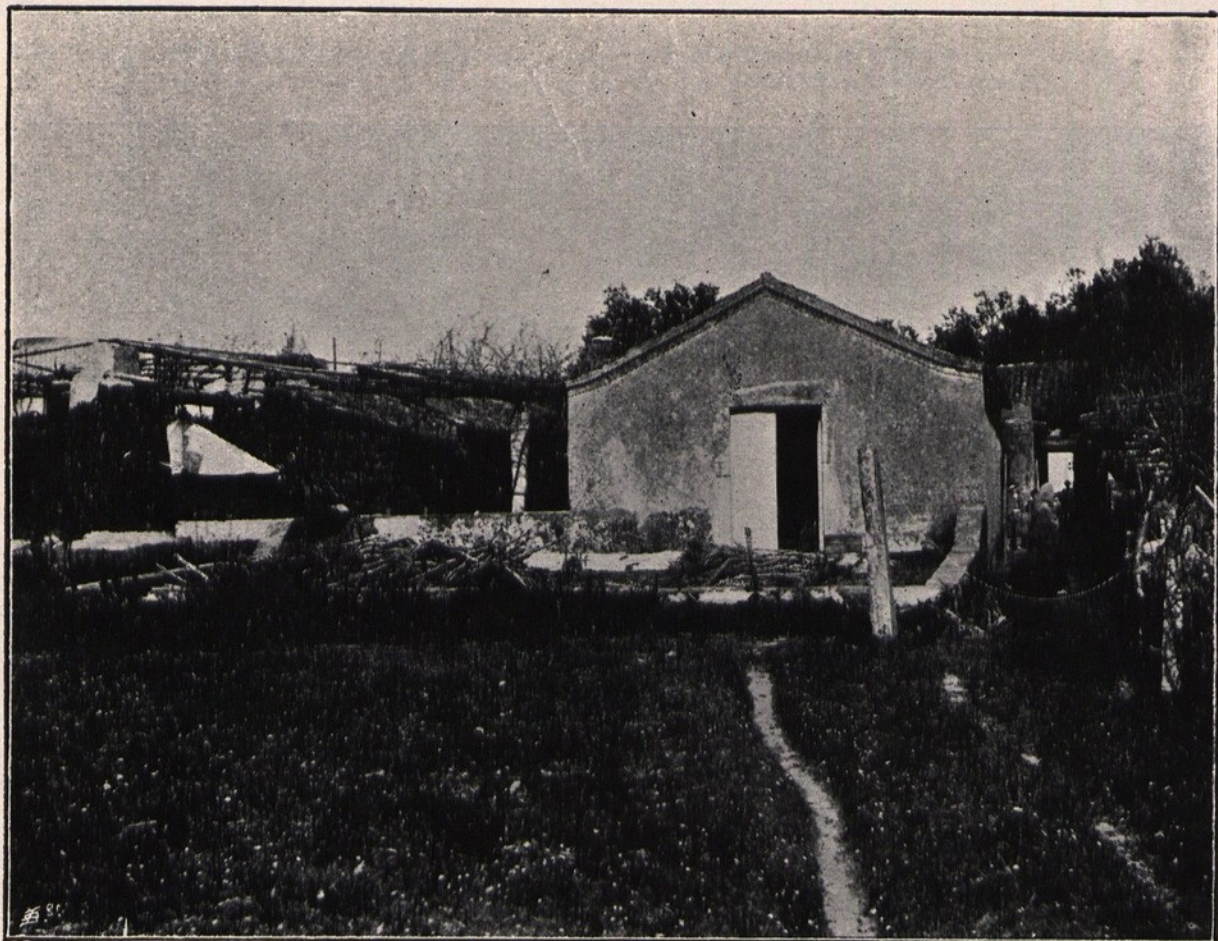
praça calada é quasi todo composto do tal typo de casas terreas de porta e janela. Uma dellas, guardada entre dois cunhaes, fazendo esquina para um beco, tem por cima da porta o numero 14, e a janela, de vidros aos quadradinhos, não tem rotulas. E' silenciosa a frontaria, triste a cortina da janela fechada, e, visto dahi, é merencorio o largo, as arvores e a capella do fundo, que se chama das «Almas». E' nesta casa que viveu Julio Diniz ha quarenta e três annos, no verão de 63, desde Maio a principios de Setembro. Aqui ouvira elle contar casos succedidos na terra, e conhecera costumes, crenças, conceitos e maximas de que depois se serviu nos seus romances. Aqui teve á mão o medico de aldeia, o boticario doutoraço, o fatuo tendeiro, o padre, o bacharel nos typos tradicionaes que estimava encontrar e que não via no Porto porque, fazendo vida arredada, systematicamente se afastava dos

meios onde os pudera estudar. Aqui conviveu com pessoas que depois se chamaram Dorotheia de Alvapenha, Victorina do Mosteiro, Margarida, Maria, José das Dornas, João Semana e João da Esquina. Aqui finalmente, o seu espirito desalentado pela doença creou firmes esperanças de cura! (*)

Oh! casa amiga e insinuante que tiveste a caridade da illusão para com um meigo doente, e estimulaste um espirito abatido a crear livros que a tantas almas levou o deleite subtil de uma arte amena!

Bati á porta; logo uma velha creada veio abrir e não tardou que apparecesse uma senhora idosa, magra, pallida, do-

(*) Em 11 de Maio de 1863, escrevia numa carta ao seu amigo Custodio Passos: *Sera radical esta cura? Veremos.* A 3 de Julho: — *Espero completar aqui a cura de uma doença que hoje me vou quasi convencendo ter sido mais de imaginação que real.* A 3 de Julho do mesmo anno: — *... isto acaba de me provar que a minha cura é radical.*



OVAR — EIRA E CASA DA EIRA NO QUINTAL DO LARGO DOS CAMPOS



OVAR—OUTRO ASPECTO DO JARDIM E EIRA

A figura á direita é a prima de Julio Diniz, senhora D. Maria Zagallo Gomes Coelho

brada, os olhos azues e moidos — um todo cansado, resignado e amavel. Era a senhora D. *** prima direita de Julio Diniz. Tem hoje sessenta e tantos annos e tinha vinte, que deveram ter sido galantes e distinctos, quando, em 63, o o escritôr estivera nessa casa que era da mãe dessa senhora — tia de Julio Diniz por parte do pai. Havia quarenta annos! Mas como ella se lembra bem de Julio Diniz! Como tem presente todos os pormenores da vida que fez em Ovar o poeta seu primo!

— Aqui era a sala — diz com simplicidade. — Os moveis são os mesmos e estão onde estavam. Escrevia nesta mēsa e servia-se deste tinteiro.

Logo meus olhos sôfregos poisaram num modesto tinteiro de loiça negra, que estava sobre uma pequena mēsa encostada á parede daquella sala que dava para a porta por onde entrei — sala simples, de soalho nu, paredes caiadas, tecto liso de tabuas sobrepostas e pintadas, como os rodapés, as cornijas e

os frisos das portas, fingindo marmores de côres vivas. Alem dessa mēsa, havia um bahú de pregaria, algumas cadeiras e um armario, de dois corpos, meio cravado na parede, como é de uso naquelles sitios.

— Neste armario tinha a roupa; e nesta gaveta da direita guardava papeis e, cuido, segredos, porque a tinha sempre fechada e a chave comsigo.

E abrindo a gaveta, tirou de uma pequena caixa um retrato de Julio Diniz, aos 23 annos.

— É só o que tenho d'elle! disse.

Ficamos os dois calados, a olhar a photographia.

— Tinha um ar triste, affirmei eu, quebrando o silencio.

— No Porto, sim, e aqui quando chegou: tudo lhe aborrecia!; e até cuspinhava, ás escondidas, na palma da mão!

— E depois?

— Depois vi-o sempre satisfeito.

— Comtudo, já estava doente.

— Não sei. Nesta casa deu-se bem: veio para estar quatro dias e esteve quatro meses!—disse essa senhora, os olhos postos no retrato, separando com len-

— Era então nesta mēsa que elle escrevia? — perguntei, tocando de leve o verniz da madeira.

— Era. Que eu nunca o vi escrever,



JULIO DINIZ AOS 26 ANNOS (1865).

tidão as palavras que vinham cheias de recordações. E como, subitamente, um pouco de tosse a sacudira foi sentar-se numa cadeira, juncto á mēsa, encostando a cabeça á mão que guardava ainda o retrato de Julio Diniz.

nem ninguem. Sabiamos que escrevia, porque de manhã estavam aqui muitos papeis escriptos e cartas para o correio.

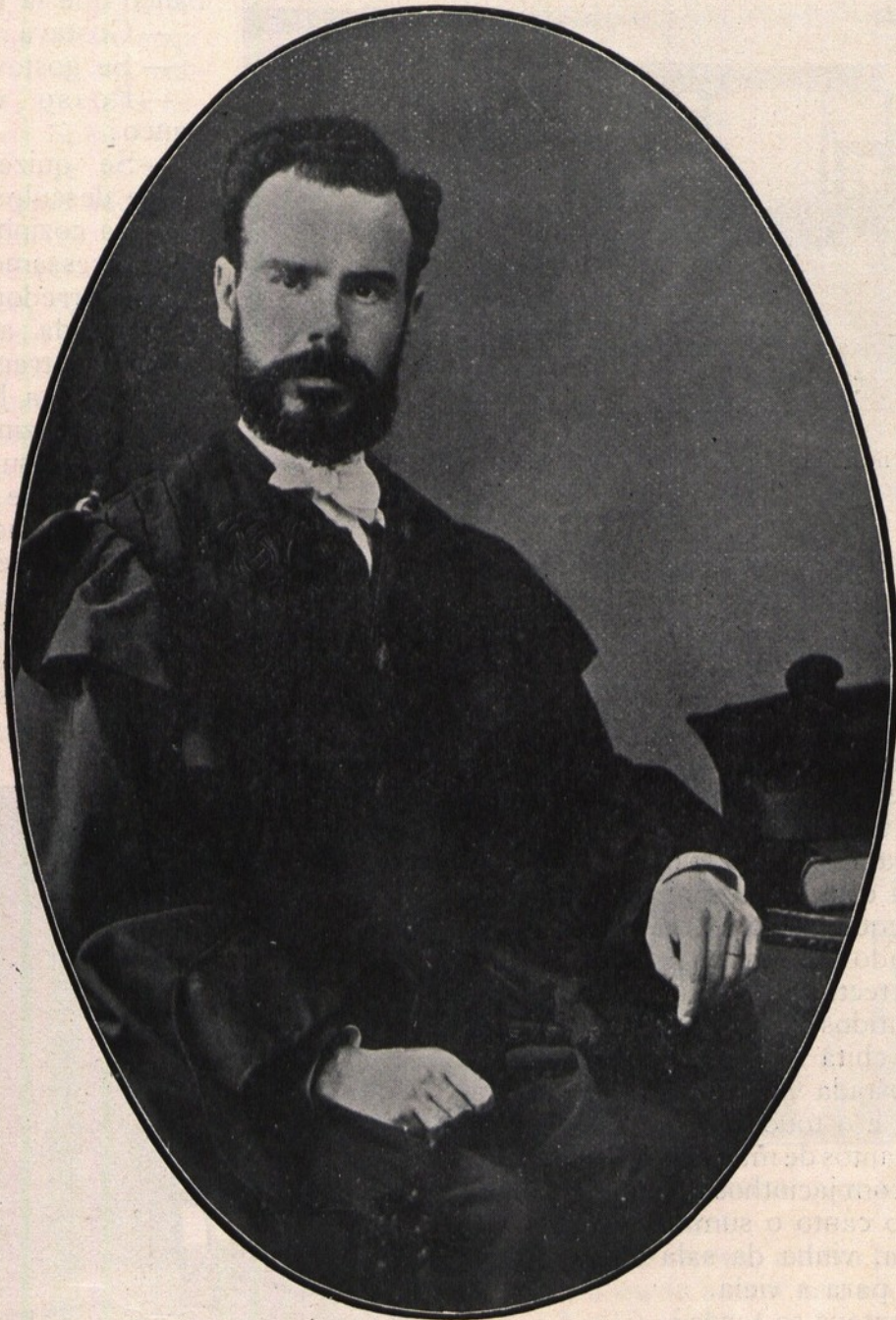
— Trabalhava de noite.

— Sim, talvez depois da ceia, quando se recolhia.

— De manhã, lia?
 — Não senhor, nê m jornaes. Passava o dia com minha mã e commigo a ver-me costurar. Gostava de saber tudo

e sobrecosido? E isto?» — Isto chama-se a bainha. — E assim muitas perguntas como estas.

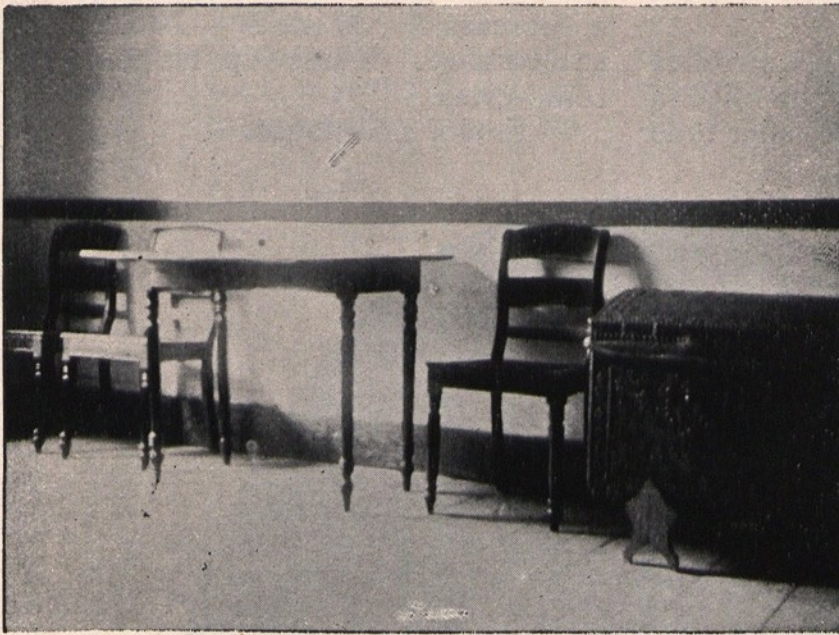
— Então, saía pouco.



JULIO DINIZ AOS 28 ANNOS (1867)

e de fazer muitas perguntas. Uma vez, estava eu a coser numa traveseira branca, e elle perguntou-me: «Oh prima, como se chama esse ponto?» — Pespon-to, respondi. — «E fica no fio?» — Não, depois sobrecese-se. — «Então é cosido

— Quando chegou do Porto, saía logo depois do almoço a buscar cartas ao correio; mas para o fim estava sempre por casa, a não ser em tardes bonitas que ia por esses campos, es-collendo, de preferencia, atalhos e ca-



CASA DO LARGO DOS CAMPOS — SALA DE ENTRADA E MESA
ONDE ESCREVIA JULIO DINIZ

minhos velhos. A's vezes, iamos tambem eu e minha mãe, levavamos fructa e ladrilhos de marmelada numa cesta; elle escolhia sitio, e merendavamos sentados no chão; e elle gostava tanto!

Vi passar na bôca dessa senhora o luar de um sorriso triste...; mas logo ella se levantou e foi abrir a porta de vidros de uma alcôva contigua á sala em que estavamos, dizendo:

— Aqui está o seu quarto de dormir. Era um pequeno quarto, quasi quadrado, rescendendo ás maçãs a corarem nos frisos do tecto. A cama, de pau setim com embutidos e a cabeceira almofadada de antiga chita ás ramagens largas, estava encostada á parede; defronte, a commoda e o toucador; dentro de uma redoma, santos de marfim entre jarrinhas doiradas com jacinthos de panno; um cabide; e ao canto o sumido lavatorio. A luz, pouca, vinha da sala e do postigo que dava para a viela.

— Levantava-se tarde?

— Ás 7 era o almoço, de garfo, e ao meio-dia o jantar; tomava chá á tardinha, e á noite, das 9 para as 10, pedia sempre caldo verde para a ceia.

— E até a essa hora que fazia?

— Ao principio, ainda ia a algumas casas ou vinham visitas; mas elle aborrecia-se de conversar com senhoras.

Com os caseiros ou com o nosso recebedor é que era vê-lo entretido! E de estar na cozinha, á lareira, sentado num banco que lá temos?!

— Gostava?

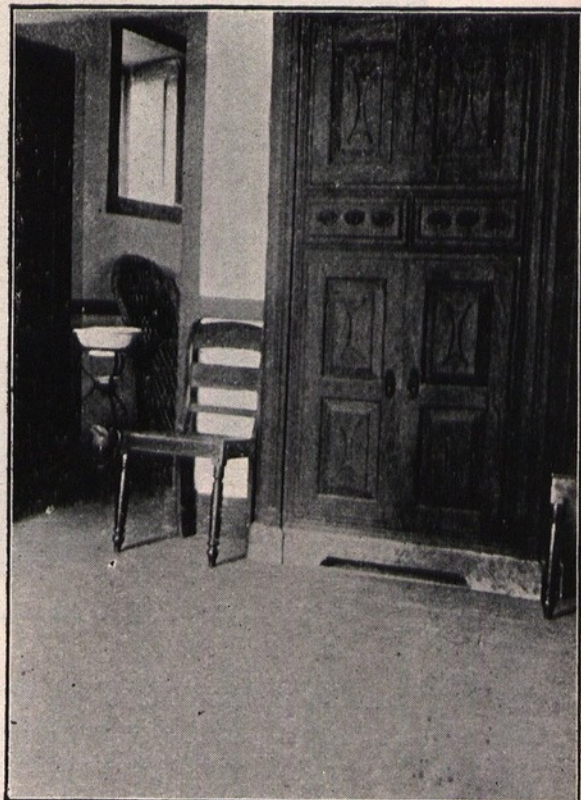
— Se gostava!

— Posso ver esse banco?

— Se quizer... mas ha de desculpar... é cá a nossa cozinha.

Atravessamos um pequeno corredor deixando á esquerda a casa de jantar e entramos na cozinha — uma bem caracteristica cozinha de aldeia com a sua farta lareira, especie de saleta dentro da enorme cha-

miné que desce dos lados até o chão e pela frente até a altura de um homem, para amigavelmente abrigar, no seu bojo, toda a familia da casa, os creados, os caseiros, os jornaleiros, os vizinhos, o cão e o gato borrarheiro! A um canto,



PARTE DA SALA E ENTRADA DO QUARTO
DE DORMIR DO ROMANCISTA

o forno onde se coze o pão para toda a semana, e, proximo, a maceira, a pe-neira, a pá e o varredoiro. Aos lados, armarios e a cantareira; pelas paredes, as candeias, o trem de cozinha e, em prateleiras, pratos de faiança de côres vivas, as travessas dos grandes assados e os boiões das conservas que se gastam pelo anno adeante. Mesmo dentro da lareira, lá estava o classico banco, especie de canapé sem palhinha, que se chega para o lume quando aperta o frio de Janeiro, fóra se ouve bater a chuva e passar correndo o vento alucinado sacudindo as portas nos ferrôlhos e nas tranqueiras. Ahi, avido de pittoresco, conversava Julio Diniz com os homens dos campos a respeito das cearas, das hortas; dos pomares, das vinhas e dos gados na franca linguagem de seus asperos plebeismos; ahi cogitava elle no que lhe dizia essa gente simples e respeitosa, enquanto na lareira os estalidos das cascudas achas dos pinheiros bravos faziam despertar o somnolento maltez e avivavam as brazas do borralho adormecido.

Na cozinha havia uma porta alpendrada que dava para o eido; e como eu, da soleira, estendesse os olhos por esse pateo ensombrado de videiras, logo essa senhora me explicou:

— Faziam-se aqui as esfolhadas que elle descreveu. Estou a vê-lo, sentado naquella pedra, a debulhar feijões e a rir com o José Travanca — homem mais alegre!... — que dizem ser o José das Dornas das «Pupillas».

— Aqui? — perguntei aproximando-me de uma velha mó encostada a um esteio.

— Sim, ahi com o nosso «Leão» aos



QUARTO DE CAMA E LEITO ONDE DORMIU JULIO DINIZ

pés. Outras vezes, estava horas no laranjal, a ouvir cantar um rouxinol.

— No laranjal?

— Já o não temos! Deu-lhe em secar, morreu...

Entardecia. Passamos ao pequeno jardim, que era para além de um murozinho esboroadado e de uma velha cancella gemente; e ahi tudo era abandono!

— Ao tempo, isto não estava assim. Eu cuidava muito de flôres e tinha as



COSINHA — PARTE FRONTEIRA À LAREIRA

pelo chão e em vasos neste muro. A's tardes, vínhamos para aqui, varriamos os carreiros, depois elle tirava agua daquelle poço e, enchendo o meu regador, ajudava-me a regar. Eu tinha então vinte annos e muito gôsto por estas coisas! Hoje... vê, cresce erva por toda a parte! Depois, esta minha doença!... Não me larga, cá estou com ella!

E sentando-se numa pedra tossiu cansadamente.

Ao entrarmos em casa, depois de um silencio perguntei:

— Julio Diniz nunca mais esteve aqui?

— Nunca mais, mas escrevia muitas vezes a minha mãe; e numa carta (que não sei como se perdeu) dizia por estas palavras: «os quatro menses que passei em Ovar foi o tempo mais feliz da minha vida».

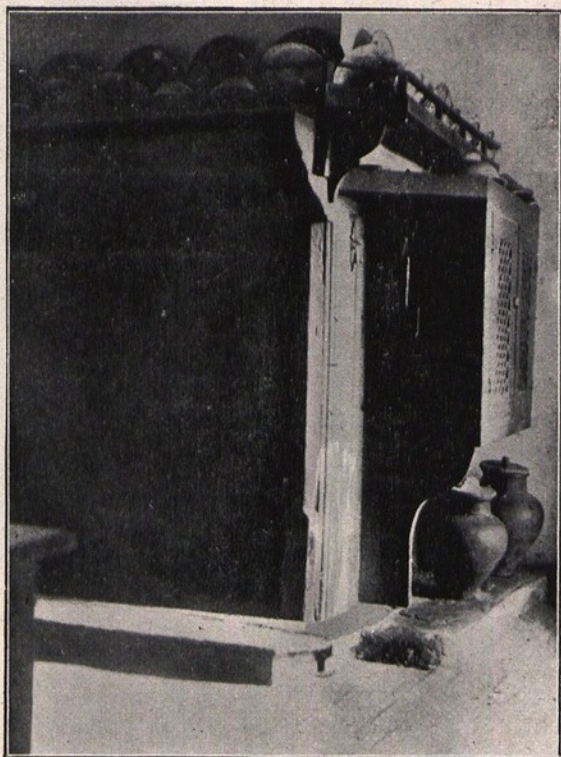
*

* *

Nessa mesma noite, ao deixar as ruas desertas e feias de Ovar, eu vinha pen-

sando nos últimos annos da vida de Julio Diniz e via-o em peregrinações por diversas terras, ora em Aveiro, ora em Felgueiras, ora no Porto, ora em Famalicão, ora em Fanzeres, ora em Lisboa, ora no Funchal, mudando de ares, em busca de saude, e permanentemente perseguido por uma febrezinha branda mas persistente e pontual que o irritava contra si picando-lhe o escondido orgulho, e o irritava contra os outros diante de quem mastigava silencias aborrecidos ou ironias aggressivas e tristes. A algumas dessas terras creou odio e em todas deixara o rasto amargoso do seu tedio; mas lembrando-se de Ovar sorria!

Então, comparei Ovar a certas mulheres humildes e feias por quem passamos sem reparar; mas que um dia, vindas pelo acaso á nossa cabeceira, numa hora desesperada de doença afflictiva, nos trazem um tal



COSINHA — LADO DA LAREIRA E CHAMINÉ

sorriso de carinho e de esperanza de que nunca mais nossa alma se esquece! Ovar foi essa mulher na existencia de Julio Diniz!

ANTHERO DE FIGUEIREDO



TINTEIRO E ARIEIRO DE QUE SE SERVIU JULIO DINIZ, QUANDO, EM OVAR, ESCREVEU AS PUPILLAS DO SR. REITOR (*)

Noticia biographica de Julio Diniz

Julio Diniz (Joaquim Guilherme Gomes Coelho) nasceu no Porto, na rua do Reguinho, em 14 de novembro de 1839, sendo baptisado na igreja de S. Nicolau em 18 do mesmo mez e anno. Era filho de José Joaquim Gomes Coelho, natural da villa de Ovar, cirurgião no Porto e de D. Anna Potter, neto paterno de José Gomes Coelho e D. Rosa Rodrigues, naturaes de Ovar e materno de Antonio Pereira Lopes, portuense, empregado da Companhia Geral do Alto Douro, e de D. Maria Potter, tambem nascida no Porto, mas filha de Thomaz Potter, subdito inglez natural de Londres, e de Maria Potter irlandeza, ambos catholicos. Julio Diniz cursou a Academia Polytechnica do Porto de 1853 a 1855 e formou se, aos 22 annos, em 1861, na Escola Medica do Porto, tendo sido premiado em seis disciplinas da Polytechnica e em oito da Escola Medica. Em 1865, foi despachado, em concurso, demonstrador da secção medica d'aquella escola, promovido a lente substituto em 27 de julho de 1867 e nomeado secretario e bibliothecario da mesma escola em 27 de agosto do mesmo anno.

Da sua notavel obra litteraria estão publicados, alem de varios folhetins dispersos em jornaes do Porto, os seguintes volumes: «As Pupillas do Sr. Reitor» (10.^a edição), «Uma Familia Ingleza» (7.^a edição), «A Morgadinha dos Cannaviaes» (8.^a edição), «Serões de Provincia» (6.^a edição), «Fidalgos da Casa Mourisca» (7.^a edição) e «Poesias» 3.^a edição.

Julio Diniz perdeu a mãe aos 5 annos victima da tuberculose, e d'essa fatal doença, que o victimou tambem a elle, morreram, primeiro seus oito irmãos. Sobrevivem hoje da familia Gomes Coelho seus sobrinhos, filhos de seu irmão Guilherme, D. Anna Gomes Coelho da Silva, viuva, sem filhos, e Guilherme Gomes Coelho, capitão de mar e guerra e seu filho Abel Ayala Gomes Coelho. Do lado materno, os primos Carlos Rodrigues de Freitas Pinto Coelho e D. Rita Rodrigues de Freitas Pinto Coelho e Pereira Barbosa, Constança Joaquim e Alberto primos em 2.^o grau. Do ramo de Ovar, existem os primos Dr. Antonio Zagallo Gomes Coelho com seis filhos e uma irmã, D. Maria Zagallo Gomes Coelho.

Falleceu Julio Diniz no Porto, na rua Costa Cabral em 12 de setembro de 1871, com 32 annos incompletos, sendo enterrado em jazigo no cemiterio de Cedofeita, d'onde foi trasladado em agosto de 1888 para o jazigo n.º 58 do cemiterio privativo da Ordem de S. Francisco em Agramonte, onde as suas ossadas estão juntas ás de seu irmão José, fallecido em 30 de dezembro de 1855 e ao cadaver de seu pae, fallecido em Lisboa em 21 de julho de 1885.

(*) «Principiei a escrever as «Pupillas» em Ovar (1863) durante os meses de Junho, Julho e Agosto. Terminei-as no Porto em setembro e outubro. Ficaram-me na gaveta até ao anno de 1866, em que resolvi publical-as. Alterei bastante o romance e ampliei-o introduzindo-lhe personagens e capitulos novos. Publicou-se em 1866 de março a julho. Publicou-se em volume em outubro de 1867. O primeiro exemplar brochado em 20 de outubro».

Esta nota, inedita, tirada de um livro de apontamentos de Julio Diniz, foi-nos amavelmente fornecida por um sobrinho do escrivão o Ex.^{mo} Sr. Guilherme Gomes Coelho, illustre official da nossa armada, a quem devemos as preciosas notas que acompanham este artigo.



Denominado vulgarmente «Hospital do Rego»

Ninguém mais competente para descrever em todos os pormenores a nova instituição hospitalar de que Lisboa foi dotada do que o eminente clinico a quem se deve sobretudo este importante melhoramento, o digno enfermeiro-mór, que mais este relevante serviço accrescenta aos muitos que já lhe deve a assistencia publica. Foi pois ao conselheiro Dr. Curry Cabral que os SERÕES se dirigiram para cabalmente informar os seus leitores sobre a necessidade e utilidade do novo hospital. S. Ex.^a promptamente accedeu ao nosso pedido, e o agradecimento que lhe endereçamos pela sua lucida e interessante exposição vae ser certamente reiterado pelos leitores dos SERÕES.

A QUE SE DESTINA O NOVO HOSPITAL.—SEU VALOR SOCIAL

Entre os factos que caracterizam a profunda remodelação que se está effectuando nas instituições hospitalares officiaes da cidade, tanto na sua installação como no seu funcionamento, no sentido de lhes dar actualidade e de tornar os doentes participantes dos enormes beneficios que as conquistas das sciencias offerecem aos que soffrem, avulta a construcção d'um novo e grande hospital destinado ao tratamento de doenças infecto-contagiosas e tambem a constituir um valiosissimo recurso em reserva para o caso de invasão d'alguma epidemia.

É um hospital privativo para o isolamento de doenças que, alem de perigosas para quem as soffre, são uma ameaça constante de morte para as populações em cujo seio se pro-

pagam facilmente;—doenças de varias especies, das quaes umas, em casos isolados, tendem a perpetuar-se onde as habitações se agglomeram, propagando-se os seus germens, disseminando-se, multiplicant-se por vezes de subito, perturbando o correr da vida normal da população com os terrores da epidemia e as devastações da morte:—taes são as bexigas que nunca deixam de existir em Lisboa e de annos a annos tomam o character epidemico, a escarlatina, o sarampo, o typho. Outras doenças propagam-se d'um modo constante e insidioso, sem aparato alarmante que desperte a attenção geral, porque a passagem dos seus germens de individuo para individuo se faz subtil, a sua fixação nos atacados não tem a denunciavel, em regra, o aparato da doença aguda e febril, nem desperta nas populações o alvoroço do ataque em massa das epidemias:—tal é a tuberculose que em verdadeiro e constante trabalho de sapa dizima mais as populações do que a acção relativamente fugaz das epidemias.



HOSPITAL DO REGO — VISTA GERAL.

É maravilha das mais sublimadas da sciencia que vem da ultima metade do seculo passado ter desvendado o segredo mysterioso da origem e da propagação de taes doenças.

Ficou-se sabendo, que essas doenças são devidas á acção de seres infimos, microscopicos, que toda a gente hoje conhece de nome, sob a denominação generica de microbios.

Com o ardor febril d'uma curiosidade até então nunca satisfeita os sabios vieram a conhecer d'um modo preciso os pormenores da vida d'esses seres infimos, da sua propagação e da sua disseminação.

São estes conhecimentos hoje triviaes.

Cada individuo atacado da doença é um centro de activa producção de microbios; muitos dos productos destacados dos doentes como escamas de pelle, expectoração dos pulmões, fezes dos intestinos, etc.—veem carregados de microbios; todos os objectos sobre que se fixam estes productos, são vehiculos para o seu transporte; a deposição dos germens feita por qualquer d'essas formas nos individuos sãos é o modo da sua sementeira; na receptividade de cada pessoa para esses germens estão as condições da sua germinação, na invasão do organismo por esses microbios, assim

recebidos, está a doença que não raro o victima e que por seu turno é foco de propagação para outros individuos.

O conhecimento d'este mechanismo que tantos seculos levou a alcançar, e que tão simples se enuncia hoje, é o mais fecundo em resultados praticos uteis á collectividade social de quantos as sciencias medicas inscrevem gloriosamente nos seus annaes.

D'ahi veio tornar-se racional e mais effizaz o tratamento dos individuos doentes; mas acima d'esse grande interesse, outro de superior importancia ficou tambem servido: a defeza da saude das populações pelo emprego dos meios que seguramente impedem a propagação dos contagios, e dos que levantam barreira impenetravel ao desenvolvimento da devastação epidemica, extinguindo-lhes os focos d'origem.

Os meios de defeza individual e de defeza collectiva são de tal precisão d'effeitos, que, applicados por todos os que compõem a população com a devida consciencia, dariam para a sociedade o enorme beneficio d'extinguir as doenças do genero contagioso.

Não pode haver duvidas a este respeito.

Descabidas seriam aqui as ponderações que

a grandeza do problema social bem merece.

É meio poderoso, embora insufficiente, para combater a propagação d'essas doenças separar dos sãos os individuos doentes, mantendo-os isolados, para que não transmittam a doença.

Receber esses doentes, tratá-los em isolamento para só os restituir ao convívio social quando n'elles estiverem extinctos os germens dos contagios, é o fim unico e exclusivo a que se destina o novo hospital, que assim vem preencher uma lacuna importante que havia na hospitalisação da nossa cidade.

IMPORTANCIA DO NOVO HOSPITAL PARA A ECONOMIA ADMINISTRATIVA

Alem d'este seu valor social a nova construcção é tambem d'uma alta importancia para a economia administrativa.

A invasão das epidemias tem sido sempre motivo de sobresalto e de difficuldades grandes para as administrações dos hospitaes e para o Estado.

Por estarem sempre cheios de doentes os

hospitaes, as manifestações epidemicas teem obrigado sempre a lançar mão de algum grande edificio, ou de qualquer casa para improvisar ahi, á pressa e sem olhar a preço, hospitaes para os atacados. Acabada a epidemia todo o capital fica perdido, com persistencia das mesmas deficiencias e difficuldades quando sobrevem nova epidemia.

O novo hospital pela sua grandeza e forma d'installação fica sendo um posto sempre montado e prompto para isolar os casos suspeitos e para receber todos os epidemicos.

N'elle se encontram realisados todos os principios que a sciencia dos nossos dias tem firmado como bons em hygiene e em prophylaxia. Não é copia do allemão, ou do inglez ou do francez:—é a realisação dos principios da sciencia em accommodação ao nosso meio e aos nossos recursos,—é uma construcção portugueza, sem pretensões algumas que não sejam as de alliar a maxima simplicidade e a maior modestia, aos rigores da hygiene pratica, procurando ao mesmo tempo dar conforto e bem estar aos doentes por forma a fazer-lhes esquecer as ideias sombrias que a velha tradição traz ligadas á ideia de hospital.



EDIFÍCIO DESTINADO AOS TUBERCULOSOS

PARTICIPAÇÃO DADA AOS POBRES NOS PROGRESSOS SCIENTIFICOS—OS PROGRESSOS SUCCESSIVOS DE HOSPITALISAÇÃO EM LISBOA.

É de inteira justiça que aos pobres e aos devalidos se dê algum quinhão dos grandes benefícios, com que o labutar das sciencias proporciona encantos á vida.

Essa partilha em assumpto de hospitalisação só vagarosamente se póde fazer, porque depende das installações e essas só se substituem á custa de milhares de contos de reis, de que em parte alguma é facil dispôr n'um dado momento.

Todavia o caminho está traçado, é de todos bem conhecido e seria pueril e até offensa escusada, querer ensinál-o a alguém, quando por elle temos já caminhado e vamos caminhando. O hospital primitivo, verdadeiro albergue para todos os doentes accumulados sem distincção alguma, pertence só á historia.

Na nossa cidade desapareceu desde que, por uma selecção, se começaram a separar algumas especies de doentes: os alienados para um hospital privativo—o de Rilhafolles, e os leprosos para outro hospital—o de S. Lazaro.

Ficou o hospital geral alliviado d'estas duas especies e iniciada a hospitalisação em especialidades. Esta forma de proceder é hoje uma

imposição da medicina pratica: ha necessidade de isolamentos para assegurar a efficacia do tratamento, é preciso fazer separações para o largo e sempre crescente desenvolvimento alcançado pelo estudo das especialidades.

E n'esse caminho lá se destacou do hospital geral de S. José para um instituto especial—o ophthalmologico—o tratamento das doenças d'olhos e para outro instituto—o bacteriologico—o tratamento da diphteria e o da raiva.

N'esse caminho ainda se particularisou em separado o tratamento das creanças de tenra idade, no hospital Estephania.

Com a mesma orientação foram sequestrados no hospital da Rainha D. Amelia os doentes portadores de contagios mais perigosos: tuberculos, bexigas, sarampos, etc.

Máo edificio para esse fim, que é agora substituido pelo grande e apropriado hospital novo

É ainda na mesma ordem d'ideias que o hospital da Rainha D. Amelia, vae servir para alojar os invalidos pela doença, verdadeiro hospital-hospicio, para onde o hospital geral descarregará os seus incuraveis.

Obediente á mesma noção de especialisar, vae em adeantada construcção um outro novo hospital—o de Santa Martha, para receber doenças d'outra forma contagiosas e



ENFERMARIA



ASPECTO DO TERRAÇO

cujo isolamento muito interessa á policia sanitaria.

Em seguimento do mesmo programma vae construir-se uma maternidade para separar do hospital geral o tratamento do parto e seus accidentes e dos recém-nascidos,—para o que já as côrtes votaram parte da verba precisa.

Assim se vae restringindo a funcção do hospital geral de S. José aos limites que a sciencia actual tem para elle traçado.

Evidente fica para os nossos leitores o modo como vamos seguindo na corrente das leis que no momento actual, em todo o mundo civilisado, regem a evolução das instituições hospitalares,—e qual o valor que (sob todos esses pontos de vista) tem o hospital novo, que não é simplesmente mais uma casa para receber doentes.

COMO SE POUDE LEVAR A EFEITO A NOVA CONSTRUÇÃO — TRAÇOS DE HISTORIA DO ANTIGO RECOLHIMENTO.

A realisação d'uma obra d'esta grandeza depende em grande parte de se aproveitar a oportunidade. Em 1901 governava um ministro do reino—o Conselheiro d'Estado Hintze Ribeiro—que alcançou toda a compre-

hensão do problema hospitalar e a perfeita consciencia da necessidade urgente de dotar a cidade com um bom hospital d'isolamento.

Por esse tempo a questão religiosa em effervescencia, teve como uma das suas consequencias serem mandadas sair do edificio, em que viviam recolhidas, as *Servitas de Nossa Senhora das Dores*, revertendo o edificio e seus pertences para a Fazenda Nacional.

Era uma area de 65.000 metros quadrados de superficie, n'uma situação hygienica muito boa.

A boa vontade do ministro fez entregar á administração dos hospitaes esse grande terreno e obteve das Camaras a votação dos meios precisos para se levantar aquella villa hospitalar, cuja edificação se completou em dois annos.

Pouco houve que aproveitar do edificio; apenas uma parte das suas paredes mestras.

Não era uma edificação que fizesse lembrar sequer a dos antigos conventos, nem podia sel-o, dadas as condições da sua origem e do seu successivo fabrico.

O que n'aquelle local havia na ultima metade do seculo XVIII eram umas casas e quintas pertencentes a Custodio Ferreira Goyos,

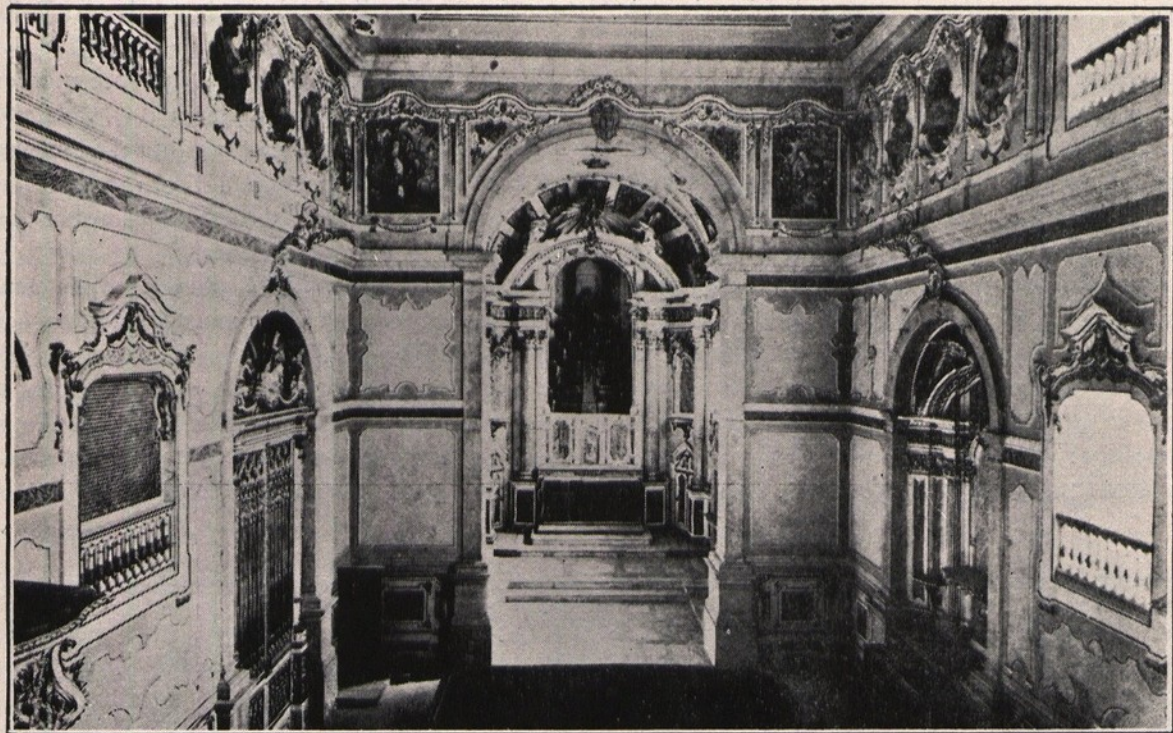
que passaram para os proprios da Fazenda Real, pela seguinte forma.

José Luiz Serra era devedor da renda da commenda de Mertola e Goyos era seu fiador. Em execução para o pagamento d'aquella dívida a propriedade foi arrematada por quatro contos e oito centos mil réis.

Depois de incorporada nos Proprios da Fazenda Real, a rainha sr.^a D. Maria I, fez mercê de a emprestar a Margarida das Mercês

A população do recolhimento cresceu grandemente em 1848, porque um decreto de 29 de maio d'esse anno mandou incorporar no recolhimento do Rego, o do Largo do Leão, junto a Arroyos, ficando ambos convertidos n'uma unica corporação com direitos e obrigações communs.

Quando esta corporação com o nome de Associação das servitas de Nossa Senhora das Dores, foi d'alli desalojada em 1901, para ir



INTERIOR DA EGREJA

e a Joaquina Ignacia, primeira e segunda regentes das recolhidas e convertidas de Nossa Senhora do Rosario, que se achavam estabelecidas junto ao Grilo, com obrigação de residirem alli com o mesmo recolhimento.

Gradualmente foram as recolhidas fazendo bemfeitorias, augmentando a casa, comprando terrenos, que foram sendo addicionados aos existentes para constituirem uma só propriedade com a natureza de patrimonio seu, tudo auctorisado por uma provisão regia em 1787.

Dadivas e offertas de bemfeitores toram occorendo ás despezas da ampliação do edificio e até, ao que parece, ás da construcção do templo, bonito e original, que lá está contiguo ao edificio.

installar-se no edificio do extincto convento do Desagravo que o governo lhe concedeu, deixou a igreja inteiramente nua e destituída de todos os objectos do culto que comsigo levou. A administração dos hospitaes conservou essa Igreja, tal qual a recebeu. Do edificio só poudé aproveitar uma parte das paredes, que assim ficaram determinando o contorno geral da edificação nova.

Tinha o edificio tres pavimentos cujo telhado correspondia ao que hoje é pavimento do ultimo andar, que todo foi levantado de novo, transformando-se a agglomeração de cellas infectas, onde a custo penetrava o ar e a luz atravez de frestas irregularmente abertas nas paredes, em espaçosas salas alegres, cheias de luz e d'ar vivificante.

A SITUAÇÃO DO NOVO HOSPITAL—
BELLESA DA PAIZAGEM

A situação do novo hospital é excellente. Uma vasta planície de 65,280 metros quadrados, desafogada completamente de casarias que viessem cingil-a em perigoso cerco, tol-dando-lhe a athmosphera com o fumo das suas chaminés, inquinando-lhe o ar com as exha-lações mephíticas que se levantam sempre da accumulção de habitações, ou quebrando o silencio e perturbando o repouso, tão neces-sarios aos que soffrem, com os ruidos da agi-tação da vida do povoado.

Nada d'isso.

A situação é verdadeiramente campestre, de horizontes largos e formosos d'onde o ar af-lue em corrente livre ou atravessando em al-guns logares a ramaria d'arvoredos que or-nam os campos distantes ou ensombram os parques proximos. Céu descoberto a derramar luz por toda a parte, durante todo o dia.

Pelo lado do norte corre a linha ferrea cha-mada de cintura e para alem d'ella o terreno torna-se accidentado tomando aspecto muito pittoresco: outeiros em cujo declive vegetam dispersas as oliveiras, planicies que se co-

brem de massiços d'arvoredo, casas em pe-queño numero, distanciadas uma das outras, de variadas architecturas e diferentes cores.

Ao nascente o antigo Campo Pequeno, onde se levantou a Praça de Touros e d'onde se es-tendem para o sul as novas avenidas por onde desfilam os carros electricos e para o Nor-te o caminho do Campo Grande. Para o lado do sul planicies de terras de horta, alem das quaes, distantes, se erguem as casas de ca-prichosa architectura que vão orlando outras avenidas—A. S. O. o antigo e frondoso parque, que foi Jardim Zoologico e logo alem o Velo-dromo.

Levantam-se para o lado do poente montes que se enfileiram para a Serra do Monsanto e que abrindo uma larga garganta deixam ver no extremo do horizonte a Serra de Cintra, com todos os recortes da sua crista sobre que se ostenta o Paço da Pena.

Assim é emoldurada a planície onde aca-bam de ser construidas umas 30 edificações que constituem o novo hospital; construcções de architectura singella, de linhas simples e elegantes na sua proporcionalidade, dando a todas o aspecto de casas de habitação, sa-dias e alegres, dispersadas por entre jardins



ENTRADA PRINCIPAL,—GRANDE ALA DO EDIFICIO DOS TUBERCULOSOS, E TERRAÇOS ENVIDRAÇADOS
—SECÇÃO DE CONSULTA EXTERNA E SALA DE OPERAÇÕES

e parques que as separam umas das outras, iluminadas de todos os lados por toda a luz que o céu pôde dar e purificadas pelo ar em continua circulação, que primeiro roçou pelos arvoredos e recebeu effluvios dos campos circumvisinhos.

O RECINTO DO HOSPITAL — FORMA GERAL DA SUA INSTALAÇÃO

Ao entrar no recinto, a ideia triste e lugubre de hospital, que as tradições trazem ainda alimentadas no animo do publico, foge insensivelmente.

O espirito é bem impressionado com o aspecto geral, que faz lembrar uma villa muito cuidada na sua hygiene. Os olhos só recebem a impressão alegre do risonho aspecto das casas dispostas em bellos arruamentos, separadas umas das outras por jardins e cercadas por arvoredo, verdadeira antithese dos antigos hospitaes que, installados em velhos edificios que foram conventos, conservam o triste aspecto d'uma clausura que deprime o espirito e mais penoso torna o soffrimento.

Tem o novo hospital capacidade para receber 728 doentes.

Porque os doentes ahi recebidos hão de ser unicamente os que soffrem doenças que ao mesmo tempo são infecciosas e contagiosas, e essas doenças são de especies variadas e todas transmissiveis, a construcção foi feita para que haja um edificio destinado a cada especie. Cada edificio é independentre e largamente separado dos outros, e em cada um ha enfermaria com as dependencias necessarias, entre as quaes é para ser notada uma sala para os convalescentes passarem o dia, com muito ar e muita luz, onde lhes são dados jogos e livros para se entreterem. A enfermaria ficará assim sendo só dormitorio para os doentes que já se levantam das suas camas.

Esta forma d'installação e de regimen que são inteiramente novos na nossa hospitalisação, deve trazer um grande bem estar aos doentes e favorecer muito a sua cura.

Cada edificio com a sua enfermaria, vae ter uma vida sua, completamente isolada dos outros, que é o meio de manter o isolamento e de estabelecer garantias contra a disseminação dos contagios.

Toda a vasta area do hospital é fechada por um muro, tendo duas unicas sahi-

das para a rua, uma do lado do nascente e outra do poente; só duas, para que se possa exercer a maxima vigilancia sobre o estado de saneamento de quanto de dentro do hospital tenha de sahir para a rua, assegurando-se assim a condição de não haver perigo para a população da cidade, mercê do rigor com que constantemente se hão-de executar os trabalhos de desinfecção de todos e de tudo dentro do hospital.

Ha porém serviços geraes e communs que não podem deixar de estar centralizados: os da cosinha, da pharmacia, do posto de desinfecção.

E como os contagios da doença tuberculose são mais facéis de isolar do que outros,—o grande edificio onde devem ser recebidos os tuberculosos e todas as installações dos serviços geraes, occupando um espaço de perto de vinte mil metros quadrados, constituem uma secção do hospital, separada, por um muro e gradeamento, da parte destinada a ter só os doentes mais contagiosos.

SECÇÃO DE TUBERCULOSOS

O edificio destinado para receber 212 tuberculosos, é o unico para que se aproveitou alguma coisa da construcção do velho recolhimento. Pouco foi; apenas algumas das suas paredes.

Tem este edificio, que é formado por tres alas, tres pavimentos sobrepostos: o primeiro e o segundo para clinica medica e cirurgica de homens e o terceiro para clinica medica e cirurgica do sexo feminino, havendo em ambos estes ultimos enfermarias para creanças.

Todas estas enfermarias teem abundantes janellas oppostas, por onde entra muita luz e muito ar.

A ventilação é ainda reforçada por duas series de ventiladores,—uma proxima do chão e a outra proxima do tecto.

Paredes lisas e envernizadas de meio para baixo, de facil desinfecção;—angulos arredondados para que se não juntem poeiras.

O mobiliario é simples, elegante e confortavel.

Leitos de ferro, colchões de rede metalica armada em ferro sobre os quaes assentam colchões de lã. Para cada doente uma banca de cabeceira, de ferro, movel elegante com acomodação para os objectos de uso individual e privativo de cada doente: garrafa d'a-

gua, escarrador, escova de dentes, pentes, toalha etc. Cada doente tem a sua cadeira.

Para os serviços de enfermaria aparadores de *pitch pine* com tampo d'ardosia, e mezas nas salas.

Sobre os moveis jarras das Caldas com flores, ornamentação que alegra a vista dos doentes e que a administração mandou pôr tambem nas enfermarias que se vão renovando em todos os hospitaes.

olhos se encaminham, illuminado com os tons que mudam com a posição do sol e os accidentes do céu, movimentado constantemente pelo comboio que passa, pelo carro electrico e pelas carruagens que distantes rodam nas avenidas, pelo labutar dos cultivadores das terras proximas, tudo a distrahir a concentração natural do espirito de cada doente na contemplação dos seus proprios males.

Na diligencia de levantar o animo dos doen-



OBRAS PARA O NOVÓ HOSPITAL DE SANTA MARTHA

É do regimen do hospital que as enfermarias sejam, quanto possivel, só dormitorios dos doentes e n'ellas permaneçam durante o dia apenas os doentes que não possam levantar-se das suas camas.

Em annexos fóra das enfermarias e nos seus topos estão os lavabos e retrtetes. Abrem as enfermarias para largas varandas descobertas e terraços envidraçados, de paredes em grande parte moveis para que o ar circule na quantidade em que se quizer, onde os doentes passarão o dia e onde tomarão as suas refeições.

N'estes terraços, alem da luz e do ar puro e agradável que se respira, a vista dos doentes tem com que se alegrar e o espirito tem com que se distrahir constantemente. O panorama é o que descrevemos cercando a area do hospital, variavel com a direcção em que os

tes está tambem estabelecido no regimen do hospital que a estes elementos naturaes de distracção, se juntem jogos variados, livros para leitura, estampas etc.

N'estes terraços abrem elevadores que trazem a comida e as loiças da cosinha.

As loiças são d'aluminio fabricadas no Porto. Os talheres e as roupas são tambem de fabrico nacional.

No pavimento inferior do edificio se encontram casas de banhos, residencia de medico, pharmacia, habitação do fiscal, sala da administração, residencia do pharmaceutico e do chefe dos machinistas, sala de desinfeção dos empregados, dispensa, arrecadação dos factos dos doentes.

Termina o edificio com a igreja, que se conserva tal como era no tempo do recolhimento.



RUA CENTRAL DOS PAVILHÕES — AO FUNDO A RESIDENCIA DO FISCAL E EMPREGADOS

—Bonita igreja um tanto original na sua ornamentação. Uma orla de antigos azulejos veste a base das paredes; todos os apóstolos representados em relevo, se enfileiram no alto. O tecto todo de quadros em relevo é realmente formoso. Abre a igreja para a rua e com essa disposição se conserva, porque ahí é seguida a pratica adoptada em todos os hospitaes, de offerecer ao publico a missa hospitalar. Para os doentes são reservados os côros, sendo assim o publico que concorre defendido dos contagios.

SERVIÇOS GERAES

A seguir e contiguo é o edificio de habitação dos empregados.

Nas horas de folga e nas de repouso, tem estes benemeritos do trabalho a sua habitação propria, cada qual com seu aposento, e com uma sala em commum onde á vontade podem conviver.

Vivenda salubre onde irão retemperar as forças do corpo e as do espirito para o desempenho da sua difficil e perigosa missão.

Melhoramento este que por primeira vez apparece nos nossos hospitaes.

Mais além, em outro edificio, residencia de serventes e de machinistas, tendo no topo uma vasta casa para o automovel que executa

todo o serviço de transportes necessarios no hospital,—modo de tracção que agora se inicia nos nossos hospitaes.

Destacando-se, ao lado dos jardins, levanta-se um edificio que tem em um dos extremos as installações de desinfecção de todos os objectos d'uso hospitalar, pela agua fervente, pelo formol e pelo vapor d'agua em pressão na estufa.

É este singelo edificio o centro vital de todo o complexo organismo que é aquelle grande hospital; de grandes caldeiras partem, como arterias, tubos que se ramificam para conduzir o vapor que vae aos caldeiros da cosinha coser os alimentos, que sobe a todos os andares a aquecer os banhos, que penetra na pharmacia para esterelisar objectos de penso e outros e produzir agua destillada, que entra nas installações de desinfecção a purificar as roupas e utensilios matando os microbios, que põe em movimento as machinas geradoras da electricidade, que, percorrendo uma extensa rede de fios, dá luz a todo o hospital durante a noite.

Para o lado do norte do grande edificio, em suave declive, sobe extenso parque em cujo extremo é fechado um grande recinto com todas as installações precisas para a execução dos serviços mortuarios.

Cercado por matta d'eucalyptos e cedros

n'um só edificio se reúnem todas essas installações, tendo uma capella privativa, elegante no aspecto geral, de architectura simples e de ornamentos singelos.

Este recinto é completamente isolado do hospital pela distancia a que se encontra e pela vedação de muro e grade que o circumscreve.

Logo após o fallecimento, os cadaveres são para ahi conduzidos e d'ahi sahem por uma porta especial directamente para o cemiterio, desinfectados e preparados por forma a não ser perigoso para a população o seu percurso pelas ruas da cidade.

No caminho que conduz da entrada principal do hospital para o recinto mortuario, encontram-se duas outras edificações, das quaes uma logo á esquerda é destinada para o serviço externo do hospital.

É que alem de ser esse edificio, por assim dizer, a ante camara de todo o hospital onde são recebidas as pessoas estranhas aos serviços internos, a administração cuidou tambem em tornar a instituição prestante aos habitantes d'aquella região, distanciados como se encontram dos centros onde podem ser soccorridos. Os accidentes de momento e os desastres do trabalho ahi encontrarão soccorros immediatos,—os pobres encontrarão ahi tambem o beneficio da consulta gratuita.

Tão afastado fica este pavilhão dos focos de contagio, que nada ha a temer para as pessoas que ahi entrem; tamanho rigor e segurança ha sob este ponto de vista que no extremo d'esse edificio está collocada a sala de operações cirurgicas.

Mais alem um chalet d'aspecto elegante e pittoresco é destinado para o pessoal que tem de desempenhar o serviço de jardinagem. Completamente isolado de todas as enfermarias, sem perigo pessoal os trabalhadores se occuparão da cultura das terras.

Ainda dentro d'esta secção, junto á porta que dá transito para a outra secção, em um pequeno edificio se construiu o forno onde são diariamente reduzidos a cinzas os despojos hospitalares, as varreduras, artigos de penso servidos, objectos inuteis. Coisa alguma d'essas sahe para a rua;—a carroça municipal do lixo não entra a porta do hospital. Por mais este motivo o hospital deixou de ser perigoso para os habitantes da cidade. É este o regimen adoptado pela actual administração nos outros hospitaes.

SECÇÃO PARA DOENÇAS MAIS CONTAGIOSAS

D'esta primeira secção se passa para a immediata, que é destinada ao tratamento das doenças mais contagiosas, bexigas, sarampos e todas as que, pelo seu desenvolvimento, são susceptiveis de constituirem epidemias. Ahi está tudo disposto para serem mantidos no mais rigoroso isolamento os doentes recolhidos, como é mister.

Por isso todos os serviços geraes, cosinha, pharmacia, machinas etc. se acham concentrados na primeira secção. Na 2.^a só existem as enfermarias dos doentes e as habitações dos empregados que teem a seu cargo o seu tratamento. Os empregados dos serviços geraes não teem que entrar nas enfermarias que assim se conservam em rigoroso isolamento.

As relações externas do hospital, quer com os outros hospitaes quer com o publico, são mantidas sem aproximação alguma dos focos de contagio. Na primeira secção se prepara tudo; na segunda se recebe apenas o que alli foi preparado. Um carro automovel em constante circulação faz os transportes dos objectos que são recebidos á porta de cada pavilhão pelos empregados ahi internados.

Tratado tudo com rigorosa obediencia aos principios de hygiene e de prophytaxia, todo o serviço se executa sem perigos.

ENFERMARIAS EM PAVILHÕES SEPARADOS

Para se manterem os isolamentos ha vinte pavilhões, distribuidos em series paralellas e bem distanciados uns dos outros;—cada pavilhão tem uma enfermaria e suas dependencias;—em cada um é tratada uma especie de doenças contagiosas. Cada enfermaria tem junto uma grande sala, onde os convalescentes passam o dia.

Dentro de cada pavilhão só entra quem tem de se occupar do tratamento dos doentes, e essas pessoas soffrem rigorosa desinfecção quando d'ahi sahem. N'essas enfermarias só estão os empregados precisos para o serviço e durante o tempo que esse serviço lhes pertence.

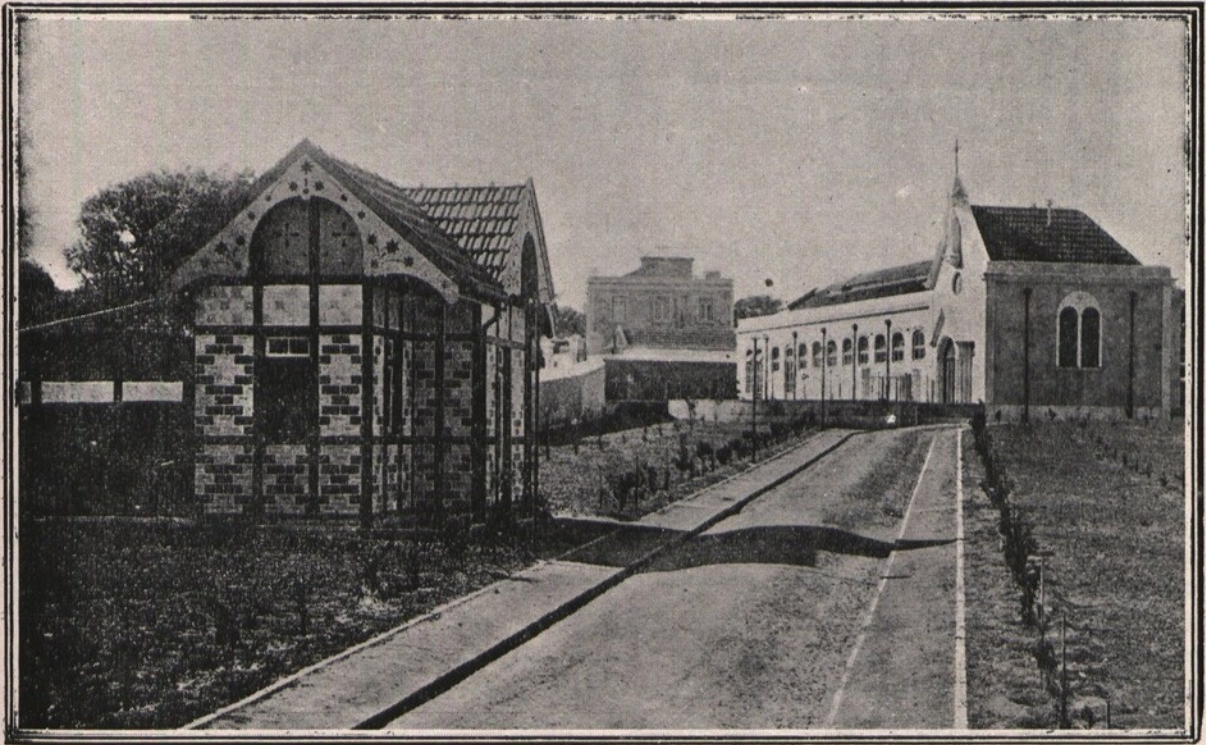
Para sua residencia ou para as horas de descanso são destinados dois edificios espaçosos, com optimos quartos e excellentes condições higienicas. Em duas series parallelas, separa-

das por uma larga rua, são dispostos os pavilhões com accomodação para 33 camas cada um, 7 de cada lado.

Em outras duas series lateraes de 3 pavilhões cada uma, são collocados 2 de 15 camas e 4 de 6 camas, destinadas para os casos em que o diagnostico da doença ainda não é claro e precisa de tempo d'observação

A largos traços eis o que é o novo hospital com que acaba de ser dotada a capital e tambem o paiz. A sua construcção era uma necessidade desde longa data reconhecida e muito reclamada, agora satisfeita no curto espaço de dois annos.

A obra foi executada pela commissão que tem a seu cargo a remodelação dos nossos



CHALET DE JARDINAGEM — INSTALAÇÃO MORTUARIA

para se definir, e para os casos esporadicos que se apresentem solitarios ou em pequeno numero.

São muito espaçosas, arejadas e illuminadas as enfermarias. Esta condição junta ás do rigoroso isolamento garantem solidamente o exito do tratamento das doenças contagiosas, sem espalhar contagios.

Tem esta secção um portão especial para a rua, por onde se faz o movimento dos doentes e unicamente o transito dos empregados d'esta secção. Assim distribuidos os serviços, a policia sanitaria encontra grande facilidade em fazer cumprir com plena efficacia os seus dictames.

hospitales civis, composta do enfermeiro-mór, do engenheiro Luiz de Mello Correia e do secretario de administração dos hospitaes Dr. José Teixeira Gomes.

É o resultado da conjugação das duas technicas,—a medica e a de construcção—que, ligadas sempre no mais perfeito accordo, passo a passo foram realisando as aspirações á perfeição do fim a que todo aquelle trabalho era destinado.


Se a utilidade do novo hospital é grandissima para as occorrencias de todos os dias, maior a torna o ser uma reserva de alojamentos sempre prompts para o caso de desenvolvimento de qualquer epidemia.



Os Prisioneiros Russos

Novamente honra e opulenta os **SERÕES** com a sua preciosa collaboração um dos mais delicados espiritos que actualmente resplendem nas letras portuguezas. Para accentuar o papel representado no mundo da arte por Wenceslau de Moraes, urge crear um suggestivo neologismo, que corresponda ao epitheto barbaro de nipponophilo. Effectivamente, é pela sua ternura suavissima pelas cousas do Japão, pelo amor com que as descreve e as commenta, que Wenceslau de Moraes compete, em muitos pontos com vantagem, com o afamado Loti. Marinheiro e artista como elle, excede-o decerto na espontaneidade graciosa de sentimento, na desartificiosa sinceridade que regema de toda a sua elegante prosa.

Depois do interessante artigo publicado no nosso numero 6 sobre o culto de Sua Excellencia a Lua no imperio do Japão, envia-nos o illustre escriptor o presente artigo, de uma actualidade flagrante, sobre o destino e as vicissitudes dos desventurados prisioneiros russos internados no paiz inimigo. Todas as suas brilhantes qualidades litterarias ali se accentuam indelevelmente, sobretudo a misericordia para com esses enfeitados da patria, á mercê dos temporaes politicos. E ao mesmo passo que de longe lhe rendemos effusivas graças pela valiosa cooperacão da sua penna, igualmente lhe agradecemos a excellente documentacão photographica com que nos brindou.



A guerra russo-japoneza, que tão estupendos resultados nos veio offerecendo, durante o seu longo periodo de accesa carnificina, reservava-nos para o fim, depois de assignada a paz, mais um capitulo pungente, mais uma extraordinaria surpresa, sem parallelo nos exemplos da historia,—a horda dos prisioneiros russos, nas tristes condições em que se encontram.

O Japão recebeu no seu solo cerca de setenta mil prisioneiros russos,— officiaes, soldados, marinheiros,— vindos de Porto-Arthur, vindos da Manchuria, vindos de Saghalien, vindos das esquadras desbaratadas; distribuindo-os por varios depositos, espalhados em todo o Imperio. Assigna-se a paz, chega a hora de dar liberdade a esta chusma; e é então que começa definindo-se a estranheza da sua situação. Estes

setenta mil vencidos acham-se como que fóra do direito das gentes, ninguem os quer, constituem um tremendo empecilho, para o Japão — claramente,— e tambem para a propria Russia,— o que é menos claro; — e quantas vezes já, nas mysteriosas secretarias dos dirigentes, em S. Petersburgo, não se haverão proferido meias phrases significativas, acompanhadas de sorrisos amarellos, lamentando que a metralha do vencedor não os tenha tambem prostrado no campo de batalha ou submergido com as carcassas dos navios em chammas, de mistura com os outros—tantos!—que desapareçam em taes crises!...

Já começou o exodo. E basta a gente relancear estes enxames que se vão, grotescos no aspecto dos seus variados uniformes e dos seus differentes andrajos de phantasia, para colher a impressão de não sei que catastropho social que pesa sobre elles. É que em todos



ESTES ENXAMES QUE SE VÃO, GROTESCOS NO ASPECTO DOS SEUS VARIADOS UNIFORMES
E DOS SEUS DIFFERENTES ANDRAJOS

os rostos, em que se esperaria divisar a alegria mal contida de quem diz adeus ao captivo, de quem pensa já nos aspectos familiares da patria, no conforto do lar e nos carinhos dos amigos, estampa-se pelo contrario uma imbecilidade nostalgica, ou uma apprehensão dolorosa, ou uma crispação de colera.

Em todos estes ex-captivos, medra latente o vulcão do descontentamento e da revolta. Elles sabem muito bem que nem os chefes militares nem os altos dirigentes do Estado confiam na sua lealdade: e adivinham a rude existencia que os espera e quantos mil obstaculos se levantarão para impedir-lhes o regresso ao solo patrio, não havendo seguramente desejo, por parte de quem manda, em reforçar as fileiras dos rebeldes. Alguns adivinham coisas peores ainda...

Ora, como se impõe á Russia a imperiosa necessidade de dar immediato destino a estes seus setenta mil filhos, dá-lhes, a todos ou a uma grande maioria d'elles, a Siberia como nova patria. Que alli vivam, que alli morram, di-

vorciados das familias, em regiões inhospitas e improductivas; que dêem largas ao desespero, ao odio, se quizerem, devorando-se uns aos outros, como feras no encerro; mas que deixem em paz — se em paz está — a população dos centros europeus do grande Imperio... A questão ainda se simplifica: muitos milhares d'estes soldados e d'estes marinheiros entregaram-se voluntariamente ao inimigo, uns por serem judeus, outros por serem polacos, outros por qualquer outro motivo; e a estes, bem conhecidos dos generaes, — espera-os um summario conselho de guerra, meia duzia de balas no corpo, a seguir a cova no solo barbaro da Siberia, sobre a qual, pela noite, os ursos virão cantar responsos funebres...

O Japão, o Japão! A terra gentil e amena do vencedor, toda cheia de paisagens verdes, e onde abundam o vinho de arroz e as mulheres cariciosas!... Para mais, paira no ar um não sei quê de felicidade perenne, que chega a todos, aos ricos como aos pobres... Elles, os setenta mil prisio-

neiros de guerra, bem pensaram já n'este paraíso, onde viveram longos dias de desterro, que desejaríam se prolongasse para sempre. Dez mil pelo

manda transportes ao Japão, para conduzil-os a Vladivostok. A bordo de dois dos primeiros transportes que partiram, a soldadesca revoltou se logo á sahida



ASSISTIMOS AO DESFILAR D'AQUELLES QUE SE VÃO CAMINHO... NÃO SEI D'ONDE

menos, pediram para serem naturalizados japonezes.

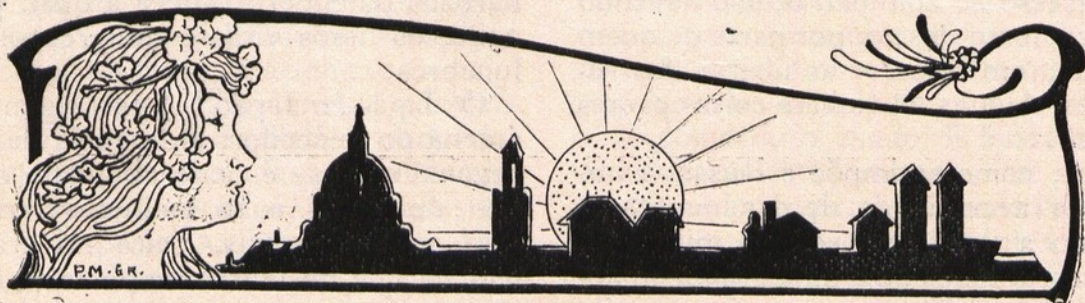
Mas o Japão não os quer, nem poderia querel-os; concluida a paz, empurra-os para fóra. A Russia bem desejaria tambem repudial-os, mas não pode proceder assim, sob pena de lavar, pelo proprio punho dos seus dirigentes, um enormissimo escandalo historico. «Vinde, pois, meus filhos...» e

do porto de embarque. Uma outra chusma, que chegou ao seu destino, assassinava logo após, n'um café de Vladivostok, alguns dos seus officiaes, companheiros de captiveiro.

Eis os varios commentarios que nos inspiram os ex-prisioneiros russos, aos que vivemos no Japão e assistimos ao desfile d'aquelles que se vão, caminho... não sei d'onde.

Kobe, dezembro de 1905.

WENCESLAU DE MORAES





DE UMA SANGUINEA DE A. CARNEIRO

NALY

*As almas são como as flores,
que adornam os nossos dias :
— umas só dão alegrias,
outras só semeiam dores.*

*Às vezes no mesmo horto
cresce a myrrha e a mancenilha.
Feliz de quem, como filha,
semeia o bem e o conforto !*

*Naly é a flor da graça,
da modestia e da harmonia ;
esparge luz e alegria
por toda a parte onde passa.*

*No lar é a ordem, o tino,
dos paes gazalho e guarida :
sempre a bondade, na vida,
foi um balsamo divino !*

*Glorias vãs, bens sem valia,
despreza-as, trata-as de resto ;
basta-lhe do lar modesto
a modesta mediania.*

* * *

*Por isso tanto lhe quero,
da minha alma grata e amiga,
ao ver a tempera antiga
no seu character austero.*

*Nenhum ruim pensamento
embacia—astro divino!
o seu olhar crystalino
que é da cor do firmamento.*

*E feita de obediencia
e amor a sua ternura;
e a sua pupilla é pura
como a sua consciencia.*

*O seu riso alegre e franco
é como um lirio florido!
Se flôr houvesse nascido,
era mais um lirio branco!*

*A tudo se amolda e ageita,
tudo enflora e espiritualisa...
Não ha consciencia mais lisa,
não ha alma mais perfeita.*

*Gasta o larrador a vida
no rude amanho da terra;
porém quando os olhos cerra
deixa-a ridente e florida.*

*Feliz quem, em vez dos cardos
que eriçam o solo inculto,
vê no chão por elle culto
brotarem lirios e nardos*

* * *

*Feliz o pae, de equal sorte,
que, ao termo dos seus martyrios,
deixa o lar florindo lirios,
quando entra as portas da morte!*

*Ha o que vive a contento
na mais obscura pobreza:
outro cria na riqueza
o seu mal e o seu tormento*

*Feliz quem à si se basta
e em si thesouros resume...
Naly tem luz e perfume
na sua alma forte e casta.*

Parede, 9 de março de 1902.

CHRISTOVAM AYRES



VISTA GERAL DO RIO DE JANEIRO

A nova Paris da America do Sul

Actuaes transformações e embellezamentos do Rio de Janeiro — Uma das mais encantadoras cidades do mundo



Rio de Janeiro passa neste momento por uma transformação assombrosa. Quem daqui sahiu ha um anno e agora volta, julgando encontrar ainda o «eixo» da grande avenida, inaugurado em novembro de 1904 e então resumido a uma aberta tortuosa e lugubre, furando e alongando-se entre as ruinas do casario demolido, chega áquelle ponto da rua do Ouvidor em que a velha rua dos Ourives vinha fazer esquina, e solta uma exclamação de deslumbrado, estarrecido espanto. Por alli fóra, dum lado e outro estende-se uma larga calçada de parallepipedos unidos, tão regularmente casados que formam uma lisura de soalho, por onde as caruagens rodam serenamente, sem ruido, e, á noite, os rapazes do antigo Rink vem deslizar, bamboleantes e languidos, sobre os seus patins; uma fila de postes electricos, de tres focos, corre pelo meio, a perder-se de vista, num afas-

tado reverbero côr de perola; e, dos lados, ha ainda, a curta distancia uns dos outros e ardendo por cinco bicos Auer de rutilante energia, os combustores de gaz, pesadões como trambolhos ao lado de toda aquella electricidade, mas como se não sentissem, tal a alegria da sua luz dourada, o vexame do seu anachronismo.

E as casas, os soberbos e airosos palacetes, que á esquerda e á direita se levantam, já concluidos, já com a ultima demão nas fachadas, já occupados por lojas de modas, armazens de atacado, chapellarias, cafés, jornaes, companhias de seguros! Onde, ha mezes apenas, tudo eram destroços, traves e pilares pelo chão, pedaços de parede á espera do ultimo golpe do camartello, montões de taboas velhas, montões de entulho — tal descalabro, emfim, e tão ruinoso aspecto, que houve viajante que perguntasse se aquillo estava assim desde os bombardeamentos da revolta de 93 — enfileiram-se

agora duas idas de construcções modernas, de alto cunho artistico, do mais bello gosto architectonico, da mais variada e encantadora propriedade de estylos e de tons, dando a quem de repente alli desemboque—ou tenha subido pela rua Sete de Setembro, estreita como um becco e fedendo á cebola dos armazens de seccos e molhados, ou pela da Alfandega, com as suas tradições de respeitavel via commercial, ou mesmo pela nobre e opulenta rua do Ouvidor, a «grande arteria» da politica e da moda — a impressão atordoante de outra terra, outro paiz, outra gente, outra civilisação.

O Rio de Janeiro faz agora lembrar um taciturno velhote, escalavrado e tolhido, vergando ao peso dos trabalhos, entregando a face ao sulco fundo dos desenganos — e que, de repente, encontra no seu caminho, cascadeando e toda se offerecendo ao desespero dos seus olhos, um farto manancial da agua maravilhosa de Juventa. Dá um passo, alonga os labios, numa ancia, para o liquido crystallino que o deslumbra, lhe promette a resurreição das forças e a volta das illusões; e sorve, sorve á pressa, com uma sofreguidão em que ha o goso do liquido restaurador e ao mesmo tempo o pavor de que elle subitamente deixe de derivar, por uma pirraça mythologica — ou politica. . . E, então, emquanto por entre os seus labios corre, generosa e inebriante, a lympha da energia e da graça, vae-se o seu corpo de gigante recompondo e embellezando, conquistando uma alma nova e chamando outra vez a si todas as forças perdidas. . . E essa resurreição esplendida por toda a parte se manifesta: no viço e no perfume dos jardins que rebentam onde, ha mezes, o capim assolador afeiava as praças abandonadas; na soberbia dos altos edificios que se levantam do terreno dos casebres arrasados; na magnificencia dos caes que suffocaram o espreguiçamento molleirão das ondas sujas; e na garridice da Avenida á beira-mar, que já por toda a velha praia de Botafogo faz faiscar ao sol a areia dourada do seu macadam e ao longo da qual, por uma predilecção

de luxo e elegancia só agora estabelecida, passam, nestas primeiras noites dum verão que tão aspero se annuncia, selectos ranchos em *toilettes* claras, palrando e refrescando na visinhança do



DR. RODRIGUES ALVES
PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS
DO BRAZIL

mar, cyclistas esbaforidos e tesos cavalleiros, breaks, victorias, automoveis.

E agora se trava a luta de rivalidade—fecunda, grandiosamente fecunda! como dizia o Conde de Gouvarinho—entre as duas Avenidas, a que atravessa a cidade e a que acompanha o litoral; a Avenida da União que tem por padrinho o ministro Dr. Lauro Müller e a Avenida Municipal, a que o prefeito Dr. Pereira Passos dá todo o cuidado e carinho dum extremoso pae, a rever-se e a enternecer-se na sua obra; a Avenida commercio, hygiene, civilisação e a Avenida passeio, luxo, embellezamento; a Avenida Central e a Avenida á Beira-Mar. A esse combate glorioso, assiste, sorrindo ora a este ora áquelle gladiador, o Dr. Rodrigues Alves, presidente da Republica; e, á volta, o povo enthiasmado, o povo maravilhado de ver que tanta coisa se fez em tão pouco tempo e já

convencido—porque ao principio desconfiava, torcia o nariz, abanava a cabeça no mais sombrio dos scepticismos—finalmente convencido de que a sua cidade vae ficar um brinco e dis-

petão. Pois viu-o, lá ao longe, de sentinella á Barra e não apenas da rua do Ouvidor, muito mais de traz, da estação de barcos da Prainha—porque a Avenida Central, rasgando a cidade pelo meio, estendeu essa recta de mar a mar!

Viu-o tão distinctamente como eu estou vendo estas tiras de papel; e, desde então, acreditou em tudo, teve confiança em tudo, esperou tudo e não mais cessou de embasbacar e de se manifestar. Agora, anda dum lado para o outro, curioso e frenetico, a observar a faina colossal, a acompanhar todas as innovações que vão surgindo; acode a todas as inaugurações, comparece a todas as pedras fundamentaes, reúne-se em magotes entusiastas, deante de cada predio que se vae libertando do seu andaime. E compara-os, analysa-os, faz critica: o edificio do *Paiz*, imponente e magestoso, no qual o architecto Morales de los Rios esgotou todo o seu saber tecnico e toda a sua imaginação de artista; a casa de flores Rosenvald, graciosa como um jardim



O VELHO RIO DE JANEIRO — A RUA DO OUVIDOR

de luxo, trabalhada como uma renda; o *Bastidor de bordar*, decorado pelo magistral pincel de Henrique Bernardelli; e outros predios monumentaes ou simplesmente bellos, que se levantam, um a um, na nova cidade cheia de esplendores...

putar a Buenos Aires o sceptro e o throno de rainha da America do Sul, applaude e levanta vivas, cae em contemplação, de novo se arrebatada, esfrega os olhos com medo de estar sonhando e torna a berrar de jubilo, e só se sacode do seu extase para recommear as suas aclamações.

Quando a primeira vez lhe disseram que ia ver o Pão de Assucar da rua do Ouvidor (os *brazileiros* dahi comprehenderão este cumulo) o bom povo que não gosta de caçadas, scandalisou-se seriamente e quasi levou os dedos á bocca, para vaiar tão inverosimil cara-

Quem não concorda com o povo é o Conselheiro Andrade Figueira que pelos *A pedido do Jornal do Commercio* vem de tempos a tempos resmungar a sua incondicional reprovação a tudo. O Conselheiro Andrade Figueira é monarchista; e, já no tempo da monarchia, se salientava pelo seu intran-



OS IRMÃOS BERNARDELLI—O ESCULPTOR E O PINTOR

sigente amor a todas as tradições; pertencia ao partido conservador, guerreava as concessões ao liberalismo e

ainda hoje conserva as suas opiniões militantes de escravocrata. *Os cidadãos moleques*, como elle um dia os dominou, ficaram-lhe atravessados na garganta, para sempre. Agora, os artigos ineditoriaes em que desabafa o seu descontentamento, atacam Ministros e Prefeito, accusando-os do esphacelamento da cidade e ameaçando-os com tal descalabro financeiro que, no seu modo de ver, já a bancarrota se annuncia e já a Europa prepara os seus canhões, para vir ás aguas da Guanabara, cobrar a divida do Brazil pelo mesmo systema de violencia e vexame infligido á pobre Venezuela.—E, isto, para quê? pergunta o articulista implacavel aos leitores do *Jornal*. As ruas do Rio de Janeiro devem ser estreitas, o mais estreitas possivel; o saneamento é uma leria; dantes, não se pensava em nada disto e vivia-se perfeitamente; o Brazil prosperava; o cambio mantinha-se a 27; a nação era grande e respeitada pelas outras nações! — Tão



O NOVO RIO DE JANEIRO — ASPECTO DA AVENIDA CENTRAL



O NOVO RIO DE JANEIRO — AVENIDA CENTRAL — AO FUNDO, AVISTA-SE O PÃO DE ASSUCAR



O NOVO RIO DE JANEIRO — OUTRO ASPECTO DA AVENIDA CENTRAL

cerrada e irresponsível argumentação, tornou-se, na sua penna que a repete sempre, inexgotável; e não se julgue que passa dali para o cesto dos papéis, inteiramente despercebida e sem applauso. Ha quem concorde com o Conselheiro Figueira, quem pense como elle na ruina do paiz, quem se dôa de todo esse dinheiro esbanjado, como se elle lhe sahisse das proprias algibeiras; quem

chegue a odiar o ministro e o prefeito por esta febre de reformas e de aperfeiçoamentos.

Os senhores proprietarios, por exemplo. Os senhores proprietarios andam desesperados. Acham os ultimos im-

O NOVO RIO DE JANEIRO — A AVENIDA Á BEIRA MAR — PRAIA DO BOTAFUGO
— VISTA TIRADA DO LADO DO MAR



O NOVO RIO DE JANEIRO—AVENIDA Á BEIRA MAR—PRAIA DO BOTAFOGO—VISTA DO LADO DE TERRA

postos uma extorsão e um insulto — como se os alugueres em que actualmente levam ao cidadão metade do seu ordenado não fossem também um insulto e uma extorsão — olham o dia de amanhã com um pavor de condenados á ultima miseria; o que, porém, inteiramente lhes faz perder a cabeça e arrancar desta os ultimos cabellos, são as medidas de bota-abaixo do Dr. Passos, o prefeito terrivel. Quando se trata de alargar uma rua, retirar de certo ponto um velho casarão, uma *estalagem* (nome que aqui se dá ás *ilhas* do Porto), o nosso Marquez de Pombal, como já um adulator lhe chamou, não olha á raiva nem attende aos prantos dos excellentissimos donos dessas fealdades ou dessas podridões. Uma intimação secca ordena a mudança, a demolição, a limpeza; e, quando o intimado não obedece logo ou tenta pôr embargos á medida expedita, emquanto elle corre a requerer de um juiz o famoso «mandado de manutenção», o pessoal da Prefeitura arremette, com alviões e picaretas e, antes que o magistrado rabisque a sua firma, destelha, arromba, despeja, arrasa.

Arbitrariedade! prepotencia! despotismo! bradam os abastados proprietarios, levando as mãos afflictas á pansa, como se contra ella se houvesse assettato o camartello prefetural. Mas é tarde, está feito. Nas seccões livres dos jornaes, os advogados dos senhores proprietarios clamam e barafustam, appellando para o presidente da Republica; o Dr. Rodrigues Alves sorri; e fiado nesse estado de coisas, já outro dia o illustre escriptor sr. Carlos de Laet annunciou para muito breve — o quê, meu Deus? — a restauração da monarchia!

Entretanto, o povo regala-se de olhar para a sua nova cidade e revela uma satisfação sem limites. Ah, o povo, coitado, não possui predios, não é dono dos casebres em que mal respira, nem dos *cortiços* onde se amontoa, anda positivamente num sino. E, como unica apresentação e unico programma deste novo collaborador dos *Serões*, limito-me á honra de declarar aos seus leitores que pertenco, de corpo e alma, a essa numerosa classe, obscura, pauperrima e contentissima que se chama — o povo!

JOÃO LUSO.



SUMMARIO DOS CAPITULOS I E II

Benita Clifford, que se dirigia á Africa a bordo do paquete ZANZIBAR afim de se reunir a seu pae em Durban (Natal), tem por companheiro de viagem Roberto Seymour, o qual se enamora d'ella. Seymour conta como encontrou o pae d'ella e Jacob Meyer em Bambatse, no interior de Africa, onde se suppunha existir um valiosissimo thesouro escondido. A declaração do seu amor é interrompida, quando ella está para responder, pelo naufragio do paquete. Seymour salva com grande difficuldade Benita, desfallecida por um ferimento na cabeça, mettendo-a dentro d'uma lancha.

CAPITULO III

Como Roberto chegou a terra

No logar do Zanzibar, uma enorme cova no meio do oceano, onde fervilhavam as aguas e appareciam e desapareciam objectos negros.

—Quietos, se querem viver!—disse o immediato em voz serena—não tarda ahi o remoinho.

E não tardou, puxando-os para baixo a ponto de a agua escorrer por sobre as bordas da lancha, e para traz direitos ao sorvedouro. Mas antes que elles lá chegassem, o pégo digerira a preza e voltava á calmaria, apenas turvado por grandes bolhas de ar que em derredor d'elles rebentavam e uma ondulação complexa e fora do natural. Por então, estavam salvos.

—Passageiros—exclamou o official—vou fazer-me ao mar até romper o dia. Pode ser que se nos depare por ahi algum navio, ao passo que, se teirmos em remar para terra, é quasi certo que nos vamos desfazer em cima das pedras.

Ninguem fez objecção; pareciam todos tão atordoados que nem podiam falar. Começaram a vogar, mas ainda não tinham vencido uma duzia de metros quando lhes surdiu pelo travez uma cousa negra. Era um troço de madeira, ao qual se agarrava uma mulher apertando uma trouxa ao peito.

Denunciou-se-lhe a vida, porque desatou a implorar em altos brados que a mettessem na lancha.

—Salvem-me! salvem o meu filho!—gritava ella.—Pelo amor de Deus, salvem-me!

Roberto reconheceu a voz quebrada de soluços; era de uma senhora ainda nova, com quem elle se dera bastante a bordo, e que ia mais o filhinho ter com o marido ao Natal. Alongou o braço e lançou mão d'ellas, mas o official disse gravemente:

—A lancha não pode com mais carga. Previno-o de que corremos serio perigo, se mettermos mais alguém cá dentro.

N'isto, os passageiros despertaram do seu assombro.

—Empurrem-na para fora!—disse uma voz—que se avenha como poder!

E estas medonhas palavras foram acolhidas com um murmúrio de aprovação.

—Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus! —gemia a desgraçada, prestes a afogar-se, aferrando com desespero a mão de Roberto.

—Se tenta puxal-a cá para dentro, deitamol-o ao senhor pela borda fora!—tornou a voz.

E ergueu-se uma navalha como para lhe cortar o braço. O immediato falou então de novo.

—Essa mulher não pode embarcar na lancha, a não ser que alguém saia d'ella. Eu de bom grado o faria, mas é dever meu ficar. Ha ahi algum homem que queira ceder-lhe o logar?

Mas todos os homens, sete ao todo, alem da guarnição, penderam as cabeças e permaneceram silenciosos.

—Deixem-me passar—disse o official com o mesmo tom austero.—Ella já vae largar-nos.

Emquanto estas palavras lhe passavam pelos labios, Roberto pareceu viver um anno. Eis ahi estava a oportunidade de expiação para a sua vida ociosa e commodista. Uma hora antes, jubilosamente a agarraria, mas n'aquelle momento, n'aquelle momento! Com Benita desmaiada de encontro ao peito, e a sua resposta cerrada ainda no seu coração dormente? Mas Benita approvava decerto uma morte como esta, e, ainda quando em vida o não amasse, aprenderia a amar-lhe a memoria. N'um instante, a sua tenção estava formada, e foi com grande rapidez que elle falou.

—Thompson,—disse elle para o immediato—se eu me for embora, jura tomar a bordo essa mulher e essa creança?

—Juro, sr. Seymour.

—Então vou eu. Se alguma das pessoas presentes viver, diga a esta senhora como eu morri—e apontou para Benita—e accrescente que o fiz, por estar convencido de que ella o desejaria.

—Fique descansado—retorquiu o immediato—saiba que para a salvar, farei tudo que estiver na minha mão.

—N'esse caso segurem Mistress Jeffreys, emquanto eu dispo o casaco. Quero deixar-lh'o para ella se cobrir.

Um marinheiro obedeceu, e com difficuldade Roberto libertou a mão.

Serenamente, estreitou Benita ao peito e deu-lhe um beijo na testa; em seguida dei-

xou-a resvalar suavemente para o fundo da lancha. Depois despiu o casaco e com o maximo fleugma lançou-se por sobre a amurada para o mar.

—Agora—disse elle—puxem para dentro Mistress Jeffreys.

Assim se fez com certa difficuldade. Elle viu-a a ella e ao filho cahirem desmaiados no logar que elle deixara.

—Deus o proteja! É um valente!—disse Thompson.—Não me sahirá de memoria, ainda que eu viva duzentos annos.

Mas ninguem disse mais palavra; talvez que todos estivessem, desde logo, corridos de vergonha.

—Não fiz mais que o meu dever,—redarguiu Seymour de dentro de agua—A que distancia fica a terra?

—A cousa de tres milhas—bradou Thompson—mas agarre-se bem a essa taboa, aliás não vence com vida a rebentação. Adeus.

—Adeus—respondeu Roberto.

A lancha afastou-se d'elle e d'ahi a pouco desvanecia-se na superficie nevoenta do pelago.

Descansando sobre a tabua que salvara a vida de Mistress Jeffreys, Roberto Seymour olhou em roda de si e poz o ouvido á escuta. De quando em quando ouvia o grito debil e abafado de algum miseró que se afogava, e á distancia de umas centenas de metros deulhe na vista um objecto negro que elle cuidou fosse um escaler. Se fosse, reflectiu que deveria estar atulhado. Alem de que, não lhe seria possivel alcançal-o. Não; a sua unica esperanza estava em attingir a costa. Era excellente nadador, e por fortuna a agua estava tepida quasi como leite. Parecia não haver motivo que o impedisse de lá chegar, aguentado como estava com o cinto de salvación, se acaso os tubarões o deixassem em paz, o que era possivel em razão do sobejo mantimento que lhes fornecera o naufragio. O rumo a seguir sabia elle bem, porque no silencio amplo do oceano ouvia perfeitamente o troar da calema a rebentar na costa.

Ah! aquella arrebentação! Lembrava-se de terem estado, n'aquella mesma tarde, elle e Benita, a examinar, de binoculo assestado, como levantava nuvens de espuma de encontro ás asperas muralhas de penedia, e ambos extranhavam que tal força tivesse ainda com o mar calmo. Agora, se tivesse vida para lá chegar, estava sentenciado a defrontar-se com



«NÃO ME SAHIRÁ DA MEMÓRIA, AINDA QUE EU VIVA DUZENTOS ANOS»

essa enorme força. Embora! quanto mais depressa o fizesse, mais depressa atingiria o deslance, por uma forma ou por outra. Havia uma cousa que o favorecia: a maré que voltara e que puxava para terra. Pouco mais tinha a fazer, realmente, do que apoiar-se na tabua, que elle atravessara debaixo do peito, e ir-se dirigindo com o movimento dos pés. Assim mesmo foi avançando bastante, talvez perto de uma milha por hora. Poderia ir mais depressa se acaso nadasse, mas elle estava poupano as forças.

Extranha derrota aquella, sobre o mar silencioso, por debaixo das silenciosas estrelas, e extranhos foram os pensamentos que acudiram á alma de Roberto. Perguntava a si proprio se Benita escaparia com vida e o que diria ella. Podia porem ser que ella estivesse morta áquellas horas e que a breve trecho se encontrassem ambos. Estaria elle sentenciado á morte? Poderia o seu sacrificio expiar os seus erros passados? Tinha essa esperanza, e ergueu aos ceus uma prece n'esse sentido, e por si proprio e por Benita, e mais por todas as malfadadas creaturas que antes d'elle haviam partido, arrojadas do bulicio dos prazeres para os antros da Morte.

Assim vogava elle, emquanto cada vez mais proximo recrescia o ribombante marulho, acompanhando os seus pensamentos desvairados e desconnexos, até que por fim surdiu já muito perto o que elle tomou por um tubarão, e no aperto da conjunctura varreram-se-lhe da mente todas as scismas. Reconheceu que era apenas um sarrafo de madeira, mas foi d'ahi a bocado que appareceu com effeito um tubarão, de que elle distinguiu perfeitamente a barbatana dorsal. Todavia, o voraz animal ou estava saciado ou receioso, por isso que, apenas Roberto gritou, chapinhando na agua, elle fugiu, e fugiu de vez.

Finalmente, Roberto penetrou na larga ondulação que precedia a arrebentação da terra. De repente, sentiu-se resvalar por uma ladeira suave, e sem esforço da sua parte viu-se arrastado para uma collina fronteira, de cuja crista dominou com a vista as linhas brancas de espuma, e alem d'ellas os contornos de uma costa escarpada e fusca. Um pouco á direita havia um ponto em que a espuma parecia menos densa e interrompida a linha dos penhascos, como se alli houvesse uma fenda. Para essa fenda dirigiu portanto a sua prancha, apanhando a vaga de esguelha, o

que por fortuna a corrente lhe permittia fazer sem grande esforço.

Os valles eram cada vez mais cavados, e as cumiadas fronteiras empennachavam-se de espuma. Estava a contas com a arrebentação, e começava a lucta pela vida. Adeante d'elle precipitavam-se os vagalhões solemnes e tremendos. O espectáculo d'estes rolos do mar, presenciado de qualquer sitio seguro, é deveras terrivel, como pode testemunhar quem o haja visto d'esta costa ou da ilha da Ascensão. Imagine-se pois qual seria o seu aspecto para esse naufrago, amparado a uma simples prancha, vendo-os, como elle, á claridade mysteriosa do luar e n'uma solidade absoluta. Mas o seu espirito não succumbiu perante a temerosa emergencia; se tinha de morrer, morreria batalhando. Tinha arrefecido e estava fatigado, mas frio e cansaço desapareceram; sentiu-se quente e vigoroso. Da crista de uma das empinadas vagas, afigurou-se-lhe que a cerca de meia milha de distancia desembocava um riacho do centro da garganta, e para a foz d'esse riacho soltou elle o rumo.

A começo tudo correu bem. Era o mar que o levava; ia resvalando entre flocos de espuma branca. Até que foi augmentando o cavado da vaga, e a espuma começou a desfazer-se-lhe por sobre a cabeça. Roberto já não podia guiar-se; não teve remedio senão deixar-se ir ao sabor das ondas. Logo a seguir, de repente, entrou n'um barathro de aguas onde, se não fosse o cinto e a prancha, teria sem duvida perecido sem remissão. Assim, ora era atirado para as funduras do pego, ora emergia á flor de agua para ouvir um referver sibilante, e por cima de tudo um troar continuo como de grandes canhões — o marulho das vagas a quebrarem-se.

A prancha, torcendo-se no embate das ondas, era quasi arrancada ao seu aferro; elle porem agarrava-se a ella com desespero, embora as arestas lhe rasgassem os braços. Quando as ondas se quebravam por cima d'elle, sustinha a respiração, e quando nas curvas o arremessavam aos ares, tomava de novo a respiração em anhelitos rapidos e fundos. Umaz vezes sentava-se na crista de uma d'ellas como o faria um tritão; de outras, mergulhava como um golfinho, e, ao sentir-se desfallecer, os pés tocavam-lhe no fundo. D'ahi a instantes, rolou por esse fundo sentindo sobre si como um peso de montanhas. A pran-

cha escapou-se-lhe, mas a cortiça do cinto trouxe-o logo á superficie. A ressaca arrastou-o de novo para o pego, onde se sentiu desesperado e perdido, já sem forças para lutar contra o destino.

Foi então que veiu uma vaga formidável, excedendo todas as que elle vira até então, d'essas a que os cafres da costa dão o nome de «mãe das ondas». Apanhou-o na sua enorme voluta verde. Arrebatou-o para deante como se elle não passasse de uma palha, atirou-o com violencia por sobre o espinhaço terrível dos penhascos. Rebentou como um trovão, arrojando-o por cima das pedras, rolando-o com a sua irresistível potencia, até que essa tremenda força se exauriu também, e a espuma começou a retirar para o mar, sugando-o a elle juntamente.

Roberto, embora se lhe esvasse a intelligencia, teve no emtanto tino bastante para perceber que, mais uma vez arrastado para o peirao, podia considerar-se perdido. Emquanto a corrente o ia puxando, aferrou-se ao fundo com as mãos ambas, e por misericordia divina empolgou o quer que fosse. Seria um tronco incrustado na areia ou um penhasco? Elle o que nunca veiu a saber.

Pelo menos era um objecto firme, e a elle se agarrou com desespero. A onda tremenda não se retiraria por fim? Tinha os pulmões a rebentar; mais um instante e teria que perder o aferro! Ah! a espuma ia-se adelgacando; a cabeça já passava por cima d'ella; abalara finalmente, deixando-o em secco, tal como um peixe que desse á costa. Alguns momentos assim permaneceu, a arquejar, depois, olhando para traz de si, viu outra onda que avançava nas trevas. Forcejou por levantar-se, baqueou, ergueu-se de novo, e correu aos tropeções, fugindo da fera que lhe rugia no encalço. Ávante, ávante sempre, até estar fora do seu alcance, sobre a areia secca. Então as forças vitaes desampararam-no, e, com o sangue a escorrer de innumeradas feridas, cahiu pesadamente de bruços e ficou immovel.

A lancha em que ficara Benita, muito metida na agua, a custo vogava contra a maré, porque a turba dos passageiros embaraçava os remadores. Passado algum tempo, reponhou uma aragem da terra, como acontece muitas vezes por volta da madrugada; e o immediato Thompson abalançou-se a içar a vela. Isto se fez com alguma difficuldade, por isso

que teve de se arvorar e apparellhar o mastro, apesar do alarido das mulheres, quando o vento inclinou o fragil lenho a ponto que a borda estava quasi de nivel com a agua.

—Vae pela borda fora a primeira pessoa que se mecher!—bradou o official, e todos ficaram socegados.

Agora avançavam bastante para o largo, mas era grande a anciedade dos praticos, porque o vento mostrava tendencias para refrescar, e, se algum macareu lhe saltasse dentro a lancha sobrecarregada não teria grandes esperanças de resistir. Com effeito, d'alli a duas horas viram-se forçados a carregar a vela e a derivar com a corrente, emquanto não rompesse o dia. Thompson esforçou-se por lhes dar alento, dizendo que estavam agora na linha de derrota dos navios, e se não conseguissem avistar nenhum quando chegasse a manhã, elle correria pela costa abaixo até encontrar sitio livre de arrebentação onde podessem desembarcar. Se as suas palavras não inspiraram esperanza, pelo menos acalmaram-nos. Agachados n'um silencio torvo, espreitavam o ceu.

Finalmente o cariz foi-se aclarando, e logo, com uma subita explosão peculiar á Africa do Sul, ergueu-se o enorme disco rubro do sol, começando a dissipar a neblina da superficie do mar. D'ahi a meia hora, desapparecida ella, os raios esplendidos trouxeram vida nova aos corpos entorpecidos, e uns e outros se olhavam, a ver quem da triste companhia estava ainda vivo. Pediram de comer, e distribuiu-se-lhes bolacha e agua.

Durante todo este tempo, Benita permaneceu inconsciente. Até um passageiro impiedoso, cujos pés tinham pousado n'ella como n'um tamborete, alvitrou que ella deveria estar morta e que melhor fôra atiral-a ao mar, afim de alliviar a lancha.

—Se atirar com essa senhora ao mar, quer esteja viva ou morta—disse Thompson cravando n'elle um olhar sinistro—irá fazer-lhe companhia, sr. Batten. Lembre-se de quem a trouxe aqui e de como esse homem pereceu.

Então o sr. Batten reduziu-se ao silencio, emquanto Thompson, de pé, perscrutava a amplitude dos mares. D'ahi a pouco segredou a um marinheiro que estava também de pé junto d'elle, o qual, depois de lhe seguir o olhar, respondeu com um gesto affirmativo.

—Deve ser o paquete intermedio da outra linha—disse elle.

E os passageiros, voltando a cabeça, viram ao longe, á direita, uma listra de fumo no horizonte. Deram-se ordens, largou-se a vela meio colhida, com um trapo branco qualquer atado por cima, e deitaram-se os remos fora. A lancha singrou de novo àvante, obliquando para a esquerda na esperança de interceptar o vapor.

Este seguia com terrível rapidez, e elles, tendo algumas milhas a vencer, não se atreviam a largar mais panno com aquella briza. D'alli a meia hora tinham o paquete quasi enfiado na proa, e ainda estavam a uma

— Já deram por nós—disse Thompson— Dêem todos graças a Deus, porque o vento está refrescando. Arria a vela! já não nos é precisa para nada.

D'alli a meia hora, com muitas precauções, por isso que, como elle previra, o vento começava a levantar mereta e a enxovalhar a popa da lancha muito mergulhada, amarravam elles a um cabo atirado de bordo do paquete *Castle*, de tres mil toneladas, com destino ao Natal. Cascalhando de encontro ao casco, arriou-se a escada de quebra-costas, e alentados ma-

rinheiros foram-n'os arrancando um por um á morte de que haviam estado tão proximos. A última pessoa a ser içada, afora o immediato, foi Benita, que foi necessario cingir-se de um cabo.

— Vale a pena? — perguntou de cima o official, relanceando os olhos para aquella figura inerte.

— Não] sei dizer; mas espero que sim—redarguiu Thompson—chame o doutor.

E com toda a cautela Benita foi alada até á amurada do paquete, enquanto precipitadamente se acudia a chamar o medico, que ainda repousava no seu camarote.

O capitão do *Castle* estava na ideia de abandonar a lancha, mas Thompson oppoz-se, e afinal içaram-na tambem para dentro. Entretanto havia-se es-

palhado a noticia. Os passageiros do *Castle*, despertos do somno, revestidos de pyjamas, penteadores, e até mantas de cama, agglomeravam-se á roda dos miseros naufragos ou conduziam-nos caridosamente aos camarotes.

—Eu sou da Sociedade de Temperança—disse o immediato Thompson depois de fazer uma succincta narrativa ao commandante do *Castle*—mas ficava muito agradecido a quem me offerecesse uma dose de whiskey e soda.

E logo o serviram.



A ESPUMA COMEÇOU A RETIRAR PARA O MAR, SUGANDO-C A ELLE JUNTAMENTE

distancia enorme. Largaram mais algum panno, que os impelliu pela mar fora com a maxima velocidade a que não era em extremo perigoso aventurarem-se. O paquete ia passando a umas tres milhas, e apoderou-se d'elles um torvo desespero. Então Thompson lançou mão de outro recurso; despiu-se sem cerimonia, tirou a camisa branca que vestira para o baile, e ordenou a um marinheiro que a atasse a um remo e capeasse com ella.

O vapor continuou a seguir, até que finalmente ouviram-lhe os sons da sereia, e perceberam que fazia proa para elles.

CAPITULO IV

O pae de Benita

Comquanto o choque recebido na cabeça fosse sufficiente para a privar dos sentidos durante tantas horas, o ferimento de Benita não era de extrema gravidade. O bloco da madeira ou fosse que objecto fosse, que lhe cahira em cima, tinha-lhe batido na testa de raspão, e não em cheio. A isso deveu, apesar das escoriações na epiderme e de uma contusão no craneo, ter escapado de qualquer fractura. Com apropriados cuidados medicos não tardou que recuperasse os sentidos, mas, como estava ainda muito aturdida e continuava a suppôr-se a bordo do *Zanzibar*, o medico julgou prudente conserval-a durante algum tempo n'essa illusão.

Por conseguinte, depois de ella tomar um caldo, ministrou-lhe um soporifero, cujos effeitos duraram até á manhã seguinte.

Voltou então a si completamente, e ficou admirada de sentir aquella impressão dolorosa na cabeça, que estava atada com ligaduras, e de ver ao pé de si uma mulher extranha apresentando-lhe uma tigela de caldo.

—Onde estou eu? Estarei sonhando?—inquiriu ella.

—Tome este caldinho, que eu já lhe conto—respondeu a creada.

Benita obedeceu, porque sentia appetite, e em seguida repetiu a pergunta.

—O seu paquete naufragou—disse a creada—afogou-se immensa gente, coitados! mas a senhora salvou-se n'uma lancha. Olhe para o seu fato; veja como está enxuto.

—Quem é que me levou para dentro da lancha?—perguntou Benita em voz baixa.

—Dizem que foi um sujeito que a embrulhou n'um cobertor e lhe poz um cinto de salvação.

Benita recordou-se logo de tudo que succedera antes que a escuridão a envolvesse—a pergunta a que não dera resposta, o par de namorados que estavam perto d'ella—tudo lhe occorreu á memoria.

—É o sr. Seymour está salvo?—murmurou ella, com o semblante livido de pavor.

—É de crer, Miss—respondeu a creada evasivamente—Mas aqui a bordo não ha ninguém com esse nome.

N'este momento entrou o medico, a quem ella tambem se fartou de pedir informações.

Mas tendo sabido da abnegação de Roberto, da bocca do immediato Thompson e de outras pessoas, elle não quiz dar resposta, porque desconfiava de que natureza eram as relações entre os dois, e receiava os effeitos do choque. Apenas disse que tinha todas as esperanças de que Seymour tivesse escapado n'outra embarcação.

Só passados dois dias é que não tiveram remedio senão dizer a verdade a Benita, por ser impossivel continuar a escondel-a. Foi Thompson que veio ao camarote e tudo lhe contou. Ella escutou em silencio, surpresa e apavorada.

—Miss Clifford,—disse elle—quanto a mim, foi um dos actos de maior coragem que se tem praticado no mundo. A bordo do *Zanzibar*, confesso que sempre o tomei por um patusco, um cabeça no ar, mas era afinal um homem ás direitas, e peço a Deus que lhe tenha dado vida, e o mesmo pedem essa senhora e essa creança por quem elle se sacrificou e que estão ambas de perfeita saude.

—Sim!—repetiu ella automaticamente—um homem ás direitas! E—acrescentou n'um relampago extranho de convicção—creio que elle vive ainda. Se elle tivesse morrido, eu tel-o-hia sabido logo.

—Deus a ouça!—redarguiu Thompson, que tinha uma convicção opposta.

—Ouça!—continuou ella—sempre lhe quero dizer uma cousa. Quando se deu a castastrophe, acabava o sr. Seymour de me pedir que casasse com elle, e eu ia responder-lhe que sim... porque lhe quero muito. Estou convencida de que ainda lhe hei de dar esta resposta.

Thompson, tão honesto e affectivo como valente e habil mareante, retorquiu de novo que o desejava com todas as veras da sua alma; mas lá no intimo apprehendia que a resposta d'ella não poderia dar-se áquem do tumulo. Depois, em conformidade com a recommendação que recebera, entregou-lhe o papel que lhe fora encontrado no seio e, incapaz de supportar mais tempo esta penosa scena, sahiu precipitadamente do camarote.

Ella leu e releu avidamente e apertou o papel aos labios, murmurando:

—Sim, hei de lembrar-me de ti com ternura, Roberto Seymour, com a maior ternura que por um homem pode sentir uma mulher. Quer seja agora, quer de futuro, hei de dar a resposta ao teu pedido, caso ainda a

desejes. Onde quer que tu vás, onde quer que tu estejas, a minha resposta será a mesma, Roberto.

N'essa tarde quando ella serenou um pouco, veiu Mistress Jeffreys visitá-la, mais o filhinho. A pobre creatura estava ainda descorada e abatida, a creança porém não soffrera damno da immersão n'aquella agua tepida.

—Que ha de pensar de mim, Miss?—disse ella cahindo de joelhos ao pé de Benita.—Mas se eu nem sabia o que fazia! Era o terror, e era meu filho!—e beijou apaixonadamente a creança a dormir.—Nem sequer percebi nada, n'aquelle momento. Estava com a cabeça perdida! E aquelle homem... um heroe... deu a vida por mim, quando os outros me queriam enxotar com os remos. Sim, tenho nas mãos o sangue d'elle; d'elle que morreu para nós vivermos, eu e o meu anjinho!

Benita olhou para ella e respondeu com muita doçura:

—Talvez que elle afinal não morresse. Não se afflija. Se morreu, que morte gloriosa a sua! Tenho orgulho n'essa morte, mais do que que se elle houvesse continuado a viver como os outros... os taes que queriam enxotar a com os remos. O que fôr, será da vontade de Deus, e sem duvida pelo melhor. Sequer ao menos, Mistress Jeffreys e o seu filho serão restituídos a seu marido, embora isso me custe a mim aquelle que meu marido viria a ser.

N'essa noite Benita subiu á tolda e falou com as outras senhoras que tinham logrado salvar-se, colhendo todos os pormenores que poude. Mas não dirigiu a palavra a nenhum dos homens, a não ser Thompson, e elles, percebendo o que lhe ia no espirito, desviaram-se d'ella como já o tinham feito de Mistress Jeffreys.

O *Castle* tinha pairado pelo local do naufragio durante umas trinta horas, e salvara outra barcada de sobreviventes, e mais um fogueiro que vogava agarrado a um destroço do navio.

Mas não lhe fora possível communicar com a costa, porque se levantara o vento que se receiava, e o rolo da praia não permittia o desembarque.

A um vapor que passava com destino a Port Elisabeth tinha comtudo dado noticia do tremendo desastre, que áquellas horas era já

conhecido em todo o mundo, assim como os nomes das pessoas que o *Castle* havia salvo.

Na noite do dia em que Benita falou com Mistress Jeffreys, o *Castle* surgiu na costa, em frente de Durban, por isso que n'aquelle tempo a barra não dava entrada a um navio do seu tamanho. Pela manhãzinha, a creança despertou Benita do seu inquieto somno, para lhe participar que viera no rebocador um sujeito de idade que a procurava; com receio de excitar mentidas esperanças, ella accentuara cautelosamente as palavras «de idade». Com a ajuda d'ella Benita vestiu-se, e quando o sol nascente inundava de luz o Berea, a Ponta, a cidade muito branca, a linda costa do Natal, ella subiu á tolda, e ahi, encostado ao varandim, viu um homem grisalho, cujo aspecto, apezas do decurso dos annos, lhe era ainda familiar.

Estremeceu toda ao vel-o alli, absorto em meditações. Apezas de tudo, era seu pae, o homem a quem devia a sua presença n'este mundo de devastação e de esperança supremas. É possível que não fossem mais os peccados d'elle do que aquelles de que fôra victima. Encaminhou-se para elle e tocou-lhe no hombro.

—Meu pae!—disse ella.

Elle voltou-se com a rapidez de um rapaz porque havia n'elle uma agilidade peculiar que a filha tinha herdado. Possuía ainda tanta viveza no corpo como no espirito.

—Minha querida filha!—exclamou elle—Era capaz de te reconhecer a voz, fosse onde fosse. Ha um ror de annos que ella me obsidia em sonhos. Minha querida, obrigado por teres vindo ter comigo e graças a Deus que te conservou a vida onde tantas se perderam.

Cingiu-a nos braços e beijou-a com ternura. Ella desviou-se um pouco, porque elle por inadvertencia maguara-a no sitio da ferida.

—Perdoe-me—disse ella—é a cabeça que doe ainda. Uma contusão que soffri, não sei se lhe disseram.

Elle então viu-lhe a ligadura na testa, e ficou muito pezaroso.

—Não me disseram nada, Benita—exclamou elle na sua voz leve e requintada, uma das chancellas de nobreza de sangue e educação que tantos annos de má vida não haviam conseguido apagar.—Disseram-me apenas que estavas salva. É a minha má sorte, logo a começo do nosso encontro, vir maguar-te, a ti a quem já tantas maguas tenho causado.



APEZAR DE TUDO ERA SEU PAE

Benita comprehendeu que estas palavras eram um signal de arrependimento, e sentiu-se commovida.

—Não vale nada—redarguiu.—Nem meu pae sabia, nem o fez de proposito.

—Não, minha querida. Acredita, nunca pequei por intenção, mas sim por fraqueza. Estás uma linda mulher, Benita, muito mais do que eu esperava.

—Ora essa!—respondeu ella com um sorriso.—Com estes trapos á roda da cabeça? São os seus bons olhos, por certo.

Mas intimamente ella pensou que elogio identico seria mais applicavel a seu pae, o qual realmente, apezar da idade, era um bello homem, com os olhos azues e vivos, o rosto expressivo, a bocca bem feita, com a curvatura dos cantos que era tambem tão sua d'ella, a barba grizalha e fina. Como podia ser este, scismava ella, o mesmo homem que levantara a mão para sua mãe? Foi então que se lembrou d'elle, nos tempos em que o alcool o escravizava, e afigurou-se-lhe simples a explicação.

—Conta-me como chegaste a salvamento, meu amor—disse elle, acariciando-lhe a mão com os dedos delgados. — Mal sabes que affições tive. Estava aqui hospedado no Royal Hotel, quando chegou o telegramma annunciando a perda do *Zanzibar* e de toda a gente que vinha a bordo. Pela primeira vez depois de tantos annos, bebi para afogar o desgosto... Ah! não tenhas medo, filha, foi a primeira e a ultima vez. D'ahi a pouco chegou outro telegramma dando o nome das pessoas que se sabia estarem salvas, e... Deus seja louvado! estava entre elles o teu.

E respirou com força, ao recordar-se da alegria que tivera.

—Sim—redarguiu ella—A Deus creio que devo agradecer... a Deus, mas não só a elle. Não lhe contaram o que succedeu... quero dizer, como o sr. Seymour me salvou?

—Pelo alto. Emquanto te vestias, estive a conversar com o official que veio a commandar a tua lancha. Esse Seymour era um valente, Benita, e peza-me ter de te dizer que... já não é d'este mundo.

Ella agarrou-se com ancia a um dos varões, encarando-o com a 'physionomia pallida e transtornada.

—Como sabe, meu pae?

Clifford tirou da algibeira do casaco um numero da vespera do *Natal Mercury*, e em

quanto ella esperava, cheia de alvoroçada angustia, passou a vista sobre as longas columnas descriptivas da perda do *Zanzibar*. Afinal deu com o periodo que procuraya, e leu-lh'o alto. Dizia assim:

«Referem pessoas, que andaram em investigações pela costa fronteira á scena do naufragio, terem encontrado um cafre que andava por alli de jornada, o qual lhes mostrou um relógio que affirma ter tirado do bolso de um branco, por elle encontrado extendido na areia, na foz do rio Umvoli. Na parte interior da tampa tem gravado o seguinte: «A Seymour Roberto Seymour, de seu tio, no seu vigessimo primeiro anniversario.» O nome do sr. Seymour apparece como um dos passageiros de primeira classe para Durban no *Zanzibar*. Pertencia a uma antiga familia do Lincolnshire. Era esta a sua segunda viagem á Africa do Sul, que elle visitara ha annos com seu irmão, n'uma expedição de caça grossa. Todos que então o conheceram se unirão a nós no sentimento por esta perda. O sr. Seymour era um atirador notavel e um *gentleman* da mais fina roda. Assevera um dos sobreviventes da catastrophe tel-o visto pela ultima vez conduzindo para um escaler Miss Clifford, filha do bem conhecido pioneiro do Natal com este nome. Mas, constando que esta senhora se salvou e visto elle ter embarcado com ella no escaler, ainda não temos explicação do modo como elle veio a tão desastroso fim».

—Creio, por desgraça, que isto é bastante claro—concluiu Clifford, dobrando o jornal.

—É claro, é—repetiu ella em voz abafada.—E no emtanto... no emtanto... ah! meu pae, elle acabava de me pedir que o desposasse, e eu não posso acreditar que elle tenha morrido sem eu ter tempo de lhe responder.

—Valha-me Deus!—exclamou o velho—Isso é que ninguem me contou. Que tristeza! que desgosto medonho! Deus te dê animo, minha pobre filha. Nada mais ha que dizer senão que elle foi uma, entre trezentas victimas. Não succumbas, filha, deante de toda esta gente. Olha! ahi vem o rebocador.

A semana que se seguiu passou para Benita quasi como um sonho confuso. Quando chegaram a terra, uns velhos amigos de seu pae levaram-n'os a ambos para casa, uma vivenda socegada na margem do Berea. Ahi, pas-

sada a primeira excitação do salvamento e do desgosto, produziu-se a reacção inevitável, trazendo consigo tão inquietadora fraqueza que o medico obrigou-a a ficar de cama durante cinco dias. Com a cicatrização da ferida voltaram-lhe afinal as forças, mas era uma desolada creatura a Benita que uma tarde se ergueu para ir vacillando até á varanda e contemplar o fero oceano, agora tão pacifico como o firmamento que o cobria.

O pae, que durante esses negros dias a tinha tratado com a maior ternura, veiu sentar-se ao pé d'ella, tomando-lhe a mão entre as suas.

—Magnifico!—disse elle, olhando-a anciosamente.—Até que emfim voltas a ser o que eras d'antes.

—Nunca mais serei o que era d'antes—retorquiu ella.—Essa antiga Benita está morta, embora o exterior voltasse á mesma. Meu pae, supponho que faço mal n'isto, mas o que eu desejava era ter morrido tambem. O que eu desejava era que elle me tivesse levado quando se atirou ao mar para alliviar a lancha.

—Não digas isso, filha!—atalhou elle com impetuosidade.—Eu sei de sobra que não valho de muito na tua vida... Depois do que se passou, que admira? Mas quero-te muito, e se eu ficasse outra vez sósinho...

E calou-se.

—Não ficará sósinho, se isso estiver na minha mão—replicou ella, fitando no velho os olhos negros e affectuosos.—Um ao outro nos temos só no mundo, pois não é verdade? Tudo o mais se foi, para nunca mais voltar.

Elle cingiu-a nos braços e, achegando-a a si, beijou-a apaixonadamente.

—Se tu ao menos podesses aprender a ter-me amor!—disse elle.

—Tenho, sim—redarguiu ella—e nenhum outro homem amarei mais n'este mundo.

Foi este o inicio de uma affeição que despontou entre pae e filha e que nunca mais esmoreceu.

—Ha alguma noticia?—perguntou ella d'alli a pouco.

—Nenhuma, nenhuma que lhe diga respeito a elle. A maré sem duvida que arrebatou o cadaver, depois do cafre se afastar. Agora lembro-me perfectamente d'elle. Era um rapaz perfeito, e occorre-me que, ao despedir-me d'elle sobre as taes ruinas, tive vontade de ter um filho assim. E por um triz que elle esteve para fazer as vezes de meu fi-

lho! Que se lhe ha de fazer! O capim tem de curvar-se quando sopra o vento, como dizem por aqui os indigenas.

—Alegra-me que o tenha conhecido—redarguiu ella com simplicidade.

Começaram então a falar de outros assumptos. Elle contou-lhe que a historia se divulgara, e que toda a gente alcinhava Roberto Seymour de «heroe», e que a pessoa d'ella despertava egualmente a curiosidade geral.

—N'esse caso, vamo-nos embora quanto antes—disse ella nervosamente.—Mas para onde iremos nós, meu pae?

—Isso é comtigo, queridinha. Escuta! A minha situação é esta. Ha annos que eu trabalho com pertinacia e energia, e o resultado é que eu e o meu socio temos uma bella fazenda no Transvaal, nas terras altas ao pé do lago Chrissie, lá para os lados de Wakkerstrom. Dedicamo-nos á creação de cavallos, que nos tem dado lucros soberbos. Eu já tenho 1500 libras de economias, e a fazenda rende-nos umas 600 libras por anno, salvas das despezas. Mas é um sitio muito isolado, apenas com uns poucos de boers na vizinhança, verdade seja que boa gente. Não deves gostar de viver allí completamente só.

—Bem me importa isso a mim!—respondeu ella sorrindo.

—Por emquanto não te importas, porque mal imaginas o que aquillo é. Ora eu podia vender ao meu socio o meu quinhão na fazenda. Estou que elle o comprava. Ou então podia confiar n'elle para me remetter uma parte dos lucros, mas por isso é que elle talvez não estivesse. Então, se tu quizesse, podiamos viver em alguma das cidades ou nos seus arredores, ou mesmo, visto que possues um rendimento teu, voltar para Inglaterra, se tal fôr o teu desejo.

—E o seu, é esse?—inquiriu ella.

Elle abanou a cabeça.

—Não é, não! Aquí é que está toda a minha vida. Alem d'isso, antes de morrer, quero encontrar uma cousa... e é por teu amor, queridinha.

—Lá no meio das taes ruinas, não é isso?—perguntou ella, olhando para elle com curiosidade.

—Exacto. Com que então sabes?...—redarguiu elle com um lampejo nos olhos azues—É isso, foi Seymour que te contou. É no meio das ruinas, é; mas essa historia, hei de contar-t'a para outra vez, aqui não, aqui não

Que desejas então fazer, Benita? Lembra-te de que estou nas tuas mãos; obdecer-te-hei em tudo.

—Nem quero morar n'uma cidade nem voltar para Inglaterra—replicou ella, ao passo que elle pendia ancioso das suas palavras.—Esta terra é que é de ora ávante a minha terra santa. Meu, pae, quero acompanhá-lo para a fazenda; é onde poderemos, ambos nós, viver tranquilos.

—Pois sim!—retorquiu elle um pouco inquieto.—Mas é preciso que saibas, Benita, que ahi não estaremos nós completamente isolados. O meu socio, Jacob Meyer, habita lá tambem.

—Jacob Meyer? Ah! agora me lembra!—e teve um gesto imperceptível de enfado—É um allemão, um homem a modo excentrico, pois não é?

—Judeu allemão, supponho eu, e excentrico deveras. Já por uma duzia de vezes que podia ter feito fortuna, e ficou sempre na mesma. Pouco pratico, um visionario, cheio de invenções e de manias. Boa alma não digo que seja, Benita, mas dou-me bem com elle, e pelo contracto que fizemos não me é possível ver-me livre d'elle.

—Como se tornou elle seu socio?—perguntou Benita.

—Eu te digo. Ha um bom par de annos appareceu-me elle com uma historia lastimo-

sa. Disse-me que tinha andado a negociar entre os zulus; desaveiu-se com elles, não sei como nem porque, deitaram-lhe fogo ao carro, roubaram-lhe as fazendas e os bois, e mataram-lhe a gente do seu serviço. Ao que elle conta, davam tambem cabo d'elle, se não escapasse por um expediente muito extraordinario.

—Como?

—Diz elle que hypnotizando o chefe e fazendo com que este o conduzisse pelo meio da sua gente. Uma historia extravagante a valer, mas eu acredito n'ella, por se dar com Jacob. Trabalhou por minha conta seis mezes e mostrou-se muito habil. Depois, uma bella noite, lembro-me que foi uns dias depois de eu lhe contar a historia do thesouro portuguez nos Matabeles, sacou do forro do colete 500 libras em notas do banco de Inglaterra, e propoz-me comprar metade dos interesses da minha fazenda. 500 libras, nem mais nem menos! E eu todos aquelles mezes a tomá-lo por um pobretão! Bem! Em vista da habilidade d'elle, e ser preferivel tel-o por companheiro a ficar isolado n'aquella solidão, resolvi-me afinal a acceitar. Desde então temos sido bastante felizes, a não ser n'aquella expedição á cata do thesouro que não topámos, apesar de termos pago de sobra as despezas com o marfim que comprámos. Mas para a outra vez



havemos de ter mais sorte—acrescentou elle com enthusiasmo—o caso é conseguirmos vencer os makalangas a deixar-nos pesquisar á vontade aquella serra.

Benita sorriu.

—Antes continuasse na criação dos cavallos.

—Depois me dirás, em sabendo a historia. Mas tu, creada e educada em Inglaterra, não terás medo de ir para o lago Chrissie?

—Medo de que?

—Ora essa! do isolamento, e mais de Jacob Meyer.

—Eu cá nasci no *veld*, meu pae, e sempre embirrei com Londres. Quanto ao seu exquistorio amigo Meyer, não ha homem no mundo que me metta medo. Já não quero saber de homens. Sequer ao menos quero experimentar o sitio, a ver se lá me darei bem.

—Bello!—redarguiu o pae com um suspiro de allivio.—A todo o tempo é tempo para voltar, pois não achas?

—Pois sim!—disse ella com indifferença.—Mas quer-me parecer que nunca mais volta-rei.

(*Continúa*).



A DEUS

*Vai-te. Eu vinha, a sangrar, caminheiro inexperto,
por esta aspera rota, allucinado, quando
ante mim te avistei, manso oasis, pompeando
na escavada rechã do meu triste deserto.*

*Os meus sonhos de amor, quaes beduinos em bando,
olhos postos em ti, já te julgavam perto,
verde oasis em flor! bosque tranquillo, aberto
em abrigos arcuaes, ao repouso chamando...*

*Fugiste como a nevoa ao sopro de uma aragem.
Deante de mim deixaste, em breve, unicamente,
o roteiro fatal de intermina viagem.*

*Não maldigo de ti. Toda miragem mente,
e tu foste, afinal, uma simples miragem,
illusão de um olhar cansado e descontente...*



A Conferencia de Algeciras

Sempre desejosa de dar vividas impressões sobre os assumptos palpitantes, a direcção dos SERÔES obteve de um amavel e talentoso correspondente o primoroso artigo que segue, onde *de visu* se descrevem e analysam aspectos extra-officiaes da conferencia que actualmente reúne em Algeciras diplomatas das principaes nações interessadas em Marrocos. Serão de paz ou de guerra os resultados? Eis a pergunta anciosa que todos os espiritos formulam, e que torna altamente interessante tudo quanto respeita a este culminante facto político mundial.

A hora do comboio especial que de Madrid trazia os delegados plenipotenciarios parar no caes de Algeciras, toda a população d'esta pacata cidadezinha estava na rua, ou anciosamente dependurada nos largos balcões e nos miradores mysteriosos.

Fazia um sol de primavera, e isto pôz logo bom humor nas caras dos diplomatas mais edosos, que vinham durante a viagem na incredulidade do apregoadado clima d'esta região, e não tinham ainda podido resignar-se ao fracasso da tentativa de reunir a conferencia em Madrid, onde a calefacção existe, e quasi todos tinham domicilio permanente.

Aquelle sol congraçou muita gente com o conde de Tattenbach; e os supersticiosos tiraram bons augurios d'esta entrada em materia: começava-se com o céu limpo de nuvens...

Foi portanto com a mais regosijada complacencia do seu variado repertorio de attitudes, que os diplomatas receberam os cumprimentos do duque de Almodovar,

correcto, magestoso e um pouco estrabico e de suas excellencias o Hach Mohamed-Ben-Larbi-Torres, delegado de S. M. Sherifiana em Tanger e seu embaixador extraordinario na conferencia, Sid Mohamed-El-Mokri, antigo almotacé em Fez, do Hach Mohamed-Seffar e de Sid Abderaman Ben-Nis,



O DUQUE DE ALMODOVAR DEL RIO
Presidente da conferencia, no seu gabinete
do Hotel Reina Christina



CHEGADA DOS DIPLOMATAS Á ESTAÇÃO DE ALGECIRAS
Apresentações feitas pelo duque de Almodovar

todos delegados plenipotenciarios, todos envoltos em brancas djilaias, calçados com babuchas amarellas, risonhos, abanando gravemente as cabeças morenas e não cessando de levar as dexttras, largamente espalmadas, ao sitio do coração.

Até que se acabaram as apresentações officiaes, não parou de se ouvir a Marcha Real Hespanhola, tocada pela banda d'um regimento de caçadores, que fazia a guarda de honra.

Por fim, as carruagens que de Sevilha vieram para o serviço das diferentes missões (e que custam 75 pesetas cada uma), levaram para o hotel Cristina aquelle punhado de homens, sobre os quaes a attenção do mundo se ia concentrar nervosamente durante um largo tempo, e de quem se dizia que, á semelhança do consul romano, ao chegar a Cartago, levavam nos bolsos das sobrecasacas a paz ou a guerra...

Os marroquinos alojaram se n'um chalet á beira mar, que tem sobre a bahia uma larga galeria envidraçada; em frente, obstruindo-lhe o horisonte, fica-

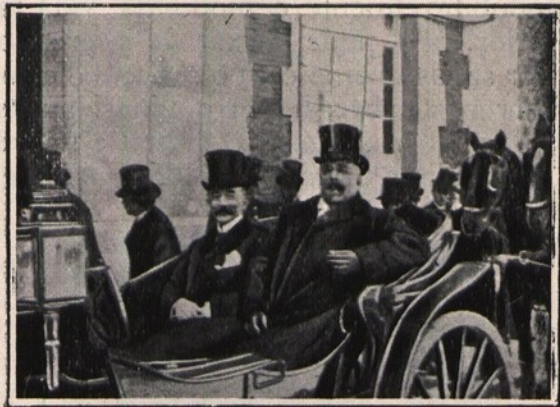
lhe a rocha imperativa e formidavel de Gibraltar—c seu antigo Gib-el-Tarik—; á direita, as primeiras montanhas do littoral africano, onde nos dias claros se distingue a casaria branca de Ceuta—gloriosa sob o poder de Almansor, e mais tarde incorporada pelos Almo-hades ao reino mouro de Granada—; á esquerda, apinha-se Algeciras, a Al-Djezirah da primeira invasão sarracena



Q DUQUE DE ALMODOVAR E OS DIPLOMATAS
RECEM-CHEGADOS,
saudando o pavilhão hespanhol



HACH MOHAMED-BAN-LARBI-TORRES
delegado de Marrocos



OS CONDES DE TOVAR E DE MARTENS FERRÃO
delegados de Portugal



RADOVITZ E O CONDE DE TATTENBACH
delegados de Allemanha



RÉVOIL, DELEGADO DA FRANÇA, E SEUS SECRETARIOS
Dirigindo-se á conferencia

— toda caída, dir-se-hia pallida do terror do monstro inglez que a defronta.

N'este scenario poisam diariamente (e os indiscretos dizem que alta noite tambem) os olhos fatigados do velho Mohamed Torres. De todos os cantos do horizonte lhe veem evocações do esplendor antigo da sua patria, que elle aqui vem representar e defender, n'um lance talvez definitivo para o seu futuro. Os nomes das ruas d'esta terra, que os seus ergueram como primeiro estadio da sua triumphal correria peninsular, são nomes de derrotas: *Affonso XI, El Salado...*

No meio d'esta frivolidade ambiente aqui congregada em affectada attitude de importancia, a figura d'este moiro tão velho, curvado e arrimado a um bordão, onde só falta o molho de lyrios para em tudo o parecer a S. José, é a unica nota romantica e melancolica d'esta memoravel reunião internacional.



CAES DE ALGECIRAS
ao longo do rio Miel;
ao fundo, o morro de Gibraltar

Um espirito independente, observador dos reflexos que em cada face põe indubitavelmente o modo da vida interior, não pode deixar de impressionar-se vivamente com o aspecto d'estas morenas cabeças marroquinas, aureoladas d'um suggestivo nimbo e nobreza innata, e em que os olhos por vezes



O SECRETARIO FRANCEZ
dando aos jornalistas a nota officiosa
de uma sessão



EM PASSEIO
O conde de Tovar, delegado portuguez,
e Mr. de Testa, delegado hollandez

fulgem, crepitantes, cheios de colera e de tristeza, como faúlhas do grande fogo que lhes devora as almas...

Em passeio, em visita, em plena fogueira das sessões da Conferencia, parecem uns phantasmas: teem um ar alheado e um gesticular lento e sonambulo; se fallam, ninguem os entende, se falam os outros, não os entendem elles! Veem d'outras edades, d'outro remoto mundo, enlevados e solemnes como figuras de baldaquino, e se os apertam com perguntas, os interpretes, em resposta, dizem que



RECEPÇÃO NO AYUNTAMIENTO NO DIA DO SANTO
DE AFFONSO XIII

Da esquerda para a direita: Mr. Testa, Dr. Armando Navarro, um interprete, o conde de Tovar, Venosta filho, Mohammed Torres, Casanova, Palmaroli, El Mokri, Síde Benis, secretarios de Marrocos e de Hespanha

elles estão contentes, que são amigos de todas as nações, que amam a civilização moderna, que querem que os ajudem a europeisar se (horriavel verbo!) e que ao voltar ao seu paiz irão cantar louvores á hospitalidade dos christãos.

Impermeaveis á nossa influencia material e moral, indifferentes no fundo a todas as suggestões ou pressões para lhes incutir amor pelas nossas formas de viver politicas ou sociaes, cuja necessidade o seu espirito satisfeito, fatalista e ankylosado na doutrina coranica não sente, elles só assimilaram totalmente, do seu contacto comnosco,



RECEPÇÃO NO AYUNTAMIENTO
Grupo de diplomatas

a arte subtil de velar com as roupagens da linguagem, a academia tortuosa da Intenção. N'isso são mestres admiraveis; e não ha forças humanas capazes de acertar com a chave d'estes enigmas vivos. São como enguias, que quanto mais se apertam mais escorregam d'entre as mãos.

Em meio do assalto continuado e geral, que a brutalidade umas vezes, outras a manha, dão á sua existencia nacional, elles mantem-se de pé, perturbadores e imperturbaveis, com a unica força, até hoje invencivel, da sua resistencia passiva.

Esta conferencia é uma prova extrema para a sua sagacidade eminente; e pouco ha-de viver, quem não poder dizer, fundado em factos, se foi a Eu-



NO TERRAÇO DO HOTEL
Delegados hespanhoes

ropa ou se foi Marrocos quem d'aqui sahio mais diminuido...

Como quer que seja, quem não tiver o coração pervertido pelos desvios do egoismo assanhado, não pode furtar-se a um intimo sentimento de consideração por elles: se vencedores, pela habilidade demonstrada, e se vencidos, pela respeitosa piedade que merecem os que morreram por não fazer traição a si proprios.

* * *

O acampamento dos christãos n'esta batalha incruenta, é, como se sabe, no *Hotel Cristina*. Architectura indefi-



AVEAJLILIV

Residencia do enviado britânico, sir Thomas Nicholson

nível, commodidades de casa rica inglesa.

Vive-se lá n'uma continuada algazarra, n'uma enervante algarviada polyglota, como se tivesse resurgido a legendaria torre de Babel.

Só á hora das comidas, no amplo salão que Maple mobilou, se faz um relativo silencio; os diplomatas comem com recolhimento e consciencia, e d'ahi talvez as queixas frequentes contra as aptidões do cosinheiro: não está á altura d'aquelles estomagos acostumados a equiparar, na importancia transcendente, a arte de bem *mijoter* um pitéu e a de bem redigir uma nota.

Falla-se mesmo d'uma representação collectiva das Potencias contra o facto da comida escaldar mais as bolsas do que as boccas, e de se deitar mais sal nas contas do que nos pratos.

Parece até que este incidente, *grave, excessivamente grave*, como diria o Steinbrocken do Eça, provocou uma crise ministerial, sendo substituido o funcionario incompetente. Dada a importancia real que as digestões teem nos humores em geral, e nos diplomatas em particular, este assumpto pode ter, para os resultados da conferencia, uma influencia decisiva, como facilmente se depreheende.

Assim a animação do salão de leitura, onde todos se empilham depois das refeições, se ressentido do valor dos *menus*.

Rapidamente a atmosphaera torna-se quasi irrespiravel: 50 charutos ardendo simultaneamente, toldam o ar d'um fumo anilado; os friorentos encostam-se aos fogões altissimos, forrados de azulejos velhos, aqui e ali apanhados ao acaso de vendas de occasião. Os outros atiram-se ao cavaco, e durante uma boa hora, a sala toma, pela animação, o aspecto d'um *foyer* de theatro n'um entreacto de peça discutida.

As quatro senhoras, mulheres de diplomatas, que tiveram a caridade de vir adoçar este desterro ingrato com a sua graça e os encantos do seu espirito, são ro-

deadas, procuradas com afan, disputadas com decisão, e conservadas com egoista energia.

E' n'esta altura, que sobre as figuras que são mais salientes na Conferencia, se abate a nuvem dos jornalistas. E é curioso, instructivo e divertido, assistir aos duellos que assim se travam nos vãos das portas, detraz dos biombo, e á roda da larga meza em que se espalmam jornaes de todos os paizes... e de todos os tempos.

D'aquellas palestras, em que os jornalistas atacam e os diplomatas se defendem com equal valor, sahem os telegrammas e as chronicas para o dia seguinte; as noticias são tiradas a ferros, para fazer ferro aos *chers collègues* dos outros jornaes; e de vez em quando vê-se um correspondente isolar-se, tirar do lapis, e largar a escrever desesperadamente no primeiro papel disponivel. Outros, mais ladinos, largam pela porta fóra, direitos ao telegrapho; e assim o mundo está sabendo diariamente que *aqui no pasa nada*.

Entre todos estes jornalistas (alguns de positivo valor e illustração) destaca-se a figura do celebre correspondente do «Times» em Tanger, o sr. Harris, singularmente parecido com o sr. Cabral Moncada. A pouco e pouco, ahi por volta das onze horas, a sala vae-se esvasiando: uns vão dormir, outros jogar o *bridge*, e outros — coitados! —

vão trabalhar na comissão dos relatórios da Conferencia.

É este o momento solemne em que entre os poucos que ficam, se iniciam ou continuam conversações reservadas e ultra-confidenciaes. Successivamente, Visconti-Venosta, alto, espadaúdo, com uma cabeça que é a de Saldanha da bocca para cima, e a de Kruger da bocca para baixo, é abordado pelo conde de Tattenbach (*el amo del cotarro*, como lhe chamou um hespanhol), sempre concentrado, encostado a uma perpetua bengala que só larga para dormir; pelo sr. Révoil, intranquillo, vivo e com um ar *affairé* que dizem ser-lhe habitual; pelo duque de Almodovar del Rio, presidente da con-



RESIDENCIA DO DELEGADO FRANCEZ
E MAIS AO FUNDO A DO DELEGADO MARROQUINO

De dia, e sobretudo quando não ha sessões, a distribuição do tempo é um problema. Algeciras é o que os ingleses, nas suas *guias*, chamam a *very dull and sleeping place*.

Como distracções, para os não contemplativos que não gostam de quedar-se a olhar o mar desde as varandas do hotel, ha passeios de carro pelas tres unicas estradas que d'aqui arrancam, e das quaes a mais concorrida é a de Tarifa, e nas idas a Gibraltar, para onde ha vapores de hora a hora.



NÓ PATEO DO HOTEL

{Radowitz entrevistado por um jornalista}

ferencia, e d'uma serenidade inalteravel, tão inalteravel como o negro do seu admiravel cabelo, que aqui se tem feito notado, entre esta assembleia de carecas, incipientes ou concludentes; pelo sr. White, delegado americano, enorme e que parece vergar pelo seu pezo, as pernas um pouco arqueadas...

A estes conciliabulos chamou já irreverentemente alguém uma segundo cosinha, por n'elles se prepararem os *menus* que depois se servem nas sessões da Conferencia, e lá teem sido devorados sem dar lugar a reclamações.

À uma hora da noite, o hotel cahe em silencio; todos dormem. O somno dos justos? Quem sabe?!



UMA CONFERENCIA AMOROSA



NO TERRAÇO DO HOTEL REINA CHRISTINA

A esquerda, M.^{me} Sager (Suecia), Radowitz, filho (Allemanha), conde Cassini (Russia)
A' direita, duque de Almodovar, condessa de Tattenbach (Allemanha)

Os mouros são os que mais uso dão á carruagem, que no seu paiz não teem, e que evidentemente lhes agrada. Confiemos em que esta doce experiência os levará á rapida construção de estradas no imperio de Moghreb...

Esta monotonia de vida, aggravada com a forçada promiscuidade, constante e inevitavel, em que passam os dias e as noites, foi interrompida, no dia do *Santo* do rei de Hespanha, pelas cerimoniaes e cumprimentos officiaes a que deu lugar.

Todos os delegados, com o pessoal das suas missões, foram de grande uniforme á recepção no Ayuntamiento. Foi um dia historico em Algeciras! Aquelle desfile de carruagens abertas, luzindo ao sol as fardas mais diversas e vistosas, contará nos futuros annos d'esta terra. Acontecimentos menos *brilhantes* teem passado á Historia!

Para o perpetuar, foram feitas varias

photographias do *cercle diplomatique*; e ahi mais uma vez, o sr. Benoliel, informador graphico dos *Serões*, representou com zêlo e competencia (como usam dizer louvores officiaes) o seu papel difficil e em que é mestre, como se prova pelos documentos juntos.

Os photographos fazem uma terrivel concorrência aos jornalistas e teem sobre elles uma grande vantagem: operam a distancia, e por surpresa. Assim é que não param e estão em toda a parte.

Foi talvez isto que motivou este grito de allivio d'um diplomata, quando se viu enfocado pela centessima vez no mesmo dia: — «Está feito! A execução foi rapida!»

Tal é, em grandes linhas, o aspecto exterior d'esta conferencia, com tanto estrepito e reclamo preparada e annunciada.

Por fóra, cordas de viola, por dentro... o tempo o dirá!

O canal de Panamá

P.M. G.R.

(CONCLUSÃO)

TRABALHOS JÁ FEITOS

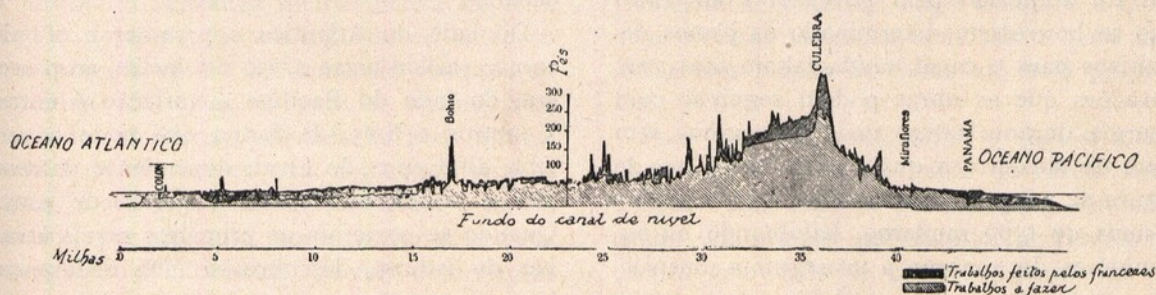


QUE se fez? Construiu-se um reservatório na serra perto de Culebra, do qual se canalizou agua para Panamá, e ahí se distribuiu pelas casas por um systema de tubagem; construiu-se um systema moderno e bem planeado de exgotos; deram-se ordens para a remoção permanente de cisternas e fossas; e logo que seja possível entulhar-se-hão todos os poços. O lixo será descarregado para o mar pelos canos de exgoto, o que é simples em consequencia da grande amplitude das marés. Com tanta pertinacia se está travando a guerra contra os viveiros de mosquitos dentro da area da cidade que até se procedeu a exame nas pias da cathedral contendo agua benta; e ao acharem-se n'essas pias os insectos damninhos, convidaram-se as autoridades ecclesiasticas a deitar-lhe sal. Organizou-se a limpeza das ruas, tão efficaçmente quanto o permite a escabrosidade da calçada. Para produzir melhores resultados, já se fizeram aprestos para cobrir gradualmente as ruas com asphalto ou qualquer outra substancia que produza uma superficie liza. Em Colon escolheu-se logar apropriado para um reservatorio, e trata-se de aperfeiçoar o defeituoso systema de aguas existente; alem d'isso, projecta-se elevar toda a superficie da cidade, actualmente apenas 1,^m65 acima do

nivel do mar, permitindo assim um escoamento e um exgoto efficaç. Entre as cidades seccam-se os pantanos e entulham-se os sitios mais baixos afim de difficultar quanto possível a vida dos mosquitos. Reparou-se e ampliou-se o antigo hospital francez em Ancon, perto de Panamá; melhorou-se o hospital local de Panamá, e dispoz-se completamente para serviço o hospital de Colon; e agora estabeleceram-se novas casas hospitalares para recurso immediato ao longo da linha do canal, nas quaes os casos suspeitos podem ser immediatamente isolados dos mosquitos, e removidos depois a coberto para os principaes hospitaes em cada um dos terminus. Afim de obviar á importação de molestias, estabeleceu-se em ambos os portos um serviço rigoroso e efficaç de quarentenas.

MAIS DIFFICIL QUE NA HAVANA

O problema em Panamá é de mais difficil solução do que na Havana, por ser o clima mais depauperante e a terra firme não estar tão sujeita á vigilancia como uma ilha; mas conseguiu-se um progresso sensivel e ha a probabilidade de que se alcance um exito cabal. Não teem apparecido epidemias como as que assignalaram os trabalhos precedentes, e comquanto se tenham empregado operarios até ao numero de dez mil simultaneamente, a

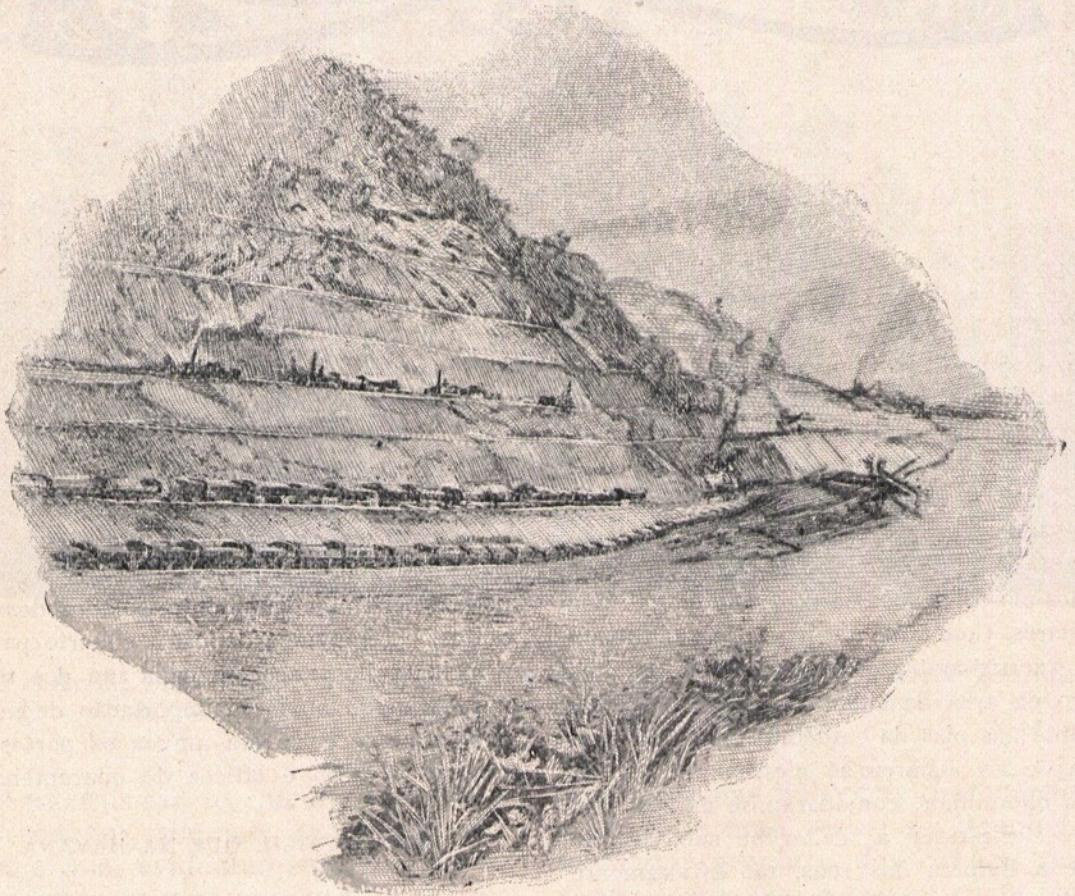


SECÇÃO TRNSVERSAL DO ISTHMO PELA LINHA DO CANAL

media dos obitos é quasi tão baixa como para um numero egual nos Estados Unidos. De febre amarella, que é a mais terrivel das pragas, houve apenas cento e sessenta e um casos desde julho de 1905, dos quaes apenas setenta e nove mortaes, e d'esses só setenta

DE NIVEL. OU COM DOCAS DE PASSAGEM?

Quanto propriamente ao canal e ás difficuldades physicas a elle attinentes, a primeira questão a resolver é esta: Qual deverá ser o typo? O canal será de nivel, ou terá docas



ESTADO DO CORTE DO CULEBRA, PELO NATAL DE 1904

e nove e quatorze respectivamente ocorreram em empregados da commissão.

O grande numero de homens empregados tem-se destinado em parte ás obras de sanidade, mas sobretudo ás obras propriamente de construcção do canal, as quaes teem caminhado em progresso continuo desde que o canal foi adquirido pelo governo. Comquanto não se houvessem determinado os planos definitivos para o canal, ainda faltam tantas excavações que as obras podem seguir-se com energia durante talvez mais dois annos sem irem de encontro a qualquer projecto que de futuro se adopte. Installaram-se novos machinismos de typo moderno, habilitando os engenheiros do governo a proseguir a construcção emquanto pendem decisões sobre o typo do canal e a celebração de contractos.

de passagem? D'esta solução depende o methodo conveniente de tratar as innundações do Chagres e a extensão da tarefa para rasgar a trincheira do Culebra. *A priori*, se pode comtudo affirmar que um canal perfeito de nivel é uma impossibilidade, em consequencia da variação nos niveis das marés nos dois oceanos.

Do lado do Atlantico o preamar e o baixamar variam entre 0,30 e 1 metro, ao passo que do lado do Pacifico a variação é entre 5 metros e 6,35, de forma que pode haver uma differença de nivel, dependente de ventos e condições locaes, de cerca de 3,35. Quando se correram os primeiros niveis atravez do isthmo, descobriu-se uma differença importante entre os preamares dos dois oceanos, d'onde proveiu a falsa crença popular

de que existia uma variação effectiva no nivel dos oceanos. A elevação a meia maré nos dois oceanos é exactamente a mesma; isto é, a maré baixa no Pacifico fica tanto abaixo da maré baixa do Atlantico quanto fica acima a maré cheia no primeiro em relação á do segundo. Se se abrisse entre elles um canal, a differença na altura de 3,^m5, de excesso no extremo norte na baixamar e no extremo sul na preamar, produziria uma corrente tão rapida que os navios não poderiam governar com segurança. Por conseguinte, em qualquer caso, tem de se construir uma doca de marés do lado do Pacifico, provavelmente em Miraflores, dentro da qual os navios com destino ao sul se elevarão quando a maré no Pacifico estiver baixa, e descerão quando ella estiver alta.

Duas vezes por dia, no periodo da meia maré, e durante algumas horas em que a variação de nivel não seja tamanha que produza uma corrente perigosa, pode a comporta permanecer aberta; ao passo que durante as phases em que a variação de nivel é minima, é provavel que para os navios ordinarios esta doca de marés se possa conservar aberta mais de metade do dia. Em Suez, a differença de 1,^m32 a 1,^m50 dos niveis das marés no Mediterraneo e no Mar Vermelho não determina a necessidade de doca de passagem.

REGULARISAÇÃO DO CHAGRES

Afim de que o resto do canal se construa sem a complicação das comportas, tem de se dominar absolutamente o curso do Chagres. É possível isto construindo uma represa em Gamboa, onde o Chagres encontra a linha do canal, e onde dá uma volta de cerca de um quarto de circulo; as collinas da margem aproximam-se sufficientemente para permittir a construcção de uma represa de grandes mas rasoaveis dimensões. Se a represa se elevar á altura de cincoenta metros acima do leito do rio, formar-se-ha um lago de tal extensão que exigiria quasi um anno de inundação continua do Chagres para se encher. Por meio de açudes na parte inferior pode o fluxo medio do rio correr com segurança para o canal, e sob a pressão de uns trinta e tantos metros, por exemplo, pode converter-se a sua energia em electricidade. Quando occorrem as chuvas violentas, o superfluxo do Chagres precipitar-se-ha para o lago, cuja superficie

se elevará lentamente por detraz da represa. Quando os temporaes acabam, o escoamento das aguas excederá o influxo e a superficie ha de abater. Haverá assim uma mudança continua no nivel do lago, conforme o influxo do Chagres fôr maior ou menor do que o fluxo medio, e o lago será um reservatorio sufficientemente amplo para abranger qualquer excesso possivel de torrente. A energia por esta forma armazenada bastará para illuminar o canal de extremo a extremo, assim como as cidades de Panamá e de Colon, e as pequenas povoações ao longo da linha dentro da zona, e para actuar sobre obras necessarias tanto para o canal como para o caminho de ferro do Panamá, deixando ainda um excesso para fins commerciaes. Por este projecto, as cheias do Chagres, que tem sido sempre o grande e ameaçador obstaculo ao empreendimento, não só serão dominadas, mas regularisar-se-hão e tornar-se-hão de futuro o factor mais importante para o exito da obra.

Por outro lado, se se adoptar o plano de docas de passagem, o tratamento do rio Chagres assume um character differente. A elevação do leito do rio em Gamboa é de cerca de dezeseis metros acima do nivel medio das marés, de modo que, fazendo-se a elevação do nivel de cumiada pelo menos tão alta como esta, as cheias affluirão para o lago, formando parte do canal. O excesso de agua d'este lago seria recolhido n'uma caldeira situada a distancia da linha do canal e conduzindo sem damno para o mar pelo canal actual do rio Chagres, o qual, desde Gatun até ao Atlantico, oito milhas, não forma parte do grande canal projectado. Este lago, assim como o que fica por detraz de uma represa em Gamboa, serviria de reservatorio regularizador com uma elevação fluctuante de superficie. Uma represa situada em Bohio formaria este lago de nivel de cumiada, o qual em varios projectos foi denominado Lago Bohio, e o qual, com diversas variantes, tem sido a base dos differentes planos de docas até hoje propostos.

Pode portanto assegurar-se a regularisação do Chagres para um canal de nivel, construindo uma represa em Gamboa, estabelecendo um grande reservatorio, accrescido de canaes artificiaes de diversão, parallelas ao grande canal afim de carrear o fluxo dos pequenos affluentes abaixo de Gamboa; ou para

um canal de docas construindo um lago interior em que as cheias se possam receber e descarregar sem prejuizo. Em nenhum dos casos as obras a fazer serão de extraordinaria importancia, mas o trabalho de combinação requererá grande pericia por parte da engenharia.

A TRINCHEIRA DO CULEBRA

O busilis da construcção, pela novidade das dimensões, é o corte da serraia divisoria, a qual no extremo sul é chamada Culebra e no norte Emperador, mas que o presente artigo designa com o primeiro nome. A elevação da superficie onde os francezes começaram era de cerca de 112 metros acima do nivel do mar; hoje a superficie está a cousa de 50 a 53 metros de altitude, á qual se deve juntar a profundidade do canal abaixo do nivel do mar, que anda por 11 a 13 metros. Cortou-se proximamente metade da profundidade maxima, embora não se tivesse ainda removido metade do entulho. Se este corte tem de completar-se excavando mais sessenta e tantos metros n'uma extensão de 8 milhas, tem de arrancar-se ainda e remover-se mais de 200 milhões de metros cubicos de rocha e argila. Este material seria sufficiente para atulhar uma rua urbana de 20 metros de largura, guarnecida de casas de tres andares e meio de altura, de fachada a fachada, desde o solo até ao telhado, n'uma distancia de 500 milhas ou 166 leguas, mais do comprimento e da lar-

gura de Portugal, sommados. Para conseguir este gigantesco desentulho, serão precisos enormes machinismos, e para o remover um serviço de caminho de ferro perfeitamente organizado; porque para se concluir o trabalho em dez annos, devem expedir-se diariamente durante esse periodo não menos de 5000 grandes vagões carregados de material. O serviço das machinas e dos comboios exigirá provavelmente 20:000 homens; e como por um motivo ou outro ha sempre individuos que faltam ao trabalho, para se conseguir uma força efectiva d'aquelle numero, será preciso incluir pelo menos 25:000 nomes nas folhas de pagamento. Bastam estes algarismos para dar ideia da grandeza da tarefa, a qual excede qualquer outra obra de engenharia até hoje emprehendida. Se o canal tem de ser de nivel, é preciso remover todo o entulho; se tem de ser de comportas, basta remover uma parte, conforme a elevação do nivel de cumiada que fôr arbitrariamente fixada.



ESCAVADOR AMERICANO EM TRABALHO



LAS CRUCES, EXTREMO DE NAVEGAÇÃO NO RIO CHAGRES

NAVEGAÇÃO DO CANAL

Seis a oito annos são precisos para se levar a cabo o projecto de differentes niveis, dez, talvez doze, para se concluir um canal de nivel. Qual dos dois typos afinal será preferivel, é problema que demanda grande ponderação. Por um lado, requer-se grande acrescimo de capital e alguma delonga no tempo, se bem que esta ultima de pouca importancia seja naturalmente na vida de uma empresa d'estas. O factor decisivo será provavelmente a utilidade pratica do typo, quando terminado. Seja qual fôr o projecto, o canal não pode ser navegado em todo o seu comprimento por grandes vapores com a mesma liberdade com que elles percorrem um rio amplo. Pensa-se que a largura do canal no fundo andarâ por 50 metros, dando uma largura na superficie de entre 65 e 115 metros, conforme a inclinação dos taludes marginaes, dependentes do character local da rocha ou do terreno atravez do qual se cavar o canal. Como os grandes vapores moder-

nos teem 25 metros de boca, é obvio que dois navios d'estes não podem passar um pelo outro no canal regular. Ao chegar a cada um dos terminus, o navio sollicitará do funcionario competente uma licença de passagem, e, se fôr navio de vela, um rebocador. Depois da devida inspecção, de tomar carvão, refrescos e um piloto, de ser medido e de pagar a importancia da portagem, o navio receberá então ordem para poder seguir. Esta ordem será semelhante á expedição de um comboyo por um caminho de ferro de uma só via, autorisando-o a ir até certo ponto, e ahi encontrar-se e passar por um navio vindo do outro extremo, ou encostar-se a um dos lados para dar passagem ao outro navio, ou esperar outras ordens para proseguir. Esta travessia em sentido contrario será regularisada pela construcção de refugios ou gares, isto é, alargamentos do canal em que o navio possa atracar convenientemente. Realizado o encontro, o navio segue então para a gare seguinte, onde espera outro navio, e tudo isto será regulado por ordens telegraphicas da es-

tação central, onde haverá uma planta mostrando a posição exacta de qualquer navio em qualquer occasião, corrigida de instante a instante pelos avisos recebidos das estações locais. Pelas margens fora haverá signaes semaphoricos de dia, e luzes de noite, indicando a posição dos estorvos ou dos navios afim de evitar collisões. Ao chegar a uma doca, deparar-se-ha ao navio uma structura perfeitamente semelhante em principio, mas muito maior que um açude vulgar. Estas docas deverão ter 330 metros de comprimento e uma largura maxima de 33 metros, afim de acomodar não só os vapores de 270 metros que hoje se constroem, mas os que de futuro possam fazer-se ainda maiores. As comportas que fecham as docas pelo lado do nivel mais baixo terão uma altura igual ao fundo do canal, mais a altura do dique, e mais cousa de tres metros, ou um total de 25 a 33 metros, conforme as condições; dimensões que exceedem muitissimo as de quaesquer outras comportas do mundo. Apenas o navio entra na doca e fica amarrado de forma que não actue sobre elle a corrente, mas que possa comtudo subir ou descer com a mudança de nivel, fecham-se atraz d'elle as grandes comportas e deixa-se entrar na doca a agua do nivel mais elevado ou exgota-se para o nivel mais baixo, conforme o navio fôr na carreira ascendente ou na descendente. Quando se attinge o novo nivel, abrem-se as outras comportas, e o navio prosegue a sua derrota entre margens atravancadas até á babugem de água com o emmaranhamento caprichoso de uma selva tropical ou com as plantações regulares de bananeiras. Ao chegar ao terminus do canal, desembarca o pratico, e o navio desaparece mar em fora.

Se a entrada se fizer por Panamá, as casas caiadas e os telhados vermelhos, sobrepujados pelos campanarios da velha cathedral, e as copas das grandes palmeiras da praça, trarão á mente reminiscencias da antiga Hespanha; d'ahi seguir-se-ha pelo canal, em direitura das Cordilleras, que da banda do Pacifico não offerecem á vista rompimento algum. Nenhum fez a natureza, e o feito pela mão do homem não será visivel a distancia. Depois de atravessar a grande trincheira, cujas empinadas bordas testemunharão para todo o sempre a grandeza da obra, a cota dos terrenos adjacentes irá gradualmente descendo até ás terras baixas de Colon. Ahi encontrar-

se-ha a antithese de Panamá. Em vez da antiga Hespanha, ver-se-ha uma cidade cheia do bulicio e da vida do seculo XX, com as suas enormes pilhas de carvão, armazens de toda a especie, docas e diques para reparação dos navios. Para alem fica o Atlantico, d'onde vieram aquelles que procuravam, não um mundo novo, mas o caminho para o antigo.

No melhor dos casos, a derrota pelo canal será demorada. A capacidade do canal para a passagem dos navios, embora grande, será limitada, e todos os obstaculos occasionaes contribuirão não só para crescer o tempo do transito, mas tambem para diminuir a capacidade. Uma doca, por mais engenhosamente planeada e habilmente construida, é um elemento de delonga e de perigo importante. Gastar-se-ha tempo não só nas funções mechanicas de abrir e fechar comportas, mas tambem na perda da velocidade do navio ao approximar-se ou ao afastar-se, e no vagaroso processo de introduzir um grande navio na bacia. Quanto menor fôr o tempo do transito, menos navios haverá no canal n'um dado momento, e maior será assim a efficacia do canal para transporte. Quanto ao perigo, sempre o ha em metter um navio grande entre muros de alvenaria, com um pequeno espaço a cada um dos bordos, e em introduzir agua que eleve um peso de 50:000 toneladas talvez, ou em retiral-a, para baixar esse enorme peso de um para outro nivel.

Qualquer accidente pode inutilisar temporariamente a doca, e, embora as docas sejam em duplicado, qualquer interrupção pode occasionar graves transtornos.

Por outro lado, os advogados do systema de docas allegam que as docas com as suas represas produzirão lagos, augmentando assim efficazmente a secção do canal, e habilitando assim os navios a andarem com maior velocidade para contrabalançar em parte a perda de tempo occasionada pela entrada e sahida das docas. Em resumo, o plano de nivel dará um canal com o minimo de tempo para o transito, o maximo de capacidade e o minimo de perigo; ao passo que um canal com docas de passagem poupará um avultado capital, algum tempo no iniciar dos trabalhos, e, na opinião dos seus advogados, terá capacidade sufficiente para as exigencias da navegação e, com o uso das necessarias salva-guardas, reduzir-se-hão os perigos a uma quantidade desprezivel.

MUDANÇA DE CONDIÇÕES

Pergunta-se com frequencia como é que tão radicalmente se alteraram as condições desde o fiasco dos francezes, que permittissem aos Estados Unidos intentar agora a mesma obra com esperanza de exito. Em primeiro lugar a primeira administração franceza foi incompetente e prodiga quasi alem do que se pode imaginar. Em segundo lugar, tanto essa primeira companhia como a sua successora eram sociedades particulares trabalhando para um lucro mercantil, e obrigadas a pagar pelo menos 6 por cento do seu capital; ao passo que o governo americano, podendo contrahir empréstimos por quasi um terço d'aquelle juro, pode empregar cerca de tres vezes o mesmo capital sem maior encargo annual para a empreza. Em terceiro lugar, tem-se realisado um consideravel progresso nas machinas excavadoras, tendo por consequencia o trabalho mais em conta, podendo alem d'isso compensar-se o excesso pelo desenvolvimento da energia electrica em Gamboa, o qual era a começo irrealizavel. Finalmente, como justificação senão como razão, os navios teem au-

gmentado tanto de tamanho que seria hoje insufficiente o que bastaria ha vinte annos, tanto mais que o canal deve estar concluido d'aqui a doze annos.

Não soffre duvida que a solução ambicionada é o canal de nivel, dando passagem com o maximo de capacidade, o minimo de demora, e o minimo perigo. O fallecido engenheiro chefe da commissão do canal relatou que tal resultado se pode obter com uma despesa extra de cerca de 80 milhões de dollares (80:000 contos de réis) em dinheiro e dois a tres annos a mais. Para uma empreza de tão transcendente influencia, e para um governo que dispõe de grandes recursos, cem mil contos não é quantia exorbitante e tres annos não representam dilatação excessiva, em comparação com as vantagens addicionaes que se asseguram.

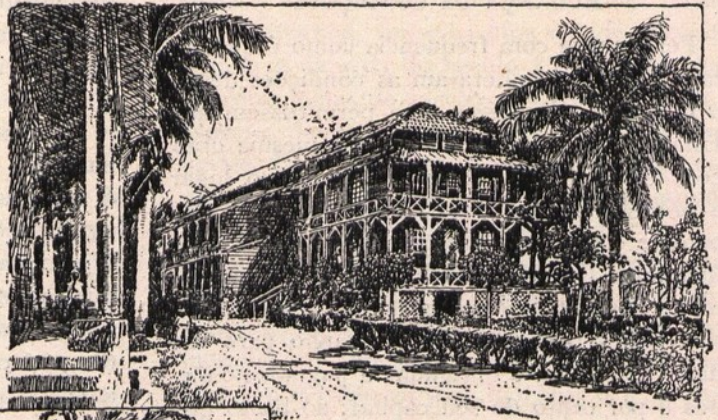
UM CANAL PARA A AMERICA

O principal beneficiario do canal será o povo dos Estados Unidos, de forma que o canal do Panamá será essencialmente um canal americano. Dos portos da Europa Septen-



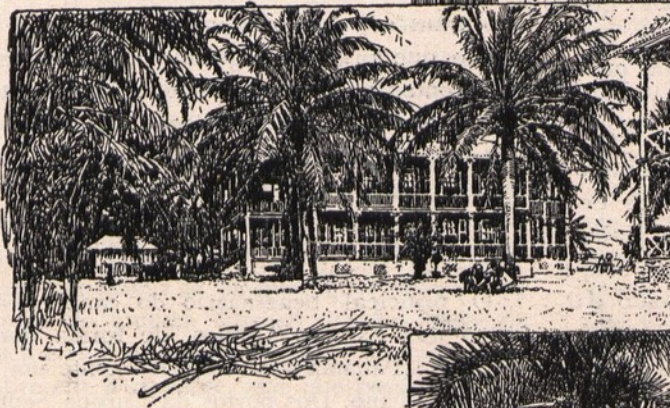
CASAS PARA OPERARIOS AO LONGO DA LINHA DO CANAL

trional para a India, China, Japão, a distancia por Suez ou por Panamá será substancialmente idêntica; e portanto os navios continuarão provavelmente a seguir a derrota costumada, a não ser no caso de navios de excepcional grandeza, que não podem passar sobre o fundo restricto do canal de Suez, o qual os limita a um calado de agua de 28 pés (9^m,25). Da Grã-Bretanha e da Allemanha



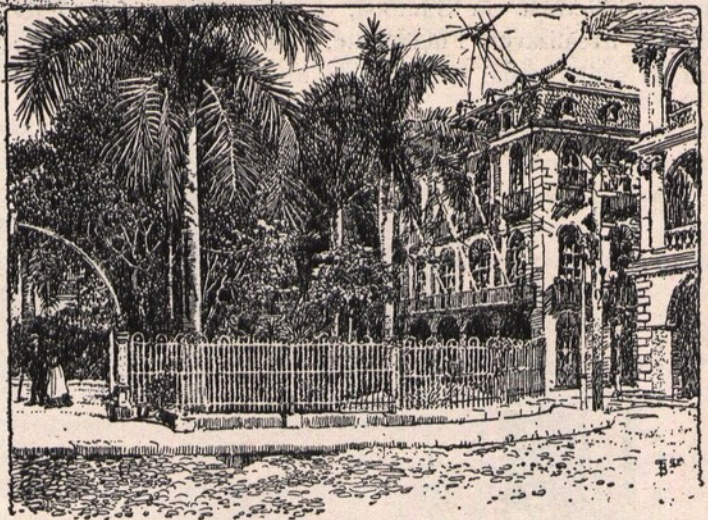
HOSPITAL EM PANAMÁ
EDIFICADO PELOS FRANCEZES

grosso do commercio americano tem sido com a Europa. Grande como o trafico transatlantico, o transpacifico offerece grandes pos-



PALACIO DE LESSEPS EM COLON

para a Australia e a Nova Zelandia haverá uma economia em distancia de cerca de mil e quinhentas milhas sobre a derrota de Suez — sufficiente segundo todas as probabilidades para se tornar factor determinante. Para o commercio americano o encurtamento será sobremaneira importante. De New-York para Manilla não é grande a differença; mas para Yokohama já ella importa em 3729 milhas nauticas; para Shanghai, 1629 milhas; e, comparada com a derrota pelos estreitos de Magalhães, para Callao a vantagem é de 6343 milhas, e para San Francisco, 7640 milhas. O novo canal aproximarão 6000 milhas de Liverpool os campos de cereaes dos estados do noroeste do Pacifico, e 9500 milhas de San Francisco o ferro e o carvão dos estados do golfo do Mexico embarcados em Nova Orleans e Pensacola, dando aos primeiros um novo e importante mercado que ainda não se lhes abrija, e aos ultimos uma vantajosa collocação de material de fabrico. Até hoje, o



AGENCIA CENTRAL DO CANAL EM PANAMÁ, CONSTRUIDA POR LESSEPS

sibilidades de desenvolvimento. Nas costas longinquoas d'este oceano ha quatrocentos milhões de almas, avidas de fazer negocio e começando rapidamente a comprehender os beneficios do commercio internacional. D'essa gente, oito milhões, se não são propriamente cidadãos americanos, pelo menos estão sob a protecção e a influencia dos Estados Unidos. O valor das importações e exportações annuaes entre o Extremo Oriente e o porto de New-York tão sómente sobe a quasi 200 milhões de dollares e promette desenvolver-se muito



O CAMINHO DE FERRO DE PANAMÁ E O RIO CHAGRES EM GATUM
EMBARCAÇÕES TRAZENDO BANANAS PARA O MERCADO

com as facilidades de transporte. O canal de Panamá só cederá aos caminhos de ferro transcontinentaes na tarefa de desenvolver o trafico americano, tanto interno como internacional.

Annunciou-se que o governo americano tem a intenção de conceder a todas as nações clausulas eguaes e eguaes direitos e a cobrar impostos de portagem sem a mira de lucros commerciaes. Esse procedimento, tendendo a aproximar os confins do globo e a estreitar as relações dos povos, é a maior promessa de paz universal e um passo importante para o periodo aureo em que os conflictos entre as nações assim como entre os individuos, serão resolvidos sem appellar para as armas.

Quando finalmente se misturarem no hemis-

pherio norte as aguas do Atlantico e as do Pacifico, colher-se-hão os fructos sazonados do descobrimento de Balboa, que não só perdeu a vida no isthmo, mas a quem até quizeram roubar a gloria d'esse feito em favor de Cortez. Na lingua hoje mais espalhada pelo mundo, praticou tal injustiça o poeta Keats, dizendo:

Or ike stout Cortez when with eagle eyes
He stared at the Pacific, and all his men
Look 'd at each other with a wild surmise,
Silent, upon a peak in Darien.

(Ou, como o forte Cortez quando com olhos de aguia contemplou o Pacifico, e todos os seus, desconfiados e feros, se encravam mutuamente, silenciosos, sobre um pinCARO do Darien).



Se a mocidade soubesse...

v

A MALA DO REI



Estavam, cuja atenção foi despertada vivamente, quando o homem de leis pronunciou o nome de Betty, voltou-se outra vez no canapé, n'um grande abatimento de corpo e de espirito. Apenas soube o endereço da burgravina e o facto consolador de que tanto ella como Sidonia—pois onde aquella estivesse, estaria esta—não se achavam no Palacio Real, e que era Betty, a encantadora e frivola Betty, a presa cubiçada em que se tinham fixado os olhares libertinos de Jeronymo, sentiu um profundo allivio. Certamente cahiu em somnolencia, porque se viu outra vez no velho burgo de Wellenshausen, com Sidonia, a sua linda noiva. Estava sentada n'uma cadeira de elevado espaldar e com o seu vestido de noivado, como elle a vira a ultima vez.

Olhava-o, porém, a sorrir e dizia-lhe:

—O tio deu-me a sua carta. Foi tudo um equivoco, um grande equivoco.

E querendo avançar para ella, na ancia de tomal-a nos braços, de repente, com o horror phantastico dos sonhos, a physionomia de Sidonia tornou-se outra, vermelha, desfigurada, semelhante ao rosto avinhado do estudante que violava as cartas particulares. E a voz da donzella mudou tambem, passando a rouquenha, entrecortada constantemente de risadinhas de escarneo.

Dizia:

—Nunca me teve amor, vejo-o agora bem claro. Procedeu correctamente para comigo, bem sei, mas o nosso casamento é impossivel perante Deus e perante os homens. Se a tempo eu tivesse comprehendido isto, preferiria a morte a dar o meu consentimento. Mas ainda não é tarde. O nosso casamento não é verdadeiro casamento. Já me informei e tenho a certeza de que em breve podemos ficar livres. Nunca mais o torno a ver, nunca mais!

Estavam sentou-se na cama e sentiu como que um gemido. O rabequista tinha passado em volta da meza com agiidade de gato, e,

sem diezr palavra, cahiu sobre o legista, paralyzando-lhe, com pulso de ferro, a mão que segurava a carta.

Foi o que obrigou o outro a mugir, como se o carrasco já estivesse a contas com elle. O decano acordou estremunhado e vociferou «Traição!», ao passo que o theologo, como se o brado lhe desse o ultimo retoque á instabilidade, cahiu para o chão, qual massa inerte, agarrado ao cangirão mais uma vez despejado. O decano atirou-se ás cegas para cima do rabequista, o que, visto pelo conde, o fez saltar do canapé.

Embora tivesse apenas livre um braço, porque ainda trazia o outro ao peito, Estavam subjugou facilmente o bebedor. Vendo-se livre da Espada da Conspiração, Hans levou a melhor com o homem de leis, e apossou-se novamente da carta. Tinha ao de leve escarlates as emaciadas faces, e a palpitarem as finas azas do nariz; no mais não denunciava a minima alteração.

Estavam ouviu-o com espanto dizer, cheio de ira e desprezo:

—*Palsambleu!* Já não posso atural-os! Que suinos tão avinhados e boçaes! Vamos! É deital-os para o chiqueiro! Conde, atire o seu a rolar pelas escadas abaixo! Se lhe doe o hombro, tem sãs as pernas, e boas solas nas botas de montar!

O legista, em quem, durante muito tempo, o vinho parecera actuar como estimulante, afinal tambem fraquejou, e, deitando os braços ao pescoço do musico, exclamou com grande ternura: «Ai o meu querido, o meu velho amigo!», e pareceu que ia adormecer encostado a elle.

—Pff!... bradou o rabequista, desenvolvendo-se por um movimento rapido, e, pregando-lhe uma revira-volta, fez com que elle fosse de escantilhão parar ao corredor. Em frente escancarava-se suggestivamente a porta de um quarto deserto, que o luar alumiaava. Para lá atirou o decano, bem como a espada, o cinturão e o cachimbo.



UM CORREIO QUE ARRIPIAVA A TROTE O CAMINHO DE CASSEL

Estevam seguiu este exemplo, mas foi mais compassivo, pois lançou a sua carga para cima de um colção de pennas.

—Temos outro ainda—disse o artista, sacudindo das mãos a poeira. Parecia enojado. Já não era o rabequista Hans, mas sim um verdadeiro *grand-seigneur*, offendido nos requintes de elegancia aprendidos em Versalhes. Levou outra vez Estevam até ao mesmo quarto.—Acarretemos para aqui o cevado. Segure-o pelos pés, que eu levanto-o pela cabeça.

O theologo ainda não tinha tugdido nem mugido. Os dois ergueram-n'o e foram deital-o a par do legista. Ficaram ambos estiraçados sob a luz branca do luar, e guardando uma tal ou qual symetria, como peixes no balcão de um peixeiro.

Sahiram para fora e Hans fechou a porta á chave. Foram escutar ao alto da escada, envoltos pela escuridão. A não ser a bulha que vinha de dentro do quarto, feita pelos conspíradores a resonaram, é um ruido semelhante

que subia do rez do chão, reinava silencio na estalagem dos «Tres Caminhos».

—É o correio—disse o vagabundo.— Não lhe annunciei, meú nobre amigo, que o levava para a companhia de heroes? Ouça-os! É assim que se conspira na Westphalia.

Quando voltaram para o quarto onde tinham estado primeiro, o musico encaminhou-se para a janella e esteve aspirando a longos haustos o aroma purissimo do arvoredado. Estava-se na hora mais tranquillã e mysteriosa da noite—a que precede a madrugada. Tingia-se o firmamento de um estranho e profundo azul para quem o via com os olhos deslumbrados ainda pela luz do candieiro que ardia interior do quarto. As estrellas iam empal-

lidecendo. Com a cabeça descahida para traz, o artista ergueu a vista e ficou olhando. Estevam já se habituara a respeitar certas coisas que elle fazia. Por isso não lhe disse nada, nem se lhe approximou; depois de ter desinfectado o quarto pelo simples expediente de pôr de lá para fóra todas as garrafas e cangirões, sentou-se e ficou esperando, absorto em dolorosa meditação.

O musico soltou afinal um profundo suspiro, e, deixando aberta a janella, veiu sentar-se defronte do companheiro. Entre elles estava o contheudo da mala furtada ao postilhão.

O velho tinha severo aspecto no semblante pallido e fatigado. Sempre em silencio, foi apanhando a correspondencia que ficara intacta, e deitando-a para dentro da mala.

—Dê-me, por quem é, e minha carta!—disse-lhe Estevam surdamente. N'isto, porém, o sangue quente e juvenil atraiçou-o, arrancando-lhe este grito de amargura: Oh! Sou um miseravel!

O companheiro olhou-o de soslaio. Coisa estranha—pois que era elle afinal, senão um desgraçado, meio demente e vencido da vida?—o sorriso que se lhe desenhou no rosto fez com que o mundo se animasse aos olhos do muito rico e nobre Estevam Lee, conde de Waldorf-Kilmansegg.

—Oh! Abençoados os infortunios da mocidade!—exclamou elle á sua antiga maneira, entre commovido e folgazão.—Essas magoas e suspiros, talvez não creia, hão de ser-lhe mais agradaveis nas recordações da velhice, que as bulhentas alegrias da sua mocidade! Aqui tem a carta. Vamos! Chore sobre ella, enfureça-se com toda a raiva dos anceios reprimidos. Pois que! Abre-lhe os braços, e Sidonia, em vez de precipitar-se n'elles immediatamente, ousa esquivar-se! Condescende em correr-lhe no encalço, e ella não pára immediatamente, deixando-se apanhar! Imaginou que o sol de amanhã o veria cingir a sua noiva contra o seio, e conhece afinal que ainda tem de fazer-lhe a côrte! Chore o seu cruel destino, achô-o realmente digno de lastimal

—Não tem aqui a rabeça?—perguntou Estevam, apanhando a folha de papel, que o outro lhe apresentava.—Podia pôr em musica a minha loucura. Quando quizer prégar-me algum sermão, prefiro, se não o incommodar, que o faça por meio das cordas do seu Stradivarius.

O musico ia já tomando como impertinencia estas palavras, e ainda chegou a contrahir o rosto, mas logo esboçou um sorriso; suspirou e disse por fim, retomando um aspecto de triste serenidade, ao mesmo tempo que desferia as cordas do instrumento, que Estevam lhe approximara.

—Não!

E poz as mãos sobre as cordas, para lhes fazer calar o som gemebundo. Continuou:

—Se eu agora tocasse, não seria musica para a sua mocidade, mas a que traduzisse uma dôr inconsolavel. Tolo! Pois não está viva aquella a quem ama? E ainda me vem falar, a mim, de desgraça!

As palavras eram desabridas, mas a expressão tinha ineffavel suavidade. Se Estevam se atrevesse, estenderia a mão para tocar na do musico. Não o fez porém, e foi bom.

O vento sussurrou nas arvores; na floresta havia bulicio e murmurios; o cariz do ceo purpurino e azul estremecia com pallidos cambiantes.

—Vae romper a manhã—notou o rabequista com voz fatigada.—Deite-se outra vez, que precisa dormir. Tem deante de si um dia de lucta. Guarde essa carta debaixo da almofada. Se lhe parecer cruel, lembre-se de que ella a teve nas mãos. Ah! Se soubesse como estaria ferido aquelle coração, para se desentranhar em palavras tão severas! É orgulhosa? Tanto mais propria para sua companheira. E de modo nenhum quer um casamento sem amor? Não é porque nunca venha a amar. Pobre Sidonia, que ainda hontem era uma creança!... Já que a tornou mulher, como tal deve apreciar-a.

Estevam, junto do sophá, estava palpitante sob as doiradas visões que ante os seus olhos febris evocavam aquellas palavras.

Sidonia, a gracil creaturinha, de fartos cabellos de oiro, e olhos castanhos e verdes, claros embora profundos, como arroio deslizando á sombra do arvoredado... Sidonia, cujos labios elle beijara uma vez, uma vez só, e que lhe sorrira por baixo do seu veu de noiva...

Negara-se a tocar o artista, mas era musica divina o que as suas palavras evocaram para Estevam, sob a luz purissima da madrugada.

O velho sahiu afinal da melancolica abstracção. Estendido no canapé, no completo abandono da fadiga, Estevam dormia como uma creança; o seu bonito e fresco semblante sorria, voltado para a luz da aurora. A ternura destendeu as feições do artista, que murmurou a meia voz.

—O' bella gioventú!

Baixou os olhos para os papeis que tinha dispersos deante de si, e franziu os labios n'um sorriso de mofa. Ali estava a obra do mesquinho crime praticado n'aquella noite, sob color de patriotismo e de conspiração nacional. Mas por fim de contas, não se poderia tirar do caso algum proveito? Como dormia profundamente o pobre moço!... Não é que o vagabundo invejasse a quem dormia, excepto se para o somno não houvesse despertar.

—Bom! Mãos á obra!

Cheio de repugnancia, pegou com as pontas dos dedos na missiva em que a burgravina Betty se rendia ao regio Don Juan. Era claro que a gentil serigaita se desvanecia com a ideia de ser uma das *mûl e tre*. Mas a borboleta Betty era casada!... Sim, tornava-se preciso salvar a borboleta, ao menos por amor



A CARTA QUE ME MANDASTE HOJE DE MANHÃ, MINHA BETTY!

da innocente creança, que não tinha, por enquanto, melhor agasalho que o d'aquellas azas tremulas e coruscantes.

Tornou a ler a carta destinada a Jeronymo Bonaparte e sorriu. Desdobrou depois a outra folha com a ponta do dedo. O terminante «Nunca!» resaltava do papel, traçado na fina lettra de Betty.

Sorriu-se de novo.

*
* *

Atravez da janella, veiu um raio horisontal do sol bater nas faces do dormente.

O rabequista ergueu-se para ir fechar o postigo. Estevam franziu os olhos e acordou.

A floresta, lá fora, entoava uma canção de força e vida, n'aquelle dia afanoso de primavera: eram chilreadas e gritos, era o investir das vergontes e renovos, era a lucta dos rebentos prenhes de seiva, era o zumbir das azas juvenis, era o tumultuar de animaes de pelo aveludado perpassando nas matizadas clareiras.

Dormir n'aquella manhã chegava a ser uma vergonha. Estevam respirou largamente o ar vivificante e descartou-se do mau humor.

—Está bem—disse-lhe o artista, como se elle lhe tivesse falado. Dá-nos o exemplo a natureza, que em tendo trabalho para fazer sempre o faz bem. Vamos a isto, companheiro: tambem temos deante de nós uma tarefa para desempenhar e sem demora. A mala está prompta. Façamos com que o postilhão parta novamente, a cumprir as interrompidas obrigações. Sabe Deus em que estado iremos encontrar o brutamontes. Naturalmente será preciso despejal-o á bomba. E então, ala para Cassel!

Quando já iam na escada, ouviram o som melodioso que os patriotas, resonando, produziam dentro do quarto fechado á chave. O postilhão já não dormia, mas ainda estava de papo para o ar, estendido no banco, de cara voltada para as vigas do tecto e mirando estupidamente um molho de ervas que lhe pendia por cima da cabeça.

Apesar da hora matinal, a casa já estava em plena actividade.

Na vasta lareira crepitava alegremente um bom lume, e de um quarto interior vinha o fresco som da agua a correr. O dono de estalagem, postado ao meio da porta aberta de par em par, contemplava a estrada deserta,

mas voltou-se para traz, apenas sentiu os passos dos dois companheiros que desciam a escada, e assumiu prazenteiro aspecto ao ver o rabequista.

— Bons dias! — disse-lhe Hans. — Bonitas coisas se passaram em sua casa esta noite.

—Então que quer!... Travessuras de estudantes!—respondeu o estalajadeiro, tomado de subito embaraço e recuando para a cozinha. Á passagem desviou furtivamente os olhos pequeninos, da mala que o rabequista acabava de pôr em cima da meza. E continuou: —D'essas coisas não quero saber. Deus me livre de quebrar a cabeça pensando no que faz quem é mais do que eu, e em partidas de estudantes. É por isso que hontem á noite peguei em mim e fui metter-me na cama. Eram coisas com que eu não tinha nada!—Riu muito contrafeito e proseguiu:—O que elles haviam de fazer!... Pespegaram-n'o, coitado do homem! dentro de uma pipa, que estava em Cassel, no pateo trazeiro da taberna do *Cachorro de uvas*, onde elle costuma ir beber uma golada antes de fazer o seu giro. E tres d'elles... que demonicos!... sentaram-se na pipa, e, cantando e fumando nos seus cachimbos, saíram por uma das portas da cidade, nas barbas dos soldados francezes, que os viram passar e até se riram, sem que um unico dedo se levantasse para mandal-os parar. Palavra que foi uma partida de mão cheia! A carroça e a pipa estão ali, no pateo.

E com o dedo pollegar designou, por cima do hombro, o pateo banhado pelo sol, ao mesmo tempo que ria forçadamente.

—Os seus esturdios—disse-lhe o musico ambulante—estão dormindo o somno das consciencias tranquilladas no melhor quarto da hospedaria. Fechei-os á chave para que o bom vinho que o sr. estalajadeiro lhes deu a beber, não lhes arrastasse a innocencia e leviandade a novos gracejos... que podiam ser de peor gosto.

Tirou a chave do bolso e lançando-a para cima da meza, acrescentou:

—Quando julgar conveniente, abra a gaiola aos passaritos.

O estalajadeiro pegou na chave, com certo contentamento. O musico durante segundos ficou pensativo, de olhos fitos no estiraçado postilhão, e casquinou afinal um frouxo de riso, murmurando:

—Dentro de uma pipa! É uma verdadeira graça de allemão, e não deixa realmente de

ter algum chiste! E o pobre diabo deu a entender que o tinham levado á força. Dizia a verdade.

O estalajadeiro ia já piscando o olho, mas reprimiu-se e limitou-se a tossir, resmoneando:

—Oh! Estes estudantes!

—Já me não admira que o animalejo tresandando a vinhaça!—exclamou subitamente o conde, franzindo o nariz delicado. Ahi está a explicação do medonho fartum a vinho azedo, que nos ia transtornando o estomago hontem á noite, quando aqui entrámos, e que ainda se sente, apesar de estarem abertas as portas e janellas á fresca brisa da manhã.

—Tem toda a razão, fidalgo—acudiu o estalajadeiro—tanto mais que o sarrafaçal está enopado em vinho, quer por fora quer por dentro. Se o espremerem, distilla vinagre... Deixal-o! Como me pagaram...

A este philosophico parenthesis, juntou:

—Minha mulher já lhe deu uns poucos de safanões, sem conseguir que elle se levantasse. Ali continua estatelado, mas era bem bom que se puzesse ao fresco.—Relanceou a vista com certo embaraço para o lado da mala, como se quizesse perguntar: «Que se ha de fazer áquelle impecilho?»

O musico disse com gravidade:

—Muito bem. O homem tem correspondencia para distribuir, não é assim? Distribuil-a-ha um pouco mais tarde. É coisa que em Cassel não tem hoje maior importancia. Necessita, porém, de ser completamente refrescado, e então eu e o meu companheiro levamol-o para junto da pia e o sr. estalajadeiro dá á bomba. Ah! Não será mau tirar-lhe primeiro o casaco. Vá, homem de Deus! Não esteja com indecisões. Se Sua Magestade tiver conhecimento do caso, talvez lhe dê uma condecoração. Pense n'isto!

—Deus me acuda!—disse o estalajadeiro, pondo-se branco enfiado e fazendo uma cruz sobre o alto do avental.—Se o rei Jeronymo soubesse isto, mandava-me fuzilar!

—Qual historia!—atalhou o musico alegremente.—Vá-se já com esta que lhe digo: dentro em pouco já não se dão condecorações nem se fazem execuções em nome de Jeronymo. Vamos no entretanto cumprir o nosso dever.—E voltando se para Estevam:—Nunca me pareceu tão enojado, meu caro companheiro, mas tenha paciencia, que não tarda um minuto a purificação do animalejo, como o sr. conde muito bem lhe chamou.

*
* *

Era realmente um correio purificado, um postilhão regenerado e submisso, que pouco depois arripiava a trote o caminho de Cassel, bifurcado no mesmo cavallo, que na vespera á noite o havia d'ali trazido dentro da sua prisão de humidas paredes. Suspensa a tira-collo levava a grande mala da correspondencia, diminuida apenas em dois mandados de prisão e uma carta particular, que, valha a verdade, já tinha chegado ao seu conveniente destino. Tambem levava uma moeda de oiro na algibeira, e na cabeça uma historia plausivel de violencias soffridas e do modo por que se libertara, para contar se por ventura lh'a exigissem.

*
* *

No melhor quarto da *Aigle Impérial* em Cassel acordou a burgravina Betty de Wellenshausen, e deitou para tudo o que a cercava um somnolento sorriso de complacencia.

Bocejou e espreguiçou-se deliciada. Como era bom acordar em Cassel, e sentir proximo o sussurrar da vida, a bulha incessante do pateo da hospedaria, as trompas dos postilhões, a bulha dos carros, o alegre vozear dos guardas francezes pedindo o café matutino, e os sons distantes das musicas marciaes trazidos pela briza! E encantava-se ainda mais com tudo isto, comparando-o com a solidão do seu burgo de Wellenshausen, alcandorado no cimo de uma rocha, onde a luz da manhã podia encontrar-a ás vezes com as nuvens adejando-lhe abaixo dos pés, e onde apenas quebrava o sepulchral silencio o esvoaçar de alguma ave que passasse perto do torreão envolto em nevoeiro.

Sim, achava *du dernier agréable* em Cassel—as preferencias de Betty inclinavam-se naturalmente para os francezes—o despertar na perspectiva de um dia que provavelmente ia dar-lhe a experiencia de coisas absolutamente novas e divertidas. Jeronymo era sem duvida um homem encantador!

Excedia talvez um pouco os limites do conveniente o pedido que elle lhe fizera de um *rendez-vous* secreto, porém Betty não lamentava a resposta que tinha dado. Sem estar completamente resolvida a ceder, acaso não teria

direito, louvado Deus! para distrahir-se um pouco, depois de tres annos passados em Wellenshausen!

Ainda não acabara estas futeis considerações, quando sentiu a porta ranger...

Esfregou os olhos e pensou que ainda estava a sonhar: no vão da porta apparecia a figura atarracada e a calva luzidia do marido.

Não havia duvida possivel. Era o burgrave de Wellenshausen em pessoa.

Betty sentou-se na cama, com a touquiha de rendas a escorregar-lhe das aneladas madeixas, um tudo nada aberta a bocca vermelha como cerejas, e muito arregalados os olhos: a verdadeira imagem do espanto e da indignação.

O burgrave avançou pelo quarto pesadamente e na ponta dos pés, lembrando um urso quando sae do covil. Tinha fechado a porta e parou a sorrir, meio timido, meio enfatuado.

Betty ergueu para o ceo as mãos, com os dedos enclavinados, e pousou-as outrta vez nos lençoes, rouquejando:

—Como se atreveu a!... Pois eu não lhe tinha prohibido?...

—Socega, minha Betty, amorzinho do meu coração, minha pomba! Vejo que te assustei. Estavas a dormir, meu anjo?... Logo que recebi a tua adorada cartinha, bem vês que...

—A minha adorada cartinha!—gritou Betty, com os olhos ainda mais esbogalhados e os cabellos mais em pé. Ficou immovel, a pensar. É certo que elle a bombardeara com supplicas abjectas, verdadeiros mugidos lançados ao papel; comtudo a resposta fôra terminante e firme.

—A minha adorada cartinha!—tornou Betty a dizer em voz baixa. E recordando-se do que tinha escripto ao marido, a custo sofreu uma gargalhada, e mais se lhe cavaram as covinhas das faces. O burgrave, contemplando-a amorosamente, disse comsigo mesmo que tinha deante dos olhos a mais seductora e allucinante creaturinha de quantas foram creadas para delicia ou tormento do homem. Afinal murmurou, tirando da algibeira do peito um papel côr de rosa:

—A carta que me mandaste hoje de manhã, minha Betty. Admiras-te de que eu, mal

a recebi, corresse logo em busca da minha terna esposa?—E, com o braço estendido, apresentou-lhe a missiva.—Queres que te leia as palavras tão dignas e repassadas de fidelidade conjugal, que escreveste aqui? Ouve: «seria desleal se persistisse em rebellião para com o meu legitimo senhor».

A situação esclareceu-se repentinamente para a burgravina: por um inexplicavel descuido tinha trocado os sobrescriptos das cartas, que escrevera na antevespera. Que negregada moda a tal dos sobrescriptos, inventado pouco antes pelos francezes!

Cerrou os labios, apertando-os com os dentes, e assim poude suffocar o grito, que ia soltar. Forcejou por se lembrar do theor d'aquella carta que tanto a desvanecera, e deu graças á Providencia, por lhe ter suggerido aquellas expressões finamente ambiguas. Salvavam a situação... e salvavam Betty, burgravina de Wellenshausen, de uma desgraça irreparavel.

Voltou-se e sorriu para o burgrave d'um modo encantador, arrulhando:

—Monstro! Por ventura mereces perdão?

*
* *

Estava um sol brilhante quando Estevam entrou pelas portas de Cassel. Ia a par d'elle o rabequista, mas, apenas se viu dentro da cidade, estacou e fez um aceno ao companheiro, dizendo-lhe:

—Adeus!

—Como assim!—exclamou o austriaco, tomando a redea ao cavallo e sentindo um grande abalo com esta partida inesperada.

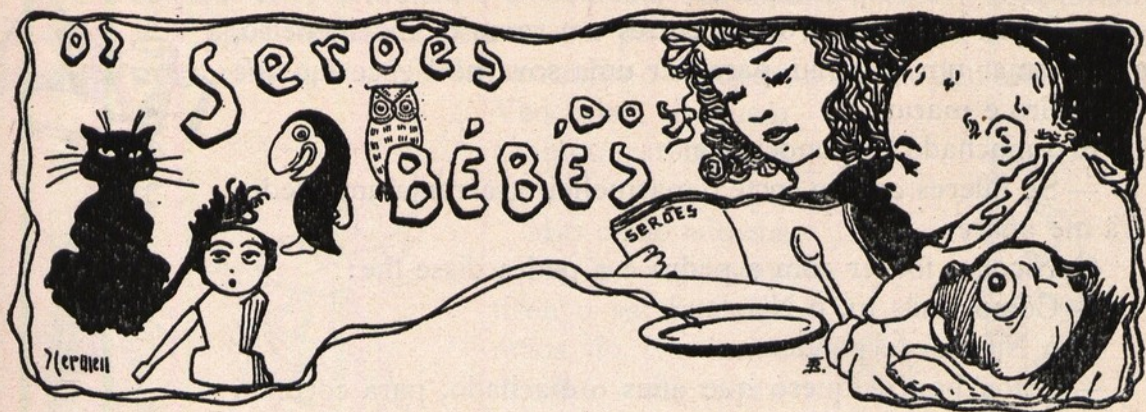
—Ah! Meu noivosinho! Se assim é necessario!... Que linda figura eu ia fazer na alegre Cassel! Não quero empanar-lhe de sombras a fidalga magnificencia.

Não obstante, approximou-se do companheiro, por cima dos seixos da calçada, pousou a mão no pescoço do cavallo, ergueu para o mancebo os olhos pisados, d'onde a zombaria tinha fugido, espancada pela meiguice, e disse-lhe baixinho:

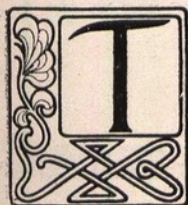
—É um rapaz de bem e ama-a. Ande, vá dizer-lhe a pura verdade!

(Continúa.)

AGNES E EGERTON CASTLE.



Nicolau e Venceslau



odos conheciam n'aquella terra o Nicolau e o Venceslau, dois homens nem moços nem velhos, nem altos nem baixos, nem bonitos nem feios,

um gordo, outro magro.

Ora o Nicolau tinha uma fazenda onde havia uma figueira, que dava bellos figos moscateis. O Venceslau foi lá um dia, trepou á figueira, apanhou muitas duzias de figos e meteu uns para a barriga e outros para as algibeiras.

Deu por isto o Nicolau e protestou que havia de arranjar um varapau para dar uma sova no Venceslau, que era ratoneiro e marau.

Foi ter com um marmelleiro que havia na fazenda, e o marmelleiro disse-lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu-lhe:

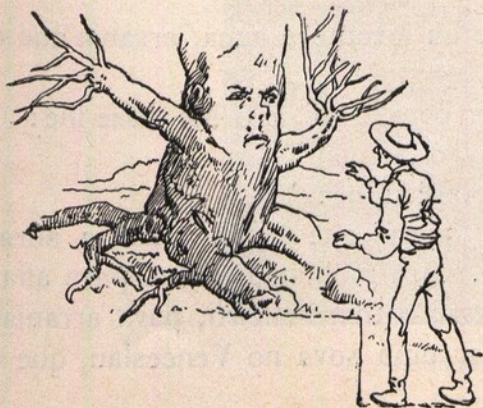
— Estou bom e quero um dos teus ramos, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.

E o marmelleiro respondeu-lhe:

— Se queres um dos meus ramos, arranja um machado para me cortares.

O Nicolau foi ter com o machado, e o machado disse-lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?



E o Nicolau respondeu lhe:

— Estou bom e quero que cortes um ramo de marmelleiro, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau que é ratoneiro e marau.

E o machado respondeu-lhe:

— Se queres que eu corte o marmelleiro, arranja uma pedra para me afiares.

O Nicolau foi ter com a pedra e a pedra disse-lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu:

— Estou bom e quero que afies o machado, para cortar o marmelleiro, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.

E a pedra respondeu-lhe:

— Se queres que eu afie, arranja agua para me molhares.

O Nicolau foi ter com a agua que havia no poço da fazenda, e a agua disse-lhe lá de baixo:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu-lhe:

— Estou bom e quero que molhes a pedra, para afiar o machado, para cortar o marmelleiro para arranjar um

varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.

E a agua respondeu-lhe:

— Se queres que eu molhe a pedra, arranja que a nóra me leve lá para cima.

E o Nicolau foi ter com a nora, e a nora disse-lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu-lhe:

— Estou bom e quero que levantes a agua para molhar a pedra, para afiar o machado, para cortar o marmelleiro, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.

E a nora respondeu:

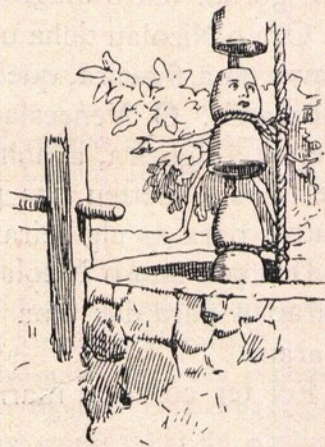
— Se queres que eu levante a agua, arranja que o boi me faça andar.

O Nicolau foi ter com o boi, e o boi disse lhe:

— Como estás tu, ó Nicolau?

E o Nicolau respondeu-lhe:

— Estou bom e quero que faças andar a nóra, para levantar a agua, para molhar a pedra, para afiar o machado, para cortar o marmelleiro, para arranjar um varapau, para dar uma sova no Venceslau, que é ratoneiro e marau.



E o boi, que era muito manso e obediente, fez andar a nora, e a nora levantou a agua, e a agua molhou a pedra, e a pedra afiou o machado, e o machado cortou o marmelleiro, e o Nicolau arranjou o varapau, com que deu uma sova no

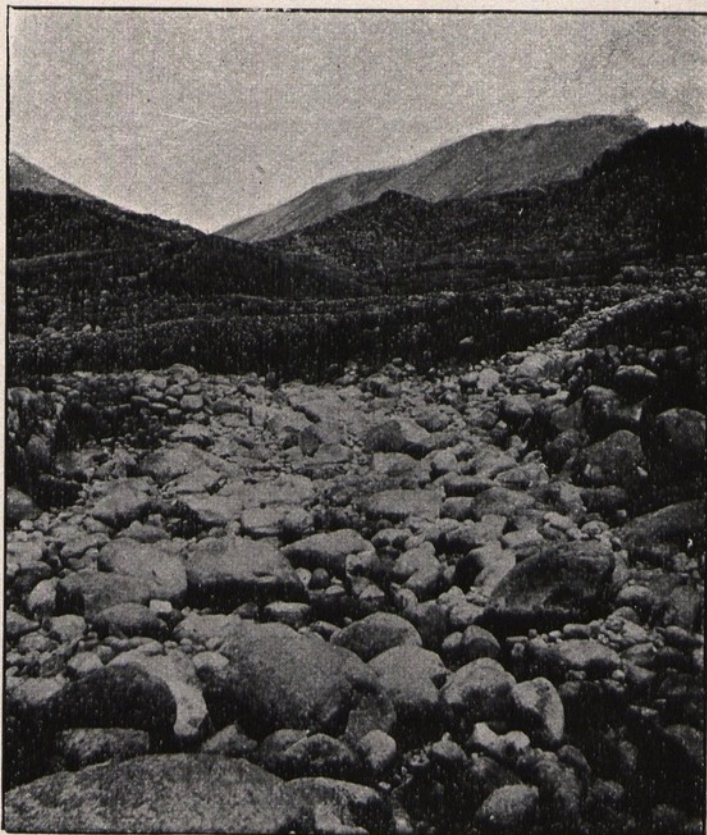
Venceslau, a quem chamou ratoneiro e marau.

Mas como não era peço, o Venceslau tirou o varapau das mãos do Nicolau e deu-lhe um troco menos mau.

E assim ficaram ambos castigados: por furtar os figos o Venceslau e por ser vingativo o Nicolau.



Concurso photographico dos "SERÕES" — Menção honrosa



UM TRECHO DE UNHAES DA SERRA

Photographia do sr. Antonio Antunes dos Santos.

CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS "SERÕES"—Menção honrosa



BUSSACO — AVENIDA DA RAINHA

Photographia do sr. Joaquim Severiano Pereira



ACTUALIDADES

Grandes topicos

POLITICA
MUNDIAL

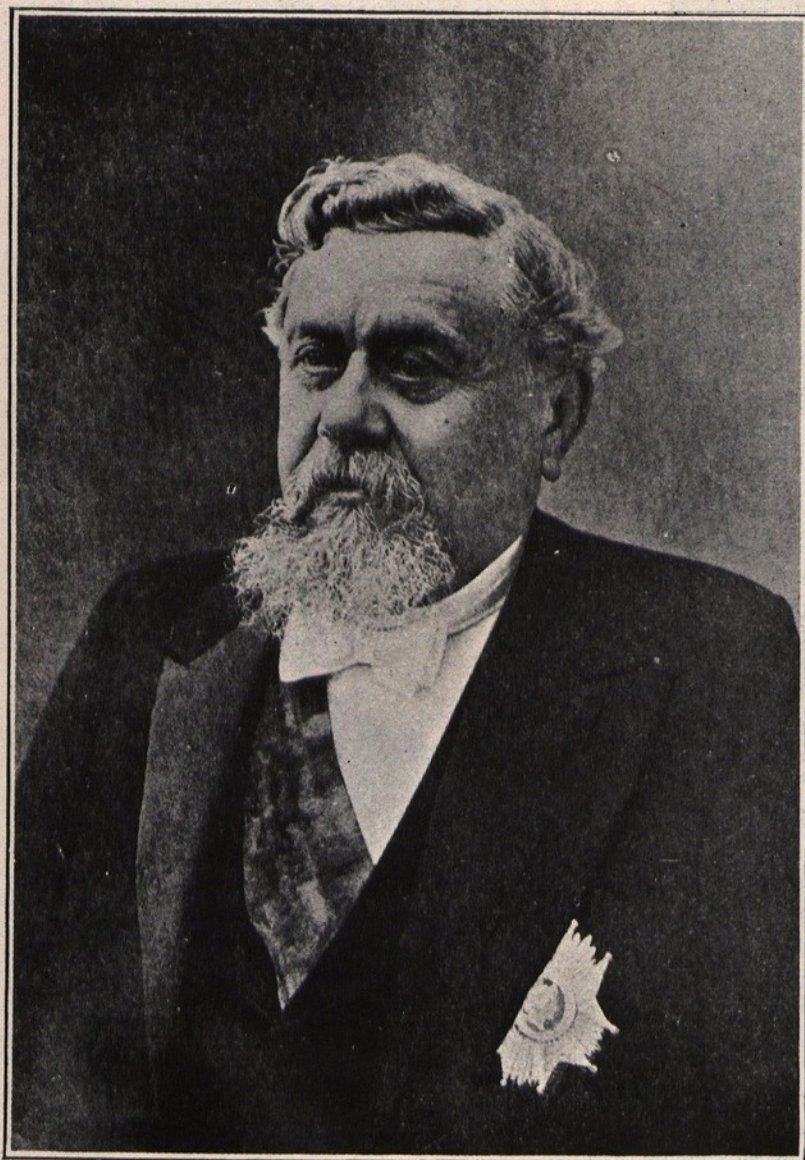
TODAS as atenções se acham n'este momento voltadas para Algeciras, embora das ses-

sões officiaes dos diplomatas pouco possa comprehender o publico avulso para formar previsões até certo ponto seguras sobre os seus resultados. A parte essen-

cial da conferencia passa-se entre bastidores, e aqui e alem, pela imprensa dos paizes principalmente interessados, surgem leves indicios do que vae occorrendo.

Apezar dos protestos pacificos do imperador da Alemanha, a attitude dos jornaes do seu paiz não disfarça em grande parte a hostilidade tradicional contra a França. A linguagem provocadora encontra echo até nas regiões officiaes, e ainda ultimamente, por occasião do anniversario natalicio do Kaiser, os discursos pronunciados cheiravam bastante a polvora. Naturalmente, a imprensa franceza nem sempre pôde conter-se nas normas de moderação de que ultimamente tem dado provas brilhantes e, para falar com franqueza, inesperadas.

A politica estrangeira de França parece não dever modificar-se com a ascensão á cadeira presidencial de Mr. Fallières, eleito a 17 de janeiro, e que se prevê continuará no caminho prudentemente trilhado pelo seu antecessor Loubet. Por conseguinte, em presença da attitude dubia da Alemanha, formula-se a mesma interrogação anciosa sobre o proximo emprego dos for-



ARMAND FALLIÈRES
NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA, ELEITO A 17 DE JANEIRO DE 1906

midáveis armamentos, que tem sido a preocupação das potencias europeas.

Internamente, acha-se a republica franceza a braços com um grave problema. Os motins ocasionados pela execução da lei de separação da Igreja e do Estado fazem receiar complicações de ordem religiosa, que são porventura as mais temiveis entre as dissensões civis. Que as afaste Deus, para quem presentemente se apella, como facho de guerra, Elle que os puros christãos respeitam como symbolo eterno de paz e concordia!

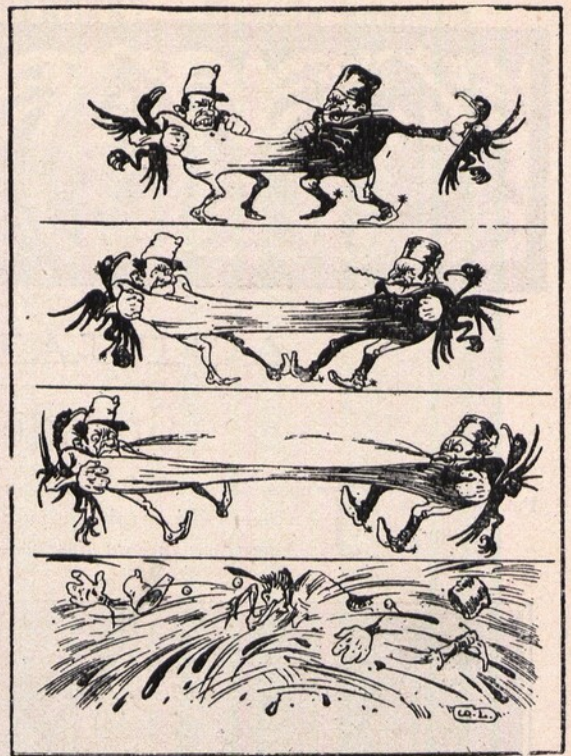
Todos estes successos tem desviado as atenções geraes do que se nos afigura um dos factos mais transcendentales do presente seculo. Referimo-nos á revolução russa, que continua em alternativas tragicas, ensanguentando o extensissimo soio moscovita.



O PRIMEIRO CARDEAL BRAZILEIRO
Sua Eminencia Arcoverde de Albuquerque
bispo do Rio de Janeiro

N'este momento, é a reacção que parece levar a melhor. A autoeracia, dominada pela burocracia que a tão lastimoso estado tem reduzido a Russia, trata de se esquivar ás promessas que um momento de justo terror lhe arrancou. Pelo menos, é licito duvidar da sua sinceridade, ao contemplar a maneira feroz por que tenta abafar-se o movimento revolucionario e a benevolencia com que se acolhem os protestos de fidelidade ao despotismo. Isto não impede comtudo que o incendio se propague e que resurja nos pontos mais afastados do imperio, desde o Baltico até Vladivostok, desde a Filandia e a Polonia até ao Cancaso.

É uma peripecia mais de um colossal drama



A SECESSÃO AUSTRO HUNGARA
O que pode vir a succeder
(Do «Nebelspalter»)

sangrento, esta a que estamos assistindo, e, apesar das esperanças dos reaccionarios, a autoeracia não póde por emquanto gabar-se de objectivo para a apotheose final.

E já que as cousas da Russia nos levam os olhos para o Extremo-Oriente, accentuemos o resurgimento do espirito nacionalista no Celeste Imperio,



OS BRINDES DO KAISER
«Ergo dois brindes: o primeiro á Paz, segundo á Guerra»
(Do «Weekblad vou-Nederland»)

onde os europeus estão sendo perseguidos e expoliados, como em antigas eras. O facto assume n'este momento gravidade excepcional. É porventura um symptoma da consciencia que a raça amarella vae adquirindo da sua força, triumphalmente manifestada nas ultimas victorias do Japão. Os mongolicos querem entrar na posse exclusiva da sua terra, e não tardará porventura que se valham, como o Japão, dos elementos bellicos que lhes proporciona a civilização occidental. E se assim fôr, o commercio europeu tem de contar com menos uma clientela importante, e a politica europea com menos uns vastissimos territorios para a sua expansão.



CARICATURA RUSSA SUPRIMIDA

O cocheiro representa o dormite e senil ministerio russo, que esta inconscientemente guiando as pilecas esalfadas e o carro escangalhado, representando a nação russa, para a ruina, sem reparar no aviso collocado no poste (Do «Oskolki»)

UMA GRANDE
CATASTROPHE
NAVAL

UMA catastrophe tremenda, enlutando o paiz nosso irmão de alem do Atlantico, feriu profundamente os corações portuguezes. Um dos mais bellos navios da marinha de guerra brasileira, o couraçado *Aquidaban*, foi destruido por uma explosão perto do Rio de Janeiro, victimando centenas de pessoas, entre as quaes dois almirantes e muitos officaes. A narrativa do triste acontecimento consta de toda a imprensa diaria. Abstemo-nos por isso de a reproduzir, emquanto o nosso illustre correspondente litterario do Rio de Janeiro não nos fizer chegar as mãos notas ineditas e vigorosamente impressionistas sobre o assumpto. Limitamo-nos por agora a consignar nos *Serões* a expressão da nossa profunda magua, e a noticia do sympha hico movimento que na patria portugueza, vae a'astrando, para nos associarmos de uma maneira condigna ás



POBRE WITTE!

WITTE — *Não me estrangules, aliás despenhamo-nos ambos (Do «Kladderadatsch»)*

manifestações dolorosas pelo tragico successo que feriu nossos irmãos de alem-mar.

Cerimonias funebres se teem realisado em varios templos, promovidas por brazileiros e portuguezes. Projecta-se em Lisboa um grande cortejo, afim de angariar subsidios para as familias orphanadas, e para o mesmo effeito se preparam espectaculos em diversos theatros. É um tocante symptoma da confraternização internacional pela dôr.



RAIOS DE SOL QUE ALCANÇAM LONGE

Todo o mundo aguarda com interesse e alguma anciedade os resultados dos triumphos japonezes na Manchuria (Do «Minneapolis Journal»)

Vida na sciencia e na industria

A ORIGEM
DA VIDA

A descoberta dos radiobios, feita ha mezes pelo sabio Burke, á qual já n'este logar nos referimos, e que tanto alvoroço despertou no mundo scientifico, presta actualidade frizante á obra ultimamente publicada em Inglaterra pelo dr. Bastian, e intitulada *A natureza e a origem da materia viva*.

O dr. Bastian não crê que os radiobios sejam realmente vivos, basta como argumento em contrario a sua solubilidade na agua. Está comtudo convencido da verdade da archebiose e da heterogenese. Por archebiose entende-se o desenvolvimento das cousas vivas das destituidas de vida, e o dr. Bastian acredita na realidade constante d'esse phenomeno.

«As absurdas noções antigas», diz o erudito auctor, «sobre a geração espontanea, taes como os ratos produzidos dos lodos do Nilo, as enguias do lodo dos rios em geral (Aristoteles), as abelhas nascidas da carne putrefacta dos bois (Virgilio), e outras fantasias do mesmo jaez, é claro que não são dignas de consideração scientifica... Com respeito ao processo da archebiose, nenhum sectario da evolução poderá nunca suppôr que elle tenha algo de commun senão com a origem de formas organicas inferiores e simples... Por sua mesma natureza deve ser um processo completamente fóra da experiencia humana—e que é de presumir nunca venha a entrar nos limites da observação effectiva dos homens.

«De fórma que, ainda quando ao professor Huxley fosse dado, como elle disse n'um discurso celebre, «olhar para além do abysmo do tempo geologicamente definido», não seria nada provavel que elle fosse capaz de assistir, como elle affirmava, a uma «evolução do protoplasma vivo proveniente da materia sem vida». O maximo que elle poderia vêr (e ainda armado de um poderoso microscopio) seria o que lhe era dado ver durante a sua existencia, em condições mais favoraveis, isto é, uma emergencia gradual na esphera do visivel, dentro de algum fluido apropriado, das particulas minimas do protoplasma vivos.

É isto mesmo que o dr. Bastian assevera ter observado em repetidas experiencias a emergencia, n'um fluido absolutamente isento de vida, de minimas particulas vivas que rapidamente se transformam em bacterias ou n'outras formas reconhecidas da vida inferior. Suggere elle que se deve buscar a explicação na actividade natural de moleculas, semelhante á que produz os crystaes. Deve citar-se um importante argumento de puro raciocinio:

«Se, «pergunta elle,» como sustenta a maioria dos evolucionistas, surgem formas primitivas de vida apenas no passado remoto e não continuam a surgir até hoje, como é que ainda enxameiam na terra esses organismos inferiores—bacterias, amebeas,

bolores, infusorios, e outros que taes? Ha muito que a evolução as devia ter elevado na escala dos seres.»

A sua persistencia e universalidade demonstram que esses organismos, dos quaes, ou de identicos, se teem evolvido organismos superiores atravez dos seculos, estão a cada passo sendo creados da materia inerte. Em resumo, a criação é um processo incessante, não um facto remoto que só uma vez occorreu.

A outra theoria, a heterogenese (a transformação de um organismo n'outro), constitue a «specialidade do dr. Bastian. De ha muito se sabe que nos pecegueiros não de, sem se perceber como, apparecem nectarinas, que entre os pavões ordinarios apparecem pavões de espadua negra, e assim por deante; e nos graus inferiores da escala das cousas, ainda ultimamente se viu a transformação do radium em outros metaes. O dr. Bastian pretende, e para o demonstrar descreve um grande numero de experiencias, ter visto varios organismos inferiores transformados n'outros organismos inferiores, por exemplo, corpusculos de Alorophylle em amebeas, infusorios originados nos ovos de uma especie de moscas. etc.

Por todo o livro ha muita heterodoxia, mas uma conclusão pratica, exarada em appendice, transcende muito além das especulações da sciencia pura. Mostra o dr. Bastian como das suas theorias se deduz que os germens de febre typhoide, tuberculose, lepra, etc., não se originam forçosamente de outros germens, mas podem ser «gerados espontaneamente» pelo ar viciado ou casas semelhantes. Por outras palavras, segundo o seu parecer, é um erro a tendencia moderna de achar no contagio a causa unica e exclusiva de taes molestias.

A INTELLIGENCIA
DOS ANIMAES

COM respeito á psychologia dos animaes, ha pelo menos tres escolas distinctas em presença: a de Descartes, que considera o animal simplesmente uma machina animada; a que attribue todos os actos dos animaes ao puro e simples instincto; e finalmente a que considera que, se ha casos em que o animal actua automaticamente e outros em resultado ao instincto, nem por isso elle deixa frequentes vezes de praticar actos resultantes de associação de ideias, por outra, do raciocinio. A esta ultima escola pertence o naturalista francez Mr. Lepinay, que ao assumpto consagrou muitos annos de atenção e fez em Paris conferencias periodicas perante um auditorio tão mesclado quanto possivel, comprehendendo medicos e professores da universidade n'um dos extremos da escala, cocheiros e tosquiadores de cães na outra.

Entre os animaes classificados como intelligentes

recusa-se Mr. Lepinay a incluir aquelles que foram ensinados por um treno prolongado, muitas vez á custa de castigos crueis, a executar as habilidades que se presenciam nos circos. Para elle, animaes intelligentes são exclusivamente os que espontaneamente praticam certos actos. «Por exemplo,» diz elle, «se eu me ausentar uns dias de casa e por inadvertencia tiver deixado o meu cão fechado n'um aposento, e se ao voltar, perceber que o animal, na mira de matar a foine, levantou o fecho da porta, entrou na cosinha e ali abriu um armario tambem fechado para encontrar um prato de carne, devo decididamente applicar ao animal o epitheto de intelligente.»

Para estudar a mentalidade dos animaes, Mr. Lepinay julga necessario entender convenientemente a dos entes humanos. Entre os cães, por exemplo, existem, diz elle, brincalhões, rabugentos, hypocritas, exactamente como no genero humano. Trouxeram-lhe uma vez um gato que o dono considerava doido, mas que afinal veio a perceber-se soffrer simplesmente de neurasthenia, a ultima forma de doenças em voga entre individuos humanos. Curaram-no em poucos dias com tratamento apropriado.

Um dos maiores triumphos da theoria de Mr. Lepinay, obteve o elle com um coelho bravo capturado ainda muito novo na floresta de Fontainebleau. Passados tres mezes, o animal comia á meza da familia Lepinay, pernoitava n'uma cabaninha para elle arranjada, e portava-se em todos os actos como uma creança bem educada.

A MORDEDURA
DO MOSQUITO

AFFIRMA O
natura-
lista in-

glez James Scott ser a femea do mosquito que inflige as incommodas mordeduras de que muita gente se queixa durante o verão. O formidavel aparelho offensivo é maravilhosamente construido.

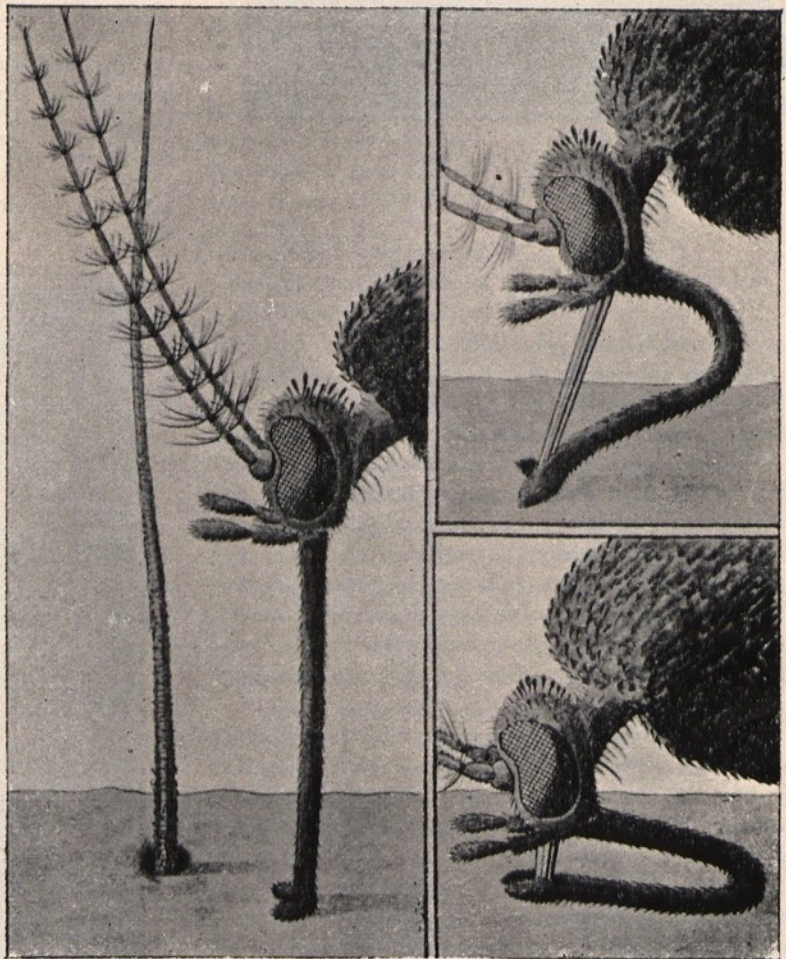
O mosquito femea tem uma tromba comprida e direita, terminando em dois lobulos ou labios sugadores. Dentro d'este receptaculo ha cinco lancetas; outra existe mais delgada, metida n'um entalhe que fende a tromba em todo o seu comprimento, permittindo que o aparelho completo das lancetas se recolha.

O mosquito adapta os labios da tromba de encontro á pelle e abre um furo pela carne dentro. O

sabio inglez, afim de experimentar praticamente, apanhou um mosquito e metteu-o dentro de uma tampa circular de vidro, ligada ao braço.

A' proporção que as seis lancetas, combinadas de modo a formar um unico instrumento perforante, iam profundando mais e mais no braço, a tromba foi-se arqueando para a banda de traz, vibrando como uma sanguessuga no acto da sucção. Entretanto o entalhe ou fenda cerrava-se hermeticamente. Os dois labios estavam comprimidos com firmeza de encontro ao orificio d'onde o sangue espadanava, e á medida que a refeição se adeantava, podia-se ver nitidamente, atravez da membrana delgada dos lados do abdomen, o insecto a inchar até um volume anormal e a tingir-se de vermelho vivo.

O ferrão ou instrumento mordente embebeu-se completamente na carne, e então o mosquito começou a *serrar* com o ferrão n'um movimento de vaivem. O que é curioso é não ter o escriptor soffrido dor alguma durante este trabalho, apesar de ter a *serra* de comprimento cerca de um oitavo de polegada (0^m,0034).



O APPARELHO OFFENSIVO DO MOSQUITO

À esquerda vê-se a imagem muito ampliada da tromba do mosquito, na qual estão embainhados os ferrões, collocados com firmeza de encontro ao braço humano.

A imagem superior da direita mostra o ferrão em parte embebido na carne, e na inferior vê-se o mosquito, depois de mergulhar o ferrão agudo, saboreando aparentemente a sua ração de sangue.

Vida nas lettras



AFFONSO LOPES VIEIRA

Auctor do novo livro *Ar livre*

«A RUA DO OURO» **S** fino escriptor de tantas luminosas e graciosas paginas de chronica e de impressões de viagem que é Alfredo Mesquita, acaba de revelar-se sob um aspecto novo. Com o seu recente livro *A Rua do Ouro* toma decididamente logar, e dos primeiros, entre os nossos romancistas mais originaes.

Este livro significa nos dominios do romance portuguez alguma coisa de novo: a representação, no sentido esthetico d'este termo, da vida publica lisboeta no seu aspecto politico dos ultimos dez annos. Alfredo Mesquita analysa, com superior argucia, alguns dos problemas e factos sociaes que, ao modo de ser da politica da nossa terra, trouxeram as novas correntes do pensamento e as novas condições d'existencia moderna.

As qualidades que n'elle revela são magnificas. A composição é perfeita. A observação cheia de justeza. A pintura dos caracteres é feita solidamente, sobre um desenho firme, em que um traço de satyra não altera, antes aviva, a essencial verdade.

Os personagens são tomados sobre o vivo e vivem na ficção com a intensidade da vida real. O dialogo, sem ter a despreoccupada correnteza do dialogo ordinario da nossa vida social, deixando perceber uma sarcastica intenção de *charge*, é superiormente tratado n'uma lingua que tem raras qualidades de elegancia, de colorido e de vida, saborosa e rica, picante e clara como uma manhã de sol á beira mar.

«AR LIVRE»

UM suave pantheismo, cheio de piedade e de melancholia, reçuma das bellas paginas do

Ar livre, o ultimo livro de Affonso Lopes Vieira. A alma das cousas, com as lagrimas que cahiram sobre o coração do vate latino, vibra na penna do lyrico portuguez. Sentimento intenso, expressão singela, sinceridade affectiva, eis as qualidades que distinguem o soberbo talento de Lopes Vieira e que o tornam um dos primeiros poetas da moderna geração, ao lado de Corrêa de Oliveira, o lyrico encantador com quem elle tem tantos pontos de contacto, embora divirjam os dois na orientação philosophica do seu pensar. E no emtanto esses dois gemeos da poesia nacional, entendem-se admiravelmente e falam ambos com igual intensidade ao nosso espirito.

O *Ar livre* pode considerar-se a consagração definitiva de um pujante talento poetico, cujos primeiros arroubamentos tão feiticieras esperanças inspiravam. Esse rapaz franzino e scismador, em cujos olhos passa de relance a doce alegria da natureza illuminada pelo sol peninsular, está destinado a gravar um profundo sulco na historia da litteratura nacional. Pode por isso considerar-se um acontecimento a publicação do seu novo livro, onde todas as almas sãs poderão beber consolações e impregnar-se da dor universal, que, como diz o poeta,

«é o modo perfeito de viver».



ALFREDO DE MESQUITA

Auctor do novo livro *A Rua do Ouro*

Vida nos campos

MARÇO —
NO CAMPO

TRATA n'esta occasião o lavrador de mondar os cereaes que já se estão desenvolvendo e marcando a extensão das searas onde apparecerá mais tarde o producto de tanta canceira, e de tanto capital empregado.

Nas mondas empregam-se em geral mulheres, por ser um trabalho leve, e que pede paciencia e cuidado. Consiste esta operação em remexer a superficie do terreno semeado, com pequenas enxadas ou sachos, para quebrar a codea formada pela terra alagada com as chuvas; ao mesmo tempo destroe-se a herva, que prejudica o desenvolvimento da planta util.

Para que este trabalho não offenda nem a haste nem as raizes da planta que se deseja beneficiar, torna-se indispensavel muita attenção e habilidade.

Nas sementeiras feitas com os semeadores mecanicos a semente fica perfeitamente alinhada com intervalos regulares que muito facilitam as mondas, que tambem n'esse caso se podem executar mecanicamente com aparelhos especiaes.

Esses processos de reconhecida utilidade pratica e economica, só se justificam nas grandes lavouras, deixando a mais modestos camponezes a necessidade de utilisarem as mondas a braço.

NA VINHA

CONTINUA a cava das vinhas e bacelados para localisar na cepa toda a força da terra.

As primeiras cavas, mais importantes, não só pela resistencia da terra como pela abundancia da herva, que as chuvas fizeram nascer e desenvolver, são sempre mais fundas e intensivas do que as segundas.

Os cavadores caminham a par em numero compativel com a distancia da plantação, e é ver como cada um trata de se conservar no alinhamento geral para manter os seus creditos de desembaraçado.

O trabalho das cavas, por ser mais violento, é destinado aos homens.

Nas grandes vinhas este trabalho é feito á charrua puxada com um só animal, guiado a cordões pelo proprio rabejador da charrua, ou levado pela arreata quando não está muito habituado a este genero de trabalho, que requer muita cautela.

É para empregar a charrua que os vinhateiros dispõem modernamente em alinhamentos regulares e desafogados as suas vinhas. O trabalho fica assim muito mais barato e é mais rapido.

NA HORTA

CONTINUA n'este mez a cava e armação da terra em taboleiro para a sementeira das diversas plantas que mais tarde serão transplan-

tadas para o logar definitivo do seu desenvolvimento.

Semeam-se tambem n'esta occasião os milhos cuja cultura não chegou ainda entre nós ao seu ultimo grau de aperfeicoamento.

O milho é uma planta que pode ser completamente aproveitada, e que infelizmente o não é.

É usual aproveitar-se d'esta planta apenas o grão, e o folhelho; aquelle para alimentação do homem e este para a de animaes. A canna e o carolo da maçaroca só serve para estrume ou para queimar. O seu valor assim fica muito reduzido, quando para alimentação, pelo menos a canna tão rica é.

Se cortarmos o canoilo do milho, especialmente aquelle que se dá nas hortas, como de regadio, torna-se um alimento de grande utilidade por encerrar o seu interior muito assucar. Não ha animal que o não accite com agrado.

O retalhamento da canna de milho faz-se facilmente em aparelhos especiaes chamados cortapalhas.

O carólo, ou interior da maçaroca, pode ser esfarelado em moinhos especiaes e ajuda muito quando misturado com qualquer comida mais succulenta. Na America moe-se a maçaroca inteira, isto é triturase o grão misturado com o carolo, o que constitue uma bella ração.

NO JARDIM

Gardineiro tem n'este mez o maior trabalho do anno pois que tem a fazer a plantação de todos os arbustos que terão de florir pela primavera como murta, alecrim, jasmim, alfazema, etc.

Tem de transplantar para o seu logar definitivo segundo o plano do jardim e a exigencia da flor as violetas, flores de primavera, margaridas, etc.

Alem de tudo isto tem de semear em alfobre as primeiras flores que deverão ornar-lhe o jardim como açucenas, cravos, goivos, mangericões, amores perfeitos, mangerona, boas noutes, etc.

O bom gosto do jardineiro pode manifestar-se muito bem n'este mez, porque é agora que inventa, escolhe e dispõe o matiz e boa distribuição das flores que a primavera vae em breve fazer florir.

Não é só em matizar porem que consiste a habilidade do bom jardineiro. Deve attender á epoca propria da floração de cada planta, de forma que a sua distribuição seja feita por forma que haja flores por todo o jardim durante o maior espaço de tempo possivel.

O jardim no campo é um salutar e agradabilissimo desafogo onde o lavrador descança, e ganha alento para o seu penoso e aborrecido labutar, por isso convem ser dirigido, cuidado e vigiado por uma senhora.



O MATCH DE «FOOT-BALL» NO CAMPO DAS SALLESIAS
Os grupos contendores

Vida no Sport

FOOT-BALL

REALISOU-SE a 28 de janeiro no Campo das Sallesias, em Belem, o anunciado desafio de *Foot-Ball Association* entre as equipas do «Grupo Sport Lisboa» e o «Club Internacional».

O «Grupo Sport Lisboa» ganhou pela homogenidade dos seus jogadores que, mais seguros do seu folego e mais scientes do seu jogo, avançavam vigorosamente sobre o campo dos seus adversarios que prejudicavam a offensiva para auxiliarem a defensiva.

O resultado foi: 2 *goals* do «Grupo Sport Lisboa» contra um do «Club Internacional».

Do «Internacional» ha a notar: o bom serviço de

Shaddock a *Goal-keeper*, apesar de não ser esse o seu lugar habitual; a defeza energica de Scarlett a *Half-back*.

Os *forwards* d'este grupo prejudicaram-se muito pelo jogo individual que fizeram; no entanto deve especialisar-se Fernando Pinto Bastos que marcou um *goal*.

Do «Grupo Sport Lisboa» foi magnifico o jogo da linha de *half-backs*. Couto, principalmente, mostrou-se infatigavel.

A linha de *forwards* d'este grupo contrastou com a do adversario pelo jogo combinado que só o *treino* pôde dar, e que ella só com o *treino* adquiriu.



UM LANCE DO «FOOT-BALL» NO CAMPO DAS SALLESIAS